



# REFLEXÃO

REVISTA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

VOLUME II — NÚMERO 5 — MARÇO 1977

## EXPEDIENTE

### REFLEXÃO

Revista trimestral do Instituto de Filosofia e Teologia da PUCC

Diretor Responsável: Côn. Haroldo Niero

Editor-Chefe: Antônio Joaquim Severino

Conselho Editorial: João Francisco Regis de Moraes, João Carlos Nogueira, José Antônio Moraes Busch, Tarcísio Moura, Francisco de Paula Souza, Gabriel Lomba Santiago.

Colaboradores Efetivos: André Wilson Martinelli, Antônio Teixeira Filho, Brígida Montini, Brasilino Paschoal Canoas, Constança Marcondes Cesar, Fernando Godoy Moreira, Glauco Prado Nogueira, Jamil Cury Sawaya, João Correa Machado, José Machado Couto, Lídia Maria Rodrigo, Luís Roberto Benedetti, Maria Soares de Camargo, Mario Scolari, Dom Roberto Pinarello de Almeida, Vera Irma Furlan de Faria.

Diagramação e Composição

Supervisão Geral: Anis Carlos Fares

Coordenadora: Celia Regina Fogagnoli

Equipe: Elizabeth de Souza, Maria Imaculada Ferraguti Pinto e Marilza Martinazzo Dainesi.

Desenhistas: Alcy Gomes Ribeiro e João Daniel de Araújo.

Impressão

Chefe: Benedicto Ferreira

Subchefe: Benedito Antonio Gavioli

Equipe: Ademilson Batista da Silva, Alceu Amauri Costa, Airton Roberto Anesi, Antonio Garcia, Luiz Carlos B. Grilo, Nilson José Marçola e Ricardo Maçaneiro.

Auxiliares de Administração: Vilma Pratalli e Maria Aparecida R. Mendoza

Redação e Administração: R. Marechal Deodoro, 1099 — Centro

13100 — Campinas — SP — Tel. ( 0192 ) 2-7001 — ramal 29

Assinatura anual: Cr\$100,00

Número avulso: Cr\$ 30,00

Distribuição e vendas avulsas:

CORTEZ & MORAES LTDA.

Rua Ministro de Godoy, 1022 — tel. ( 011 ) 62-8987

05015 — São Paulo — SP

A revista **Reflexão** aceita colaborações que lhe forem espontaneamente enviadas, reservando-se o direito de publicá-las ou não. Os originais não serão devolvidos. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

CAMPINAS	Reflexão	Ano II	Nº 5	março/1977
----------	----------	--------	------	------------

## SUMÁRIO

Editorial .....	3
<b>ARTIGOS</b>	
Haroldo Niero, Universidade Católica e Igreja Universal .....	7
Gabriel Lomba Santiago, A expressão Humana da Revelação Divina .....	13
Tarcísio Moura, Dr. Albert Schweitzer ou um Diagnóstico da Cultura ....	25
Júlio Mariano Jr., Paradigma e Modelo na Epistemologia de Thomas Kuhn .....	49
Roosevelt M. S. Cassorla, O Sujeito-Sujeito .....	57
Luiz F. Silva Wiedmann, Sociopsicologia do Conflito .....	69
<b>CRÔNICAS</b>	
Notícias do Instituto .....	87
Noticiário Científico Cultural .....	91
<b>RESENHAS</b> .....	105
<b>BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA</b> .....	119
<b>BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE TEOLOGIA</b> .....	143
<b>REVISTA DE REVISTAS</b> .....	157

## EDITORIAL

A publicação do número 5 de **Reflexão** dá-nos o ensejo de reiterar aos nossos leitores o testemunho de nossos agradecimentos pelo apoio que deles recebemos durante este primeiro ano de existência. Iniciamos o segundo volume com muita esperança e otimismo que, esperamos, reafirmado este apoio que até agora nos sustentou, venha a se transformar em segurança e certeza para levarmos a bom termo a 2ª etapa deste empreendimento. Bom caminho já foi percorrido. Muitas vitórias alcançadas. Muitas idéias foram trocadas, novos amigos foram feitos. Muito ainda há por fazer. E que só poderá ser feito com a colaboração de todos aqueles que se deixarem comprometer, comunitariamente, com os objetivos fundamentais da formação integral da pessoa humana, com a busca da delimitação concreta do significado autêntico destes objetivos no contexto de nossa realidade histórica.

Neste número que abre o 2º volume, o tema do sentido de uma Universidade Católica, no contexto do mundo contemporâneo, tema que nos concerne tão intimamente, alimenta a reflexão teológica que abre a seção de artigos. Contamos, desta feita, com uma comunicação apresentada no último Encontro da ABESC — Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas, — ocorrido em Salvador, no mês de janeiro de 1977. Comentando os Documentos Carreras/Dias e Van Melse, Haroldo Niero, um dos representantes da PUC de Campinas naquele Encontro, aborda as relações entre a Universidade Católica e a Igreja Universal: conclui o autor que, ligada à Igreja e atenta à iluminação do Espírito, a Universidade Católica não poderá perder de vista o sentido de sua inserção na comunidade humana a qual ela deve, fundamentalmente, servir.

Gabriel Lomba Santiago busca mostrar, mediante uma reflexão fenomenológica-existencial, como a revelação divina se expressa através de gestos e símbolos, tornando-se comunicável ao homem que assim reencontra, na própria simbólica de sua cultura, a expressão da palavra divina.

Esta cultura humana, enquanto dimensão concreta da história foi submetida a severo diagnóstico pelo grande pensador, Albert Schweitzer,

diagnóstico este simultaneamente material, filosófico e espiritual: a exposição destas penetrantes análises filosófico-teológicas nos são apresentadas pelo estudo de Tarcísio Moura.

Júlio Mariano Junior nos apresenta a definição de modelo decorrente da epistemologia de Thomas Kuhn, estabelecida a partir da relação com o conceito de paradigma.

Recorrendo ao pensamento psicanalítico, Roosevelt Cassorla procura circunscrever a significação viável do sujeito que se enucleia através da linguagem e no desejo.

Da perspectiva da sociopsicologia, abordando a questão do conflito que destrói a comunhão humana, Luiz Felipe Wiedemann mostra a dependência do conflito individual frente ao conflito social tanto na sua causação como na sua superação com vistas a uma plena cooperação social.

A reflexão que nossa Revista pretende simultaneamente ser e transmitir concretiza-se, pois, neste número, num esforço de uma interdisciplinaridade que vai da teologia à psicologia, guiando-se por um posicionamento filosófico. À filosofia cabe, sem dúvida, coordenar e integrar as diversas abordagens do saber humano, numa convergência de significação, numa perspectiva de totalidade e unidade que respeita, contudo, a autonomia dos vários enfoques das ciências. Possibilitando, assim, um diálogo neste estilo, **Reflexão** quer continuar fiel a seu objetivo de suscitar e sustentar o debate entre os estudiosos de todas as ciências desde que sensíveis à problemática fundante de todo e qualquer discurso: o da busca do significado da existência.

**ARTIGOS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA E IGREJA UNIVERSAL**  
**Comentário aos Documentos Carreras/Dias e Van Melsen**

**Haroldo Niero** \*

**I – INTRODUÇÃO**

Em atenção ao pedido do Secretariado da ABESC, trazemos aqui alguns comentários sobre os dois documentos, à guisa de notas que, sem dúvida, devem ser retomadas. De fato, as observações apostas não pretendem, de maneira alguma, exaurir o assunto de si tão rico e complexo e pelo tempo que nos cabe e, principalmente, pela competência que nos limita.

Procuramos refletir, levando em conta o peso dos autores, sem a preocupação de crítica preferencial a uma ou outra posição. Não se trata de um juízo de valor.

A Comunicação que agora se apresenta é fruto de rápida pesquisa, cujo objetivo é despertar o interesse a quantos, por vocação, trabalham em Universidades Católicas.

As conclusões a que chegaram, em Roma, a 20/29 de novembro de 1972, os Delegados da FIUC, em Congresso, apontam algumas notas essenciais a respeito da natureza da Universidade Católica, que permite, com o texto, então elaborado, assim defini-la: "A Universidade Católica quer ser uma comunidade de intelectuais, representando os vários setores do saber humano, uma instituição universitária, na qual o Catolicismo está presente e atuante."

Entendida desta forma, à Universidade Católica parece muito legítimo concluir que, além de sua missão específica que a caracteriza como centro de cultivo do saber, é próprio da Universidade Católica, bafejada pela

---

\* Diretor do Instituto de Filosofia e Teologia da PUCCamp. Mestrando em Filosofia da Educação na mesma Universidade.

Igreja, iluminar esse saber humano com a luz da Revelação. Em poucas palavras: ler a realidade do homem e do mundo à luz da Fé.

Portanto, sem se confundir com o todo, a Igreja, da qual a Universidade Católica é parte carinhosa e porção muito especial, a Universidade Católica enquanto promove seriamente ciência, promoção humana, dentro de uma dimensão evangélica, vai ela cumprindo sua tarefa.

Ora, mais do que nunca, a Igreja atualmente procura o seu caminho. Dinâmica, histórica, o que lhe vale dizer, cheia de vida, “datada e situada”, como o próprio homem, a Igreja de Cristo está sempre em continuada renovação e para a perfeição. Dócil ao sopro do Espírito, para não trair o legado do seu Fundador, está Ela atenta e aberta “aos sinais dos tempos”. Inserida, assim, num mundo de fatos, o que significa de conhecimentos, opiniões, concepções e normas, é necessário ou assumir ou transformar esse mesmo mundo para torná-lo cristão. Nesse trabalho os cristãos se empenham para fazer vívida a vocação sobrenatural do homem, chamado por Deus.

De modo análogo, a Universidade Católica deve estar aberta ao mundo e aos novos acontecimentos que também surgem na busca do seu caminho. E quando o mundo se renova, ela trai sua missão se não se renovar.

Por isso, olhamos com respeito e muito podemos apreender de uma Universidade de Santo Tomás de Aquino. Porém, a nossa Universidade, hoje, não pode repeti-la. A nossa história é outra e não há como fugir dela.

Ademais seria pobreza nossa, da Igreja e infidelidade ao tempo não responder aos anseios, às esperanças da época, quando as perguntas são outras. Sabemos das possibilidades infinitamente ricas do Evangelho, que deve e pode impregnar a cultura contemporânea, porque ele é luz que ilumina a todo homem que vem ao mundo.

No entanto, isto tudo não é fácil porque as coisas mudaram. Mas aí está o desafio ao qual a Universidade Católica deve responder. Para isto ela é chamada.

Observemos que colocar o problema da Universidade Católica não é de forma nenhuma, duvidar da sua validade, da sua desejabilidade. A questão deve ser colocada a cada momento, e com coragem, porque ela nos interessa. Uma instituição tal como a Universidade Católica, colocada a serviço da comunidade, o que quer dizer, do Povo de Deus que caminha, deve repensar a cada momento, a história encarnada desse mesmo Povo para lhe projetar luz aos novos ângulos da caminhada.

## II – REFLEXÃO SOBRE OS TEXTOS

Van Melsen alude em seu comentário à posição de Carreiras/Dias, alguns fatos novos que, realmente nos dias atuais, dificultam o projeto de uma Universidade Católica.

Tais fatos efetivamente parecem muito ponderáveis, quando se quer reconhecer o ideal da Universidade Católica e dificultam a imagem desta, assim como foi descrita no artigo “A Universidade Católica ao Serviço da Comunidade Local e Internacional.”

O exame desapaixonado da práxis de nossas Universidades talvez o possa confirmar, diante das colocações práticas de Van Melsen e doutras que faremos ao desenrolar do nosso comentário.

1. O elevado número de jovens não encontra estruturas apropriadas para absorver sua margem de percentual superior a outras idades, nos vários escalões da vida social e, inclusive, com muitos reflexos na vida universitária. Diante disto, criamos cursos para satisfazer a uma demanda na corrida competitiva daqueles que buscam a Universidade apenas para satisfazer “status” e dar verniz social às suas tradições de família. Alienados, então, a qualquer tipo de compromisso autêntico, tal classe universitária é indiferente à nossa mensagem cristã que incomoda os acomodados burguesmente.
2. Nosso mundo econômico cria ou tenta criar um tipo de Universidade tecnológica-empresarial, neste tempo dominado pela tecnocracia. Em face dessas pressões a Universidade tende a ceder para poder sobreviver. E quando se aceita as regras desse jogo, cada vez mais difícil se vai tornando nossa ação evangelizadora de promoção humana, de mudanças de estruturas porque esse ideal pouco ou quase nada representa aos tecnocratas, em cujo sistema o homem é apenas número.  
  
Criar, por exemplo, cursos de humanidade, que terão reduzidos o número de alunos, para se lhes dar uma cosmovisão cristã, parece utopia descabida, ou então, suicídio da Universidade, é claro que do ponto de vista econômico.
3. Pode-se detectar, sem muitas dificuldades, que o saber, atualmente, é usado no exercício de uma forma de poder, seja ele econômico, político, ou de comunicação. A ciência quando deve representar uma forma de crescimento interno, ao qual estão chamados todos os homens, passa, pois a ser uma

forma de dominação. Assim, ao invés de serviço a outro, ocorre a massificação, a opressão sob vários aspectos. Tal atitude é incompatível com a missão da Universidade Católica, cuja definição caracteriza suas finalidades.

4. Quando a Fé já não se torna necessidade para o homem contemporâneo, que encontra as mais sofisticadas formas de satisfação nas técnicas, nas terapias, e na medicina, não é fácil à Universidade Católica mostrar o caminho do céu, encontrado na terra.

Não obstante a “**saturação**” em que se encontra o homem e, por isso mesmo, se nos depara uma espécie de apatia impermeável que vem das famílias, dos grupos, da sociedade mesma de consumo, sempre refratária à Fé, quando não lhe desfigurando o sentido e a vocação sobrenatural do homem.

5. A nossa juventude, nos países subdesenvolvidos, está enamorada dos processos de libertação marxistas, de nacionalismos exagerados e cercada de extrema miséria.

E nos países desenvolvidos, apresenta ela um panorama não menos desconsolador na discriminação racial, na cultura de consumo, no processo rápido de secularização. Estas, entre outras características, apresentada por Carreras/Dias, mostram como uma Universidade Católica deve ser repensada, se Ela quiser **pensar** criticamente a sociedade de hoje.

6. O problema de se formar uma consciência crítica universitária é um risco, em virtude dos desvios de “esquerda” e de “direita”, que os educadores nem sempre querem correr, por razões óbvias. O saber científico (ciências da natureza, técnicas, ciências humanas) produzido na Universidade não passa, então, de uma teoria dos objetos de cultura, despida de um espírito subjetivo, e de uma consciência histórica. E a Fé que supõe escutar Deus nos acontecimentos em face de uma teorização que pouco ajuda a compreender os fatos, se vai tornando também um conceito puramente mental ou lógico, que não serve para o mundo existencial em que vivemos.

7. A Universidade Católica deve ocupar-se das ciências naturais, das ciências humanas e daquelas “que bem poderiam ser chamadas ciências do espírito como o são a filosofia e a teologia”. Sem dúvida, a seriedade com que se faz ciência em todos os sentidos é importante, senão a primeira condição para colocar nossas Universidades Católicas à “altura dos tempos”. O testemunho de trabalho e lealdade, compromisso é próprio de todo o homem e do cristão, por uma razão sobrenatural. Mas em primeiro lugar, hoje, as ciências sofrem não só profundas transformações, senão também críticas filosóficas radicais

que atingem seus métodos, a razão mesma do conhecimento científico. Os seus princípios são investigados e postos em xeque.

Elas não se apresentam como edifícios acabados. Por outra parte, o processo filosófico, em antropologia principalmente, trouxe novas dificuldades para a teologia na interpretação do homem. A situação, agora, é diferente daquela a que estávamos acostumados. E, pois, uma coisa parece certa: o diálogo ciência, filosofia e teologia já não é tão fácil, no intuito de levar o homem para a única fonte da Verdade-Deus.

8. Na citação de Carreras/Dias se estabelece que a Universidade tem, por escopo, pensar a sociedade na qual Ela se insere. "Historicamente esse o seu papel, e, intelectualmente, esse é o seu sentido". "A reflexão que a Universidade faz sobre a Sociedade tem um caráter atual e prospectivo". "Atual, enquanto responde às urgências de momento, e prospectivo, enquanto projeta a sociedade para o futuro, a pensa em seu devir e lhe abre um horizonte".

A citação muito rica merece algumas observações:

- a) um processo educativo, gestado numa Universidade, para transformar a Sociedade não pode ser neutro e deve andar descompromissado de qualquer tipo de poder;
  - b) a Universidade Católica, como porção da Igreja que pretende ser, deverá estar sempre ao lado dos fracos, dos pobres, daqueles que não têm como se defender e cujos direitos, inalienáveis, lhes garantem acesso aos bens da Sociedade;
  - c) nessa prestação de auxílios ao mundo a que a Universidade Católica deve servir é necessária uma liberdade, sem hipotecas, para se criar um novo tipo de homem, novos horizontes, segundo as perspectivas do Evangelho e, de acordo, com os Documentos do Magistério da Igreja.
9. Deve ficar claro que não é impossível, ao contrário, é uma necessidade das Universidades Católicas lerem a vida do homem à luz da Revelação. Daí a razão dos nossos Institutos de Teologia, abertos, dispostos a repensar os problemas humanos com a Igreja. É necessária também uma pastoral especializada que inicie os nossos jovens nos caminhos da Fé, não importando os riscos de fracasso. O Instituto de Teologia e Paróquia Universitária devem animar o todo da Universidade, atuando em todos os campos.

### III – ALGUMAS CONCLUSÕES

- 1) Além da Universidade Católica representar um desejo da Igreja, tão recomendada nos documentos pontifícios, o que de si é um ideal a abraçar, as nossas Universidades Católicas devem estar preparadas para ser eficazes nos seus resultados acadêmicos, como também nos seus resultados pastorais.
- 2) As Universidades são partes integrantes da Sociedade.  
Antes de ajustar-se a esta, quando lhe compete pensar a Sociedade, a Universidade tem o propósito de projetar a Sociedade, na descoberta dos anseios do homem.
- 3) O Instituto ou a Faculdade de Teologia não pode estar separada do todo universitário. Sua ação deve irradiar a luz da Fé em todas as instâncias da Universidade. Quando o concílio convida os teólogos a desenvolverem uma teologia, ao mesmo tempo científica e pastoral, a Universidade Católica deve fazer da pesquisa teológica uma atitude como norma de presença.
- 4) O desabrochar da Fé e seu crescimento na Universidade Católica supõe, com razão, uma Paróquia Universitária para ajudar a concretização e a vivência do Evangelho presente e atuante impregnando o processo pedagógico e administrativo.
- 5) Ciências naturais, Filosofia e Teologia progridem na medida dos seus desafios. A integração do saber humano se constrói pela atitude do diálogo que revela o encontro dos homens na esperança de uma nova realidade histórica.
- 6) Acreditar na Universidade Católica é confiar juntos no empreendimento de uma ação transformadora para o futuro, mas já projetada criticamente no presente. Esse despertar é o momento privilegiado da existência da Universidade Católica, em que o espaço de sua ação se alarga na ciência e na Fé, interferindo na história dos homens.

## A EXPRESSÃO HUMANA DA REVELAÇÃO DIVINA

Gabriel Lomba Santiago \*

“O sentido do gesto não está contido no gesto como fenômeno físico ou fisiológico. O sentido da palavra não está contido na palavra como som.”

( M. Merleau-Ponty: “Fenomenologia da Percepção” pág. 204. )

### INTRODUÇÃO

A teologia é uma reflexão prática sobre a revelação. Assim pretendemos aqui, situar a reflexão teológica mediante perspectiva existencial e fenomenológica, onde vivência e fé se interpenetram misteriosamente.

Percebe-se que o encontro interpessoal é sempre incompleto e portanto o outro traz para mim algo de mistério. É a realidade realizada no visível-invisível. Desta forma, **os sinais, os símbolos**, são atitudes de exprimir existencialmente o EU e o OUTRO, na comunicação das consciências e gestos representativos da verdade-amor-confiança.

Na confiança profunda no outro é que se realiza a presença da dimensão social e espiritual da mensagem: “dois ou mais reunidos em meu nome, estou no meio de vocês” ( Mt. 18, 19 – 20 ). A ação divina agindo assim na história dos homens que constituem Igreja ( comunhão ) implica que o esforço humano corresponde a um reforço divino que se realiza em plena liberdade-mistério.

Pela experiência vivencial e progressiva da fé concretizando a certeza no Cristo e no homem, teríamos condições maiores para compreender e interpretar as experiências pessoais no mundo e no próprio mundo, dinamizando-o pela transformação justa das estruturas.

---

\* Professor de Teologia e Filosofia; Mestrando em Filosofia na PUCCamp.

Para isto, devemos meditar sobre as seguintes perguntas: Qual o sentido da linguagem e gestos humanos? Que sentido possui a salvação no âmbito social? Que sentido tem o “diálogo” do Deus invisível? Como se compreende a mensagem cristã encarnada na história humana?

## 1. A CONVIVÊNCIA HUMANA E SEUS PROBLEMAS

### 1.1. O Conhecimento de pessoas e a linguagem da convivência.

Num primeiro momento o caminho em direção a Deus é semelhante ao caminho que se faz em direção aos homens. A pessoa é **invisível**, mas se faz **visível** pelo seu corpo e por sua ação. Da mesma forma, Deus que é invisível se faz visível de alguma forma, nos acontecimentos.

Na medida que estendamos nossa subjetividade ao encontro do outro, este captará tal **atitude** e a incorporará à sua vida aumentando em muitos casos sua realização. Daí perguntaríamos: que conhecimento o outro tem de mim quando progressivamente dou-me a conhecer; revelo-me? Ainda mais: em que dimensões se colocaria esta situação com Deus?

O conhecimento parte de início pela presença física, ou seja, a pessoa se expressa pelo seu corpo, em seguida pelo seu comportamento e, numa síntese, pelo seu pensamento, onde se insere consciência e liberdade. Assim o sinal, como expressão pessoal contém sempre um elemento visível e outro invisível. O invisível se expressa e se manifesta no visível, embora um homem superficial não se dê conta da profundidade do outro, porque às vezes o sinal é ambíguo.

Na perspectiva científica podemos assinalar, com referência ao conhecimento das pessoas, uma distinção das ciências exatas ou ciências naturais, por um simples exemplo: quando um cientista sustenta a hipótese de que a vida precisa orientar-se pelo conhecimento científico; mas quando o próprio cientista pretende casar-se, não escolhe a esposa por métodos científicos. Equivale dizer, que a fonte do conhecimento pessoal, não é exclusivismo de compartimentos científicos.

É ao nível da linguagem que o conhecimento também se faz presente, sabendo, contudo, que a linguagem é simbólica. A linguagem é o meio principal pelo qual o homem expressa sua interioridade consciente, sentimentos, intenções, ou ainda, “a linguagem simbólica é uma língua onde o mundo exterior

é um símbolo do mundo interior, um símbolo de nossas almas e de nossas mentes" (1).

Quando o interlocutor quer encontrar o verdadeiro sentido da linguagem ele precisa interpretá-la — é a **exegese**. Quando há uma interpretação mais global do sentido das palavras é a **hermenêutica**.

Chegamos, então, ao núcleo problemático e dramático da linguagem; cada pessoa quer expressar-se e busca palavras com possibilidade de encarnar suas intenções invisíveis. Assim, quando duas pessoas comentam uma obra de arte, o que comunicam entre si não é a realidade visível, mas o modo de percebê-la! Daí a urgente necessidade atual de uma verdadeira revelação pela palavra. Caso contrário, "a profunda suspeita em relação à língua e o empobrecimento de nós mesmos e de nossas relações, ao mesmo tempo causa e consequência, são epidêmicos em nossa época. Experimentamos o desespero de sermos incapazes de comunicar a alguém o que sentimos ou pensamos, e o desespero ainda maior, de sermos incapazes de distinguir para nós mesmos, o que sentimos e o que somos. Sublinhando esta perda de identidade, está a perda da capacidade de persuasão dos símbolos e mitos sobre os quais se baseia a identidade e a linguagem" (2).

A linguagem convida sempre a uma intercomunicação, é convite a uma resposta. Desta maneira, a mensagem levada ao outro pela linguagem se recebe em **sentido de fé**. Se alguém diz algo, o outro **crê** ou **não**. O homem acredita na medida em que confia na sinceridade e nos conhecimentos sinceros do outro.

O fato de comunicar uma verdade invisível é, por decorrência, um convite à fé, fazendo com que a linguagem humana seja sempre **testemunho**, isto é, experiência vivencial anterior à palavra.

## 1.2. O Gesto — Extensão Social do EU — NÓS, e as Determinações Sociais do Gesto

O namorado presenteia com flores a namorada; o colega aperta a mão do companheiro; a filha beija a mãe; o esposo ausente envia uma carta à esposa; um amigo convida outro para um aperitivo. Estes gestos visíveis e sensíveis mediatizam a aproximação de pessoas, íntima e socialmente. E são

1. cf. Fromm, Erich: A Linguagem Esquecida — Rio, Zahar, 5ª 1973, pág. 20.

2. cf. May, Rollo: "Poder e Inocência", Rio, Artenova, 1974, pág. 53.

símbolos que levam uma significação junto com a resposta. É uma realidade espiritual que passa pelo gesto e se realiza no gesto. Quando alguém vê o mundo com os olhos do outro, sente com o coração do outro e pode reagir à circunstância do outro, então um encontro de pessoas atinge seu ponto culminante: saio de mim; sinto como o outro e morre-se para viver para o outro. Começa a existir o “NÓS” que se projeta como salvação pessoal e comunitário. Rollo May situa bem esse fenômeno:

“Numa época dessas, em meio à nossa alienação e isolamento, suspiramos por uma expressão simples e direta de nossos sentimentos a outra pessoa, uma relação direta com a essência dela, como a atitude de olhar firmemente nos olhos do outro e senti-lo ou ficar perto dele calmamente. Procuramos uma espécie de inocência, tão velha como a evolução humana, mas que chegue a nós como alguma coisa nova, a inocência das crianças de novo no paraíso. Ansiamos por uma expressão direta, através de nossos corpos, de uma intimidade que seja um atalho no longo caminho que a intimidade normal costuma percorrer. Queremos falar através de nossos corpos, saltar imediatamente em direção à identificação com o outro, mesmo que saibamos que ela é apenas parcial. Em suma, ansiamos passar por cima de todo o quadro símbolos/linguagem verbal” (3).

Um fenômeno constante em nossa existência é que a vida é movimento; parar é ficar para trás. O gesto pessoal-social **salva** do isolamento e dá um novo sentido à vida; uma possibilidade de comunicação. Por isso o gesto, portador de significado amoroso é sempre redenção do próprio EU e uma ressurreição ao “NÓS”.

Diante de toda esta perspectiva que pretende buscar o fundamento do gesto, também nos encontramos em situação ambiental definida pelo qual o gesto sofre o empobrecimento formal das convenções sociais. O homem não cria totalmente seu ambiente grupal nem o grupo cria totalmente seu modo de pensar e agir. O homem encontra-se na sociedade de determinada época e em determinado ponto geográfico, onde existe uma estrutura ambiental determinada, costumes, pessoas. Antes de agir livremente, já existe para o homem uma situação de fato. Enfim, não escolhemos nossos pais e irmãos. A outros

escolhemos a quem pudermos conhecer. Assim o gesto evidentemente encontrará meios de se manifestar apesar da situação.

No pluralismo atual, o gesto revela sua força comunicativa quando a **nível de grupo** onde implica a confiança e compromisso. Quando feito a nível de massas, ele se empobrece porque gestos e vida são difundidos através da propaganda, imprensa e meios interessados em “necessidades artificiais”. No grupo se acentua uma plataforma comum, onde o gesto se centraliza menos no formalismo e, muito mais, na convivência.

## 2.A REVELAÇÃO DIVINA E COMO HUMANAMENTE SE EXPRESSA

### 2.1. A reflexão sobre Deus: uma “comunicação humana” com Deus.

Todo o exposto até agora, pretendeu mostrar que nas experiências do EU ao TU e do TU ao Nós, a presença subjacente da comunicação divina no homem age misteriosamente e se assinala na expressão e no gesto humano, “o mundo se transforma em hóstia ( T. Chardin ). As coisas se tornam expressões, revelações, portadoras e instrumentos das significações nutridas pelo coração. A opacidade do material é rompida e, através de sua transparência, vê-se o sagrado que se revela através do profano” (4).

O conhecimento e a obscuridade de Deus deverão ser supostos, “porque todo modo de **falar de Deus** só é correto quando efetuado segundo as condições do conhecimento humano de Deus, mistério inexprimível” (5). Desta maneira uma reflexão sobre Deus somada às vivências existenciais, projeta no mundo uma atração irresistível pelo seu significado.

A “comunicação” ( se é assim que se pode falar perante a fé ) homem-Deus tendo suposto a fé, atravessa a linguagem humana numa linha horizontal e a de Deus numa vertical. No vértice dessas linhas dinâmicas emerge o momento de perceber Deus!

O homem que age com fé e esperança no outro, dispõe de condições suficientes para agir semelhantemente com Deus apesar de a relação não ser a mesma devido às diferenças óbvias. Diríamos pois, que o Cristianismo, onde o próprio Deus-se-revela-Cristo, e a nossa experiência cristã se dá a co-

(4) Cf. Alves, Rubem: “O Enigma da Religião”, Petrópolis, Vozes 1975 — pág. 89.

(5) Cf. Johannes Feiner: “Deus Uno e Trino” — “In Misterium Salutis” II 1. pág. 43 — Vozes, 1973.

nhecer em muitos, os fiéis ainda vivem numa situação de **religião natural**. Não entendem que diferença possa haver entre Cristianismo e as outras religiões.

É certo que, compreendendo a invisibilidade de Deus, abrimo-nos mais facilmente para a compreensão do ateísmo contemporâneo que rejeita sua imagem **visível e determinada**.

Reflexões e pregações atualmente, dão a impressão de que Deus é perfeitamente conhecido e observado como um ser humano que anda nas ruas. No conceito popular Deus **aparece** com relativa facilidade, e é definido com tanta precisão que se assemelha a alguém conhecido com exatidão. Transparece com isso, que a religião se empenha em excluir a **procura** e a **reflexão**. Mas, esta compreensão é mais estática do que dinâmica, embora a **intenção** pessoal seja honesta.

Será que hoje o homem quer um Deus “achado” onde se exclua meditação, razão, busca? Quando dizemos: “Deus é o outro”, não estaríamos dando uma forma acabada, criando um estatismo?

Por uma série de fatores ( pluralismo, sensibilidade etc. ), a imagem popular esquece que Deus é incompreensível. Esquece que Ele ultrapassa as nossas possibilidades. Podemos admirá-Lo e adorá-Lo, mas temos de renunciar a uma definição e renunciar a consciência tranqüila que o encontramos. **Conhecer a Deus é continuar procurando-O**. O Cristo-Deus, apesar de sua Encarnação e de seu Evangelho, não conhecemos sua vontade como conhecemos um plano de integração nacional de um governo. Não obstante sua Encarnação e clareza evangélica, a Sua vontade só se conhece na incerteza da busca.

Os que rejeitam uma imagem popular de Deus, continuam procurando-O. Neste caso estão os cientistas, dizendo que não há Deus porque os astronautas foram “até o céu” e não o encontraram. Médicos afirmam — depois de seccionarem todas as fibras do corpo — não terem encontrado alma nem Deus; e, com esta mesma exigência para crer, desejam provas científicas de sua existência. Enfim, tanto o popular como o cientista desejam “Deus tangível”. Isso não acontece.

O divino não é coisa, não é o sacerdote. O sentido da vida não é propriamente uma percepção do divino, mas realmente no sentido da vida se percebe **outro sentido que a transcende** e isto já é religioso, divino. Assim, o divino aparece como um significado presente na totalidade da nossa experiência humana.

## 2.2 A linguagem na reflexão sobre Deus.

Para P. Tillich, “a fé religiosa, que é o estado de ser intensamente relacionado com o supremo, pode expressar-se somente em linguagem simbólica” (6).

Cada movimento, ou acontecimento está cheio da manifestação de Deus. Somente é necessário percebê-Lo e interpretá-Lo. Deus fala através do Universo onde também as pessoas se encontram.

Observemos que a comunicação interpessoal realiza-se pela linguagem: as pessoas se comunicam conversando. Uma frase humana, de repente pode ser uma dimensão religiosa para o outro e pode descobrir-se um sentido mais profundo que parece transcender ao que fala. Numa conversa animada podemos, de imediato, perceber que ambos estamos descobrindo Deus.

A experiência de uma amizade é marcante. Quanto mais se aproxima o homem das realidades da expressão, percebe facilmente que a linguagem o trai, não encontra palavras que traduzam suas experiências mais íntimas e pessoais, daí começa a criar uma linguagem nova. Às vezes a linguagem nos trai, quando queremos falar de Deus a partir de desejos pessoais. A linguagem não esgota o conteúdo pensante, perde-se no infinito do mistério.

Parece-nos que cada pessoa deve discernir: se Deus realmente “fala” através da linguagem humana.

É preciso lembrar também aqui: a linguagem que implica proselitismo não deve ser utilizada. Uma procura livre para Deus não pode ser imposta; as pessoas devem descobrir efetivamente as vantagens de realizá-la, se possível, comunitariamente.

## 3. CRISTO: O Sentido Sagrado da História Humana

### 3.1. Perceber Cristo Sacralizando o Mundo Humano

O Cristianismo é uma iniciativa divina, antes de ser um esforço humano... e a iniciativa divina irrompe na vida de uma forma humana para que o homem possa percebê-la. O homem encontra-se diante dela como algo inesperado e não estranho, pois o homem aceita o divino como verdadeiro.

6. Cf. Tillich, Paul: “Dynamics of Faith, N. Y. Harper & Row, pág. 45.

Cristo insiste sobre a vivência dos relacionamentos humanos de tal forma, que já os profetas afirmaram: Deus ilumina o homem quando distribui seu pão ao faminto; quando recebe em casa aos que não tem casa; e quando liberta os oprimidos da escravidão.

No Novo Testamento esta relação é mais adequada quando diz: “é impossível amar a Deus enquanto não amamos aos que nos cercam” (1. Jo. 4 – 20 ). Por isso a oração e inclusive a missa, carecem de sentido enquanto não se levou em conta os problemas de comunicação humana ( Mt. 5, 23 ). Os conflitos surgidos em nossa comunicação, são devidos a obstáculos que colocamos em nossa capacidade de amar. Por isto mesmo Tiago, Apóstolo, lança um aviso grave e profundamente questionador aos homens ( Tg. 5, 1 – 6 ): Se nos sentimos indiferentes diante de nossos irmãos, a oração significaria esvaziamento, sinal de indiferença diante de Deus.

Talvez haja pessoas convencidas de que podem amar a Deus com todo o seu coração, mas o cristão sabe que, enquanto o relacionamento humano estiver marcado pelo ódio, incompreensão, exploração, não comunicação, o nosso relacionamento com Deus será negativo.

O desejo de amar a Deus já é amor, mas é ainda germe. A sua realização só será válida quando o nosso relacionamento entre os homens seja real; e não ópio ou idealismos mascarados de realidade.

### **3.2. O Sentido Positivo do Testemunho**

Dar testemunho, no sentido cristão, não é doutrinar os outros, mas manifestar o que a gente vive, e se esta vida é fé em Cristo, esperança em sua promessa e amor de Deus, então o testemunho se transforma em testemunho cristão.

Estas experiências fazem do cristão uma pessoa alegre. Por isso ele é libertação, salvação, compreensão. A fé vive mais quando se acredita mais nos outros e lhes oferecemos momentos presentes fortes e perspectivas futuras, pois a vida, segundo o espírito, não é eliminar o mundo de nossa realidade, mas aceitar uma interpretação do mundo.

É preciso compreender que Revelação e Fé são noções correlativas: como a Revelação é o primeiro passo de Deus para o homem, assim a Fé é o primeiro passo do homem para Deus. A teologia do século XX acentua a dimensão histórica e se interessa especialmente pelas implicações de uma re-

velação que atravessa a história e apóia-se na **fenomenologia** e na **história da revelação**, testemunhando destarte uma característica cristã: inserção na história-processo para a humanização do Mundo.

Ora, a inserção na história-processo é um testemunho-mistério de Cristo penetrando no âmago do mundo. A resposta do homem a esse testemunho como tarefa de libertar o necessitado, “não é reduzir o Cristianismo a mero horizontalismo e traduzir Deus em mera categoria antropológica. Contrapor horizontalismo a verticalismo é objetivar e hipostasiar fora da vida aquilo que na vida concreta vem sempre junto. A vida mesma, a libertação, quando afirmadas radicalmente e assumidas com toda a responsabilidade, mostram a dimensão vertical e horizontal. Só quem se entrega de corpo e alma ao serviço do próximo começa a perceber uma dimensão que transcende o próximo e a ele mesmo...” (7)

## CONCLUSÃO

Vimos qual seja o fundamento que expressa melhor, humanamente, o que Deus revela.

Desta forma, linguagem, gesto, sinal, símbolo, experiência, consciência, liberdade, estão perfeitamente implicados e porque não dizer, comprometidos com a comunicação divina, única manifestação possível que torna viável a compreensão da atração do “microcosmos” com o “macrocosmos”. Compreensível também o fenômeno Cristo na história, na medida que Ele se engaja diretamente no sofrimento da carne humana, atenuando a radical oposição sagrado-profana projetando no mundo o sentido da vida, a esperança, apesar de “a causa de Cristo encontrar-se sempre num estado desesperador. Aliás, a história o confirma. As situações da história da Igreja apareceram por diversas vezes desesperadoras e sem saída visível aos olhos dos bons observadores. Ora, quando os responsáveis humanos já não encontram mais saída, o Espírito abre novos caminhos e lança os discípulos para novas veredas preparadas por Deus e no meio do tecido da história” (8).

Finalizando, “A expressão humana da revelação divina” é uma tarefa não somente do teólogo de gabinete, mas uma tarefa do homem de fé que se sensibiliza, conscientiza, vivendo em si, com o outro e na extensão divina.

---

7. Cf. Comblin, José: A fé no Evangelho, Petrópolis, Vozes, 1969 pág. 82.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

### **Bibl. de Teologia.**

- ALVES, Rubem: "O Enigma da Religião, Petrópolis, Vozes, 1975.
- BÍBLIA de Jerusalém — Novo Testamento — S. Paulo, Paulinas, 1ª, 1976.
- BOFF, Leonardo: "Atualidade da Experiência de Deus", CRB, Rio, 1974.
- COMBLIN, José: "A Fé no Evangelho", Petrópolis, Vozes, 1969.
- COMBLIN, José: "A História da Teologia Católica", S. Paulo, Herder, 1969.
- HICK, John: "Filosofia da Religião", Rio, Zahar, 1970.
- JALICS, Francisco: "El Encuentro con Dios", Florida, Argentina, Paulinas, 2ª 1971.
- JOEST, Wilfried: "El Lenguaje sobre Dios", Selecciones de Teologia, Vol. 14 nº 53, Jan-Mar, 1975, Barcelona, págs. 3 — 9.
- KLOPPENBURG, B.,: "Tentaciones de la teologia de la Liberación", Selec. Teol. Vol. 15 nº 60, Out. Dez., 1976, págs. 284 — 293.
- ROXO, Roberto Mascarenhas: "O Senhor e a História", Petrópolis, Vozes, 1969.
- ZAHRNT, Heinz: "Aspectos religiosos de la actual experiencia de la vida", Sel. Teol. Vol. 15 nº 59 — Julho — Set., 1976, págs. 171 — 186.

### **Bibliografia de Filosofia e Psicologia para Fenomenologia e Existencialismo.**

- CAPALBO, Creusa: "Fenomenologia e Ciências Humanas" Rio, Ozon, 1973.
- DARTIGUES, André: "La Fenomenologia", Barcelona, Herder, 1975.
- DUMAS, André: "Ideologia e Fé", Rio, Ed. Tempo e Presença, 1968.
- KATZ, Jerrold J.: "La Realidad subyacente del Lenguaje y su valor Filosófico, Madrid, Alianza Editorial, 1975.
- FROMM, Erich: "A Linguagem Esquecida", Rio, Zahar, 5ª, 1973.

MAY, Rollo: "Poder e Inocência", Rio, Artenova, 1974.

NOGUEIRA, João Carlos: "A linguagem como verdade do homem: uma tarefa simplesmente humana", "Reflexão" Vol. I, nº 1, Set. 1975, págs. 11 – 33.

MERLEAU-PONTY, M.: "Fenomenologia da Percepção", S. Paulo, Freitas Bastos.

## DR. ALBERT SCHWEITZER OU UM DIAGNÓSTICO DA CULTURA

Tarcísio Moura \*

### INTRODUÇÃO

Ninguém melhor que um médico para fornecer um diagnóstico da cultura HUMANA mais recente ! Melhor ainda quando este médico está apto a fornecer um tríplice diagnóstico: o material, o filosófico e o espiritual. Falamos aqui do Dr. Albert Schweitzer ( 1875 – 1965 ). Por sua formação teológica, pelos seus estudos do pensamento humano dos últimos séculos, pelo exercício da medicina e pelo engajamento missionário no meio do povo africano, seu diagnóstico de nossa cultura assumirá realmente aquela tríplice característica.

No prefácio à obra “DECADÊNCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA”, o Prof. Pedro de Almeida Moura observa: “O culto cientista e hábil cirurgião ( Albert Schweitzer ) que nas selvas africanas enfrenta corajosamente as agruras do Continente Negro, na presente obra mete o bisturi no tumor de nossa civilização e acredita que poderá curar este corpo gravemente enfermo.” (1) A humanidade adentra uma fase imensa de decadência cultural. Mas se afirma que “a nossa cultura está passando por uma crise intensa” (2), nosso filósofo não pretende apenas fazer uma celebração desta decadência. A obra DECADÊNCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA, que encerra as linhas fundamentais da sua Filosofia da Cultura, não objetiva simplesmente abrir a todos a chaga maléfica do nosso corpo cultural. Como médico, indica as medidas terapêuticas de uma efetiva regeneração. É mesmo um pouco de dentro da psicologia de médico que Schweitzer acredita na regeneração do tecido cultural de nossa sociedade.

---

\* Professor de Filosofia e Teologia na PUCCamp; Mestrando em Filosofia da Educação na PUCSP.

(1) Cf. Albert SCHWEITZER, *Decadência e Regeneração da Cultura*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1959, 2ª ed., trad. e prefácio de Pedro de Almeida Moura.

(2) Cf. Albert SCHWEITZER, *Cultura e Ética*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953, pág. 25, trad. Herbert Caro.

Tal o salutar programa que é apresentado a nós por este intelectual que sensibilizou todo o mundo por suas qualidades humanas invejáveis, por seu sentido humanitário em favor daqueles que se encontravam em situação de marginalização material e cultural ( seu trabalho lhe mereceu o prêmio Nobel da Paz de 1952 e um lugar ímpar na memória da humanidade ) e, no que mais nos interessa aqui, por suas penetrantes análises da nossa sociedade e de nossa civilização..

Apresentaremos então esta análise da cultura segundo os momentos de acordo com os quais o próprio autor expôs: a filosofia responsável pela decadência da cultura, fatores espirituais e econômicos que provocaram a obstrução da cultura e o caminho para a regeneração da cultura. Não fugimos, assim, à linha básica de seu livro, onde seguiu a forma didática de descobrir o fenômeno ( no caso, a decadência da cultura ), mostrar-lhe as causas e oferecer formas de solução.

Uma primeira observação deve ser feita quanto à atualidade das considerações ali reunidas. Embora elas se reportem aos primeiros anos de nosso século, julgamo-las bastante fecundas para a reflexão do homem de HOJE, para a análise de uma situação cultural que, apesar de mais de meio século adiante na história, apresenta aqueles mesmos sintomas que Schweitzer denunciava nos seus dias. Vemos que a civilização ainda não se curou de seus males. Aliás, nesta linha de reflexão, podemos dizer que aquilo que era para Schweitzer uma doença, hoje se tornou uma verdadeira epidemia. Ele próprio não se preocupou em retificar sua posição, reafirmando-a em obras posteriores.

Achamos então válido irmos seguindo as análises do autor observando as aplicações por ele feitas e fazendo também as nossas. Tais aplicações dar-nos-ão, com toda a certeza, a impressão de termos um Albert Schweitzer falando conosco.

A segunda observação é que não é difícil demonstrar até que ponto a Filosofia da Civilização de Albert Schweitzer se constituiu numa verdadeira análise da história. Se nos apoiamos em Arnold Toynbee, isto se manifesta claro. Para este historiador, a civilização é o objeto próprio do estudo da História (3) já que uma "civilização" é uma espécie de sociedade cuja origem, evolução e causas de decadência a História tem por fim estudar.

Como então o Doutor Schweitzer diagnostica a cultura contemporânea ?

(3) Cf. Pitirim A. SOROKIN, *Las Filosofías Sociales de Nuestra Epoca de Crisis*, Madrid, Ed. Aguilar, 1956, pág. 156.

## 1. A TRISTE ILUSÃO DA PASSAGEM DO SÉCULO

Diz Schweitzer que na passagem do século apareceram, em grande número, obras sobre a cultura sob os mais pomposos títulos e cantando a glória e o triunfo das culturas. “Mostravam-nos, no mapa em relevo da cultura, os vários caminhos, vistos ou conjecturados que, através de planícies e de montanhas do panorama da história, partindo do Renascimento, chegam até o século vinte. Mas, como se obedecessem a uma secreta palavra de ordem, timbravam em não definir a situação. Ninguém realmente tomou a incumbência de fazer o verdadeiro diagnóstico. Transpusemos os umbrais do século, alimentando uma inabalável presunção sobre as nossas aquisições culturais. E o que se escrevia revigorava ainda mais esta presunção”. (4).

Tomando em mãos qualquer obra que historie a época, podemos constatar a solidez desta observação. Maurice Crouzet, por exemplo, na sua **História Geral das Civilizações** (5), introduz suas considerações sobre os inícios do século XX denunciando a fragilidade da imagem de um mundo próspero que parecia advir a toda a Europa. É inicialmente uma crítica à visão por demais otimista de Keynes. Para este “a época que se encerrou em agosto de 1914 foi um extraordinário episódio do progresso econômico do homem”... “o apogeu do mundo liberal e capitalista”. É a imagem de um mundo de progresso, de prosperidade para as nações, de riquezas e conforto para os indivíduos, de segurança geral; todos os povos fornecendo à Europa os gêneros que o solo desta não pode produzir e esta fornecendo os artigos que só a “fábrica européia” é capaz de produzir. É um mundo onde não há qualquer barreira pois os homens, as mercadorias, os capitais e as idéias circulam livremente e onde o comércio da Europa atinge o mais alto nível até então alcançado na história da humanidade. Mas Crouzet conclui: “Este ‘Eldorado’, ‘esta República da Utopia’, descrita por Keynes, está longe de abranger o mundo inteiro, e mesmo a Europa toda (...) A crise que ameaçava eclodir desde o início do século e que explode em 1914, abala em seus fundamentos o frágil equilíbrio em que repousava o enriquecimento e a supremacia da Europa. Esta ‘guerra civil’ européia, que se prolonga por 4 anos, e a Revolução Russa de 1917, desferiram no ‘sistema liberal e capitalista’ golpes de que jamais se recobrou. Todas as tentativas efetuadas a fim

(4) Albert SCHWEITZER, **Decadência e Regeneração da Cultura** págs. 19 – 20.

(5) cf. Maurice CROUZET, **História Geral das Civilizações**, Tomo VII: A época contemporânea, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, págs. 9 – 10.

de restabelecer a antiga ordem de coisas, para reviver 'a idade de ouro da segurança' e a 'doçura de viver' dos anos anteriores a 1914, malograram".

Assim, o mal que a cultura humana levava em seu próprio seio não podia ser escondido por muito tempo. A cada dia seus sintomas se tornavam mais patentes. Nos primeiríssimos instantes de nosso século Schweitzer podia dizer: "Agora é patente aos olhos de todos que a cultura está em franca marcha de autodesagregação" (6). A cultura foi erguida sobre areia movediça e a primeira avalanche levá-la-á de vencida.

Que causas teriam arrastado tão inexoravelmente as forças da cultura à exaustão de suas energias ?

## 2. CAUSAS DA DECADÊNCIA DA CULTURA

### 2.1. Causa primordial: a falência da filosofia

Segundo Schweitzer, nos séculos precedentes ( XVIII – XIX ) nós encontramos diretrizes básicas fundamentais que orientavam os povos e que tornavam a humanidade fortemente unida nos seus mais elevados propósitos. Tais diretrizes dirigiam o contato que o homem mantinha com a realidade, transformando as condições ambientes, dando sentido às atividades humanas e realizando o verdadeiro progresso que, para o filósofo, constitui a própria cultura. Por certo tempo, tal progresso se verificou na orientação cultural dos povos, parecendo mesmo ter raiado definitivamente a era da cultura e que deveria dar lugar a um desenvolvimento geral sem precedentes. É a mesma esperança que alimentávamos, mais recentemente, com respeito ao desenvolvimento científico e tecnológico que deveria promover mais a cultura, ao passo que não é bem o que ocorre.

O afrouxamento da situação dos ideais promotores da cultura começou a aparecer nos meados do século XIX e foi tendendo cada vez mais para o total esmorecimento. De forma que se chegou a consumir-se a total abdicação da cultura. E o fator decisivo foi a falência da filosofia. Diz Schweitzer: "No século dezoito, e nos primórdios do século dezenove, desempenhava a filosofia o papel de orientadora da opinião pública. Ela havia-se preocupado com questões que se apresentavam ao julgamento da época ou ao de

---

(6) *Ibid.* pág. 20.

indivíduos isoladamente, e conservava bem viva a arte de meditar sobre esses problemas, sob o ponto de vista da cultura. Ora, existia por aquele tempo na filosofia uma orientação básica de filosofar sobre o homem, sobre a sociedade, sobre o povo, sobre a humanidade e sobre a cultura, de que resultou aparecer, com toda a naturalidade, uma palpitante filosofia popular que se caracterizava pela arte de reger a opinião pública e de manter vivo o entusiasmo cultural". (7)

Quando as filosofias não mais ofereciam maneiras para os homens enfrentarem a própria realidade, a situação se transformou completamente. Para infelicidade da própria cultura, a filosofia entrou em falência.

Tanto no tempo em que Schweitzer escreveu o seu livro ( ele se reporta ao ano de 1900 ), como em nossos dias, os indivíduos não chegam a uma concepção do mundo através da **reflexão**. Já foi a época em que a maioria deles fazia surgir dali os seus ideais e suas linhas de ação. Cada um vive como os demais, isto é, sem uma "visão da vida" (8) que o possa orientar individualmente.

Perguntamos: como a idéia pode ter lugar na vida das pessoas e a filosofia exercer um papel na realização da sua cultura ?

Schweitzer responde: "Todas as épocas vivem consciente ou inconscientemente sob a influência das idéias formadas pelos seus pensadores. (...) Kant e Hegel dirigiram o destino de milhões de pessoas, que nunca leram uma linha sequer do que eles escreveram... (...) à pergunta sobre se personalidades ou idéias podem decidir da sorte de uma época, podemos responder que é precisamente das personalidades que a época recebe as suas idéias. Quando, num dado período, pensadores arquitetam uma valiosa concepção do mundo, esta recebe também da parte deles certas idéias que realizadas redundam num progresso geral. Ora, quando os pensadores já não dispõem mais de força para isso, de uma forma ou de outra começa a decadência. Uma concepção do mundo exerce, necessariamente, influência no desenrolar dos acontecimentos históricos" (9).

(7) *Ibid.*, págs. 21 – 22.

(8) Adiantamos aqui uma distinção que Schweitzer pressupõe implicitamente em sua obra. É a que ele faz entre "concepção do mundo" ( WELTANSCHAUUNG ) e "visão da vida" ( LEBENSANSCHAUUNG ). A primeira apenas ensina a saber o que o mundo é e a aceitá-lo como tal. É pessimista e melancólica. A segunda coloca o homem em face dos imperativos mais profundos do ser e da existência. Sendo volitivamente otimista, é a única capaz de propor os valores orientadores da vida. Para Schweitzer, toda "concepção do mundo" deve basear-se numa "visão da vida" que aponte sua razão de ser.

(9) *Ibid.*, págs. 86 – 87.

E apresenta um notável exemplo da História: a derrocada do Império Romano. A sua explicação se encontra na circunstância de que a filosofia clássica não conseguiu criar uma concepção do mundo da qual emanassem idéias capazes de preservar o império, apesar do poder, da eficiência e do arrojo de seus grandes imperadores.

Também foi a ausência de uma concepção sólida do mundo que provocou a primeira Grande Guerra Mundial. Esta começou a se desenhar quando, no começo já do século dezenove, a reflexão filosófica sentiu perder as próprias forças. Sucumbiram as idéias que teriam possibilitado soluções pacíficas nas principais querelas entre os povos. As novas gerações malbaratarem o legado precioso de gerações anteriores, e hoje não vemos senão ruínas do edifício que procuraram construir. A catástrofe era de tal forma iminente que, segundo Schweitzer, mesmo se os estadistas não tivessem sido tão míopes como o foram, não a teriam podido segurar.

No lugar da concepção filosófica do mundo assentou-se o modo de encarar os fatos segundo os métodos aplicados nas ciências naturais. Daí esta época se tornar pobre em pensadores profundos. Aquilo que alguns raros espíritos de valor, “raros e ofuscantes cometas”, criaram, não extrapolou o círculo restrito de seus poucos adeptos. Assim começou a imperar como um verdadeiro “espírito da época” a maneira de viver a vida como bem se entendesse, sem admitir a necessidade de se conceber uma orientação e de agitar os problemas sobre o mundo e sobre a vida para se tomar um sentido em relação a tudo. Este esvaziamento do sentido de orientação levou a sociedade a seguir a esmo, qual ventoinha a tomar o sentido que o sabor do vento lhe aprouvesse atribuir. Faz-nos lembrar o ditado latino: “**Theoria sine praxi, currus sine axi; praxis sine theoria, asinus in via**” ( “Teoria sem prática é um carro sem eixo; prática sem teoria é um asno a caminhar” ). A ruína de toda a vida, sobretudo da vida espiritual, advém deste menosprezo por uma concepção do mundo que dê sentido à maneira de viver.

Se aí está a falha fundamental no processo de elaboração da cultura, que outra coisa não é senão a própria vivência racionalmente orientada dos indivíduos, é aí que também deve iniciar o processo de recuperação da cultura. Deste processo trataremos adiante quando falarmos do “caminho de regeneração”. Mas ele deve ser aqui enfatizado devido o privilégio atribuído por Schweitzer à reflexão filosófica. “A regeneração de nosso tempo há de recomeçar, portanto, com o readmitir uma concepção do mundo. E nesse particular o que é aparentemente remoto e abstrato é tão importante ou mais que qualquer

outra coisa. Só mesmo quando nos encontramos novamente tranqüilos dentro da construção bem arquitetada de uma concepção cultural da vida, como quem se sente sossegado em seu próprio lar, e dela pudermos também extrair diretrizes para viver e agir, só então ressurgirá uma nova sociedade, senhora de ideais generosamente orientados, capaz de enfrentar de novo a realidade. Partindo dessas idéias novas é que poderemos de fato recompor a marcha dos acontecimentos e a própria história. Para a coletividade em geral, como para o indivíduo, viver sem uma concepção filosófica da vida representa um distúrbio patológico do sentido de orientação” (10).

Após a derrocada dos meados do século dezenove, a filosofia ficou reduzida à condição de um capitalista afastado do mundo dos negócios, que apenas procura conservar aquilo que ganhou. Tornou-se uma erudita atividade em todos os ramos do saber, cogitando apenas do passado. Reduziu-se à mera atividade acadêmica, com ação somente nas escolas e nas universidades, mas desvinculada da vida e da sociedade. Neste fechamento, a filosofia ficou incapacitada de despertar energias adequadas ao estabelecimento e manutenção dos ideais da cultura. No momento decisivo, ela negou aquele seu papel inalienável que Schweitzer soube magistralmente definir: “Na sua mais profunda vocação a filosofia é guardiã da razão em geral. Seu dever é mostrar que é de nossa obrigação batermo-nos pelos ideais que servem de base à nossa cultura” (11).

“Na hora do perigo a sentinela, que nos devia manter alerta, dormiu”. E nosso filósofo conclui: “Eis aí o motivo por que não nos batemos em defesa da cultura” (12).

## 2.2. Fatores espirituais e econômicos da decadência da cultura

As duas condições fundamentais que vinculam o homem à sua capacidade de cultura são: PENSAMENTO e LIBERDADE. No homem da atualidade, segundo Schweitzer, tanto a liberdade como a capacidade de pensar caíram de nível. Falamos anteriormente da falência do pensamento como causa preponderante do declínio da cultura. Ora, a cultura subentende também homens livres, condição que não encontramos devido a fatores materiais e espirituais adversos.

---

(10) *Ibid.*, págs. 89 – 90.

(11) *Ibid.*, pág. 28.

(12) *Ibid.*, pág. 29.

### 2.2.1. Falta de liberdade material

As condições materiais a que estão submetidos os homens de nosso tempo o amesquinham a tal ponto que a sua vida psicológica se acha fortemente prejudicada e, mais ainda, a sua capacidade de fazer cultura. O raciocínio de Schweitzer é de uma clareza cristalina: “se alguém é demasiadamente absorvido, seja de que forma for, na luta pela vida, tanto mais fortemente terá os seus ideais perturbados pelo desejo de melhorar as suas condições normais de subsistência. O interesse imediato termina prevalecendo sobre os ideais da cultura, conturbando-os” (13).

A falta de liberdade material se apresenta sob a forma de dois prejuízos para a vida e a cultura do homem de hoje:

**Afastamento do contato com a natureza** — a luta pela vida, proveniente da insegurança do sistema econômico que torna a sobrevivência difícil, obriga as pessoas a se agregarem em número cada vez mais crescente em aglomerações de trabalho. Arranca-as, por esse modo, “do contato benéfico com a terra, da natureza e do lar”. Este desligamento do homem para com aquilo que é o seu próprio chão constitui um atentado e uma violência contra a liberdade e, daí, contra a cultura. Schweitzer chega a aconselhar menor interesse pelos bens materiais para se ter em vista a produção de bens espirituais: “Se as circunstâncias da vida houvessem-se desenvolvido de tal jeito que uma condição de bem-estar modesto e perdurável se estendessem a um número sempre maior de indivíduos, disso adviriam, necessariamente, para a cultura, muito maiores vantagens que as decorrentes de todas as conquistas materiais que em seu nome são cantadas em prosa e verso. Essas conquistas tornam, é verdade, a humanidade em si menos dependente da natureza, do que antes era, mas concomitantemente, vai diminuindo o número de vidas independentes. Do mestre de manufaturas, pela intervenção da máquina, surge o trabalhador da fábrica. Em lugar do negociante, ativo e independente, aparece cada vez em maior número o empregado de comércio, dado que no complexo e emaranhado jogo de transações só se toleram os capitais vultosos. ( Todos ) são arrastados para o torvelinho da luta pela vida...” (14). Esta sofisticação da atual vida urbana, com todo o seu moderno sistema de produção, roubou do homem o vinculamento com a natureza que é essencial à cultura.

---

(13) *Ibid.*, págs. 30 – 31.

(14) *Ibid.*, pág. 31.

**Saturação pelo trabalho** — o excesso de ocupações é a regra básica na vida da maioria das pessoas. Os indivíduos não vivem mais como seres humanos, mas apenas como trabalhadores. E as conseqüências disto dentro do campo educativo são patentes. Os pais não dão a devida assistência aos filhos, deixando de propiciar-lhes o seu natural desenvolvimento. Desta forma, os indivíduos, colaborando com o processo de produção ou sofrendo-lhe as conseqüências, tornam-se cada vez menos habilitados à cultura; tornam-se dispersivos, incapazes de fazer desenvolver a si mesmos. “Absorvido pelo excesso de trabalho”, diz Schweitzer, “o indivíduo sente cada vez mais necessidade de dispersão exterior. O pouco de lazer que lhe resta para manter um contato proveitoso, não lhe dá coragem. Completa inatividade, esquecimento e fuga de si mesmo é o seu grande imperativo físico. Seu tudo é não pensar. Não procura cultura mas distração e, dentre as distrações, aquelas que menor esforço espiritual reclamem” (15). Os interesses da sociedade industrializada não são os da cultura: estão voltados para o objetivo de nos manter AGINDO, FAZENDO, MEXENDO, PERSEGUINDO COISAS e, mantendo-nos nessa embriaguez de atividade, de evitar que despertemos para perguntar: qual o sentido de tudo isto? qual o sentido da vida?

Hoje também o homem perdeu o sentido espiritual do sábado. Schweitzer menciona rabinos antigos que ensinavam que o reino de Deus só viria quando o povo de Israel conseguisse realizar no mundo um autêntico dia de sábado. O sábado queria dizer parada e descanso. Ano sabático era aquele no qual não se plantava, para o descanso da terra. Não estará nosso autor querendo dizer que é preciso “parar a vida” para dar um lugar à meditação sobre o seu sentido? Esta questão, no entanto, não interessa ao homem de hoje. Ele é o **homem da ação**. Mas nós lhe perguntamos com Schweitzer: “Afinal: pensamos porque agimos, ou agimos porque pensamos?”.

### 2.2.2. Falta de liberdade espiritual

Liberdade material e liberdade espiritual estão intimamente interligadas. Mesmo em seu livro, Schweitzer não fez uma separação exata entre os fatores que prejudicam uma ou outra. Nós o fazemos apenas para fins de exposição. São os seguintes os fatores que impedem a liberdade espiritual:

---

(15) *Ibid.*, pág. 33.

**A imprensa fácil** — há um fenômeno em nossos atuais meios de Comunicação ( MASS MEDIA ) de resultado altamente lesivo para o desenvolvimento da cultura. É a ação reflexa, apontada por Schweitzer, que os indivíduos, já dispersivos e incapazes de concentração, exercem sobre aqueles órgãos. Em vez de proporcionarem cultura, eles sucumbem à lógica da demanda: servem apenas a clientes sedentos, na quase totalidade, de futilidades e de distrações vazias. Entre nós, brasileiros, sabemos bem do quanto o IBOPE influencia a manutenção de um programa de televisão ou de um anúncio. As conseqüências disto são: “restringe-se o gosto pelo teatro em favor dos centros de diversões e de espetáculos frívolos; o livro útil cede lugar ao fútil. Jornais e revistas se vêem na contingência de oferecer de dia para dia a forma de leitura mais simplificada possível a seus vazios leitores. Um confronto da média do modo de apresentação da imprensa diária com a de cinqüenta ou sessenta anos passados, mostra-nos bem claro, quanto ela deixa a desejar nesse terreno” (16).

**A sociabilidade sem frutos** — perdido o hábito de exercer a capacidade reflexiva e de desenvolver o dom de criar, imperceptivelmente o indivíduo cria em volta de si mesmo como que uma crosta impedindo a expansão criativa de seu eu. Esta crosta é a sua “segunda natureza”, com a qual passa a viver desde então. No trato com os semelhantes resulta uma conversação em terceira pessoa. Não há um diálogo, uma troca de idéias, uma verdadeira comunicação. Fala-se de tudo, mas nunca se sai do terreno das generalidades. Dá-se valor a um assunto, não porque ele tem significado, mas porque ele é “manchete”. Não se procura fecundar uma idéia e sim passá-la adiante. As idéias não encontram depósitos ou mananciais; somente canais de superfície. As pessoas não se encontram para se verem envolvidas diante de um ideal comum, mas para uma conversa sem maior compromisso.

**A especialização racionalizante** — a ciência se desenvolveu e o saber colocou a cada um a contingência de restringir o próprio campo de ação e de conhecimento. A racionalização do trabalho é fruto desta especialização. No entanto, o que se ganhou no aspecto funcional ( a sociedade funciona magnificamente bem ! ), perdeu-se na visão do sentido. O trabalho especializado de hoje não fornece uma visão do todo. O trabalhador não tem mais o sentido de sua unidade. Ora, o sentido da unidade está precisamente na unidade do sentido, que o trabalhador não possui por conhecer apenas um aspecto daquilo que ele mesmo faz. Assim como conhece ele profundamente o seu setor, desconhece

também profundamente os outros. Schweitzer faz um paralelo: “O trabalhador manual de hoje não entende mais tão bem do seu ofício como os de antigamente. Não prevalece mais hoje em dia na arte de trabalhar o processo das fases sucessivas, como antigamente se fazia, uma vez que tais ou quais peças já existem prontas, pré-fabricadas, trabalhadas pela máquina ou pela mão de outros artifices. A capacidade de reflexão, o dom de criar e o grau de saber do operário não têm mais necessidade de se distender em direções várias para a consecução de uma obra (...) Em lugar da natural confiança em si, que nasce do trabalho, e na qual sempre e cada vez mais ele terá de firmar o seu pensamento, a sua personalidade, surge a necessidade de contentar-se com sua aptidão parcial aperfeiçoada que diante da especialização perde de vista a imperfeição do conjunto” (17). O perigo espiritual das especializações, assola de maneira particular, o ensino. Os encarregados de instruir a juventude já não possuem aquela visão universal que os habilita a fornecer aos jovens a conexão entre os vários ramos do saber, a ampliar-lhes o horizonte de compreensão para além de certos limites. Lembramo-nos da concepção “digestiva” do conhecimento, bastante comum na prática educacional e que é reprovada por Paulo Freire. Educar não é nutrir o indivíduo de certo tipo de conhecimentos. Esta espécie de “filosofia alimentar” ( expressão de Sartre ), encontra-se naquelas Universidades que estruturam seus cursos como unidades estanques e compartimentadas onde o aluno deve receber aquele tipo específico de ensinamento que o leve à sua determinada profissão e nada mais. Pelo contrário, toda prática educativa implica, para Paulo Freire, uma concepção dos seres humanos e do mundo (18). Implica uma visão de totalidade.

**A impessoalidade do relacionamento humano** — a primeira grande conseqüência dessa é a total desumanização da vida. Vários motivos são assinalados por Schweitzer que dificultam cada dia mais o trato de homem para homem: a precipitação do modo de viver, a intensidade do trânsito, o trabalho em conjunto nos escritórios e a moradia em comum de muitas pessoas em pequeno espaço. Por tudo isto criamos a impressão de que somos estranhos a conviver com estranhos. E é tão generalizada esta restrição do livre exercício da convivência humana que não nos damos conta de que a nossa conduta impessoal represente uma anormalidade. É uma impessoalidade fruto do isolamento. Deste, nós encontramos hoje um verdadeiro paradoxo: o homem das grandes cidades se defronta ao mesmo tempo com um excesso de isolamento e com uma falta de

(17) *ibid.*, págs. 35 – 36.

(18) cf. Paulo FREIRE, **Ação Cultural para a Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, págs. 42 ss.

isolamento. **Excesso** devido à ausência de contato social primário com as pessoas com as quais se relaciona cotidianamente. As pessoas se esbarram umas nas outras, mas realmente não se encontram. Elas “se trumbicam mas não se comunicam. **Falta** devido o mundo concentracionário em que vive. Não há espaço íntimo para uma vida mais pessoal, para um círculo de intimidade. Seu espaço se encontra inteiramente devassado. Desaparecendo assim as afinidades com as outras pessoas, Schweitzer afirma que estamos a caminho franco da desumanização. Falta muito pouco para a completa desumanização da vida. E isto é grandemente prejudicial para a cultura. “Na verdade, idéias reveladoras da mais cruel desumanização da vida, com a autoridade peremptória de um axioma, vêm já transparecendo há duas gerações passadas, com enregelante clareza, através da conversa corrente de todos os dias. Resultou aparecer daí uma mentalidade social que segrega o indivíduo do resto da humanidade. Com isso desapareceu também a natural gentileza de sentimentos, imperando em seu lugar uma ostentação de absoluta indiferença, que se reveste das mais variadas formas. O decantado hábito de estabelecer logo distância e indiferença para com desconhecidos deixou de ser encarado como dureza de costumes ou dureza de coração, valendo antes como prova natural de bom-tom social”. (19) Este quadro demonstra bem o quanto é impossível nele uma autêntica cultura e mesmo uma história verdadeira. Vem negar aquilo que o Pe. Lima Vaz disse a respeito destas duas: “Se o tecido mais profundo da história é urdido pela comunicação das consciências e esta não é mais do que a captação de um **sentido comum**, no qual os homens de determinado grupo humano ou que se constitui tal pela comunidade de uma mesma cultura, compreendem sua situação no mundo e se reconhecem como homens dentro desta situação, podemos dizer que a história é possível na medida em que o **ato de consciência** de cada homem se abre para um mundo de significações onde se dá seu encontro com os outros homens” (20). Boa parte da humanidade é considerada apenas “material humano”, mera expressão numérica, simples coisa, sem relacionamento entre si, sem sentido comum, sem ato de consciência, sem comunicação, afinal, sem cultura.

**A superorganização das nossas instituições** — a burocratização cada vez mais refinada de nossas instituições agiganta-se mais e mais como elemento de obstrução à cultura, subjugando as personalidades e idéias. A história de cada instituição é quase sempre a mesma: após um período inicial de grande

(19) Albert SCHWEITZER, *op. cit.*, pág. 38.

(20) Pe. HENRIQUE C. DE LIMA VAZ, O Absoluto e a História, Revista **Paz e Terra**, ano I, nº2, setembro, 1966, pág. 77.

vitalidade e benefício para a cultura, sobrevém um período de superestruturação e centralização onde impera a voz da coletividade. À incultura dos organismos burocráticos constitui, mesmo, um luxo dar atenção à opinião de cada pessoa. Não há como negar a atuação externa das organizações sejam elas políticas, religiosas ou econômicas. Estatutos, disciplina e expedientes técnicos são manipulados com tal eficiência que o alvo é atingido com perfeição. No entanto, Schweitzer sustenta que, na mesma proporção “tais coletividades cessam de agir como organismos vivos, e se apresentam cada vez mais em analogia com a perfeição fria e rígida das máquinas. Sua vitalidade interna perde a opulência, perde a maleabilidade, uma vez que dentro delas as personalidades necessariamente perdem sua força de ação. (...) O homem da atualidade é, de um modo **sui-generis**, absorvido pela massa.” (21). As conseqüências do abrir mão da supremacia do valor individual em favor da coletividade são terríveis para a cultura: a sociedade não pode elaborar novas idéias ou renovar as que existem, limitando-se a assistir como as idéias vigentes ganham força de dia para dia.

**A propaganda** — a maneira mais completa da superorganização das instituições realizar a supressão do pensamento é a propaganda, pois representa a total derrocada da independência do pensar. A propaganda desbanca decididamente a verdade, colocando-se no seu lugar. Schweitzer descreve-nos como a propaganda se infiltra na alma mesma de nossa cultura: “De ano para ano agrava-se nas coletividades a tendência de propagar idéias sem que se reflita sobre elas. E chegaram a tal perfeição os métodos nessa maneira de proceder, tiveram tal aceitação, que a sem-cerimônia de querer apresentar onde e quando parecia oportuno ainda que seja a coisa mais absurda deste mundo, como expressão da opinião pública, dispensa logo qualquer introdução justificativa” (22). De fato, a força da propaganda é tão violenta que, além de subjugar as opiniões dos indivíduos, é capaz de criar-lhes novos tipos de necessidades. Abdicando assim de ter opiniões próprias, passam a fazer apenas parte da massa. A coletividade dispõe deles a seu bel-prazer. Dela recebem as opiniões já formuladas, como quem recebe uma mercadoria de encomenda, opiniões que passam a reger a sua vida. Não há mais trabalho próprio e criativo de fazer cultura. Há somente o trabalho coletivo de transmitir modelos pré-fabricados.

As tintas com que o nosso autor pinta este ponto só poderiam levar a uma conclusão inteiramente negativa a respeito do progresso de nossa civilização. A cada dia se evidenciava mais, à sua vista, a bancarrota dos “Estados

---

(21) *Ibid.*, págs. 41 — 42.

(22) *Ibid.*, págs. 43 — 44.

civilizados". Aquelas causas, materiais e espirituais, somente apressavam cada vez mais a marcha da humanidade para uma era de obscurecimento e de trevas. "Como escravo; como tipo dispersivo; como ser incompleto; como um náufrago da desumanização da vida; como um vencido que abdicou de sua independência e de seu senso moral, submetendo-se às menores imposições da sociedade; como um ente que em todo o sentido experimentou restrições em seus propósitos de cultura, assim iniciou o homem de hoje a sua tenebrosa marcha nesta era tenebrosa. E a filosofia não teve olhos para ver a situação periclitante em que ele se achava: não se moveu, não fez tentativa alguma para ajudá-lo. Nem sequer procurou detê-lo a fim de despertar-lhe a atenção para o que estava acontecendo.

Não se pensou em evidenciar a terrível verdade de que, com o progresso da história e do desenvolvimento econômico, a cultura, longe de se tornar mais fácil, vai-se tornando cada vez mais difícil." (23)

Se Albert Schweitzer tivesse posto um ponto final, nesta altura, às suas palavras, muitos teriam pensado que ele sucumbira à ordem dos fatos que estas mesmas palavras evocavam. Se tal não aconteceu foi porque tinha profunda convicção de sua vocação de **médico**. O corpo enfermo de nossa cultura, à sua frente, tinha sido diagnosticado: sofria de males materiais, morais e espirituais. Cabia-lhe empunhar o bisturi.

### 3. O CAMINHO PARA A REGENERAÇÃO DA CULTURA

A mágoa de Schweitzer para com a sociedade envolvente não impediu que seu espírito otimista propusesse uma forma de regeneração como um remédio salutar contra o vírus inoculado na alma mesma de nossa cultura. No horizonte do progresso humano ele vislumbrou algumas linhas firmes de esperança. A Filosofia da Cultura de Albert Schweitzer desemboca numa verdadeira concepção de esperança e de otimismo.

No entanto, o caminho de regeneração continha terríveis obstáculos. Impunha-se, então, unir à mística da esperança também uma ascese. Descreveremos esta dupla exigência. A ascética, inscrita nas dificuldades a superar. A mística, porque a filosofia de nosso autor se espria numa fé na "conversão individual" e na "concepção da vida", que são respectivamente seu aspecto prático e seu aspecto teórico.

---

(23) *Ibid.*, págs. 45 – 46.

### 3.1. A ascese da regeneração

Schweitzer acredita num movimento de ascensão (24) em que se pode transformar o declínio da cultura desde que se ponha novamente em atividade as **forças morais** (25) para servirem de base aos ideais em que se assentará a nova estrutura da realidade da vida. Acreditando nestas forças, tal empreendimento deverá enfrentar primeiramente inúmeras dificuldades:

**Falta de compreensão para as coisas como deveriam ser** — o homem de hoje se mantém escravo de ideais cada vez mais rasteiros, não acreditando num mundo melhor voltado para o verdadeiro progresso, não tendo a convicção de poder reformar o mundo pelas idéias apesar de todas as circunstâncias externas adversas. Quase toda gente faz o possível para não ver as coisas realmente como deveriam ser e se acomodam ou num otimismo ou num pessimismo impensado. Ninguém se engaja na luta pela renovação da cultura.

**Necessidade de romper com a realidade ambiente** — a necessidade de que estabeleçamos uma nova visão de mundo, radicada em nós mesmos, prende-se ao perigo de herdarmos idéias ( que já foram vividas ) que agora circulam como fórmulas passadistas, inexpressivas e funcionam como “detritos de metabolismo” agindo como sombras ou toxinas orgânicas. Na história das culturas nós encontramos diversos exemplos da influência pouco benéfica e bastante maléfica das antigas idéias. Os povos germânicos do Renascimento, por exemplo, pelo influxo da cultura greco-romana, foram, durante séculos, mantidos numa situação de severa dependência espiritual que lhes bloqueou as expressões próprias de vitalidade. No entanto, por mais paradoxal que possa parecer, Schweitzer propõe o restabelecimento destes princípios antigos. Mas como podem estes princípios, já exauridos pelo tempo, tomar de novo fôlego na mente dos mesmos povos em que hajam sucumbido ? Não trouxe a decadência sempre consigo o estigma das coisas definitivas ? A chave deste enigma está em dar novo alento a idéias reconhecidamente gastas. Trata-se de escavar bem fundo ( o que havia sido esquecido ) a fim de encontrar o lenço das águas. “Queremos segurar com as próprias mãos a chave desse enigma, para com essa chave abrir a porta dos novos tempos, tempos em que tudo o que é velho há de se tornar novo e em que o sentido espiritual da vida nunca mais se apagará” (26). Devemos

(24) *Ibid.*, pág. 72.

(25) Schweitzer sustenta que o fundamento de todo este movimento de renovação está na **reinstauração do “poder das forças morais”**. Como é algo de ordem racional e está ligado à própria “concepção da vida”, a ela nos reportaremos quando falarmos desta última.

(26) *Id.*, *ibid.*, pág. 74.

tomar dos escombros das culturas já gastas as vigas sãs, os metais perfeitamente resistentes, os tijolos perfeitos e reconstruir a partir de uma verdadeira “visão da vida”. Urge romper com as interpretações vigentes ( a concepção do mundo ), com a desnorтеada realidade ambiente, cheia de altos e baixos e sem uma linha de continuidade. Este trabalho de revitalização de princípios e idéias gastas é quase como o trabalho dos artistas especializados em reconstituir obras de arte agredidas ou prejudicadas.

**Falta de apoio das circunstâncias externas** — nas culturas anteriores, como o Renascimento e a Ilustração, nós podíamos encontrar a fecunda reciprocidade de influxos entre o material e o espiritual. Muito do progresso espiritual decorria das conquistas no campo das instituições materiais. “Imperativos de ambas as espécies constavam lado a lado de seu programa e eram concomitantemente realizados”. Hoje não contamos com este apoio na renovação dos valores espirituais. E a mesma observação pode ser feita em relação à aliança que antigamente encontrávamos entre pensamento e saber: o progresso acontecia guiado pelo pensamento. Atualmente, o saber desdenha do pensamento, pois se tornou livre e indiferente. “O mais avançado saber ( = ciência ) se adapta também logo à mais inepta visão do mundo. A ciência sustenta que o seu papel é jogar com a exatidão dos resultados isolados e que somente nessa verificação da realidade é que existe verdadeira ciência” (27). É aquilo que Hilton Japiassu chama de “Mito da Neutralidade Científica” (28) e que, já nos tempos a que se reporta Schweitzer, grassava nos meios científicos, quiçá nas Universidades sobretudo. Sem este apoio da ciência e das instituições materiais, o trabalho de regeneração deve proceder apenas internamente. É uma estranha tarefa, já que temos que proceder praticamente sozinhos !

**Necessidade de não acreditar em soluções estruturais** — de acordo com nosso autor, não podemos esperar soluções que partam de instituições, de regimes, de sistemas filosóficos ou de ideologias. Todos estão comprometidos com as forças do poder coletivo e do dinheiro. A regeneração da cultura nada tem a ver com soluções estruturais ou com movimentos relacionados com a psicologia das multidões. “A cultura (...) só poderá tomar pé novamente quando em cada um dos indivíduos, independentemente do modo de pensar da massa, que hoje predomina, e em oposição ao mesmo, se forme uma nova orientação de vida, que, passo a passo, ganhe influência na mentalidade

---

(27) *Ibid.*, pág. 78.

(28) Cf. Hilton JAPIASSU, *O Mito da Neutralidade Científica*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1975.

coletiva e, finalmente, consiga orientá-la. (...) Ali onde as coletividades exercem mais influência sobre o indivíduo do que este possa exercer sobre elas, começa irremissivelmente a decadência...” (29). Com uma espécie de frustração e sensação de inutilidade, descobrimos que a derradeira instância, o último reduto era, de fato, o Espírito. Os mais árduos problemas com que temos de arcar perante nossa situação cultural só podem ser solucionados, em última análise, pela predisposição espiritual.

Perante todas estas dificuldades, Schweitzer propõe a FÓRMULA DE REGENERAÇÃO que leve o declínio da cultura a se transformar em movimento de ascensão:

“De muitos (...) exigiremos que neguem o sistema de vida em que se acham atualmente comprometidos. E que tarefa imensa terá o espírito de tomar a peito. Terá de despertar de novo o senso da verdade onde hoje impera a voz da propaganda. Terá de destronar o falso patriotismo e colocar em lugar dele o verdadeiro, aquele que de fato zela pelo bem da humanidade; terá de implantá-lo ali onde lamentáveis acontecimentos da política do passado e do presente ainda sustentem paixões nacionais, até mesmo, entre aqueles que, no seu íntimo, são visceralmente contra isso. Terá de evidenciar que a cultura é bem comum de todos, da humanidade em geral, da qual todos os povos devem participar. Sim, ali onde agora a cultura nacional é honrada como um ídolo e onde o sentido de uma humanidade culta se tenha reduzido a nada, ali deverá impor-se. Deverá manter de pé a confiança no Estado culto onde os governos espiritual e economicamente espezinhados pela guerra nem sequer mais cogitam em problemas culturais e só andam absorvidos pela idéia de como, por todos os meios possíveis e impossíveis, até mesmo, aqueles que sufocam o direito e a razão, possam arranjar dinheiro, dinheiro para continuar dominando. Deverá também unificar-nos em torno do ideal de uma humanidade culta, quando um povo arrebatou ao outro a fé no humanismo, a fé no idealismo, a fé na justiça, na razão e na verdade e caiu sob o domínio de poderes que, cada vez mais, arrastam os povos para as misérias da incultura.

Deverá chamar a atenção de todos para a cultura, onde, com as crescentes dificuldades da vida, muitas e muitas pessoas são, cada vez mais, absorvidas pelos cuidados materiais da existência, considerando tudo o mais mera fantasia. Deverá despertar em nós a fé na possibilidade do progresso ali onde o choque de retorno de causas econômicas, agindo sobre o espiritual, se manifeste cada dia mais inquietante, provocando ininterrupta e crescente desmoralização da sociedade. Deverá, sim, infundir-nos o dom de conservar viva a nossa confiança, embora freqüentemente falhem nos seus postos tanto as instituições ou agremiações profanas e religiosas, como também pessoas tidas e havidas como importantes; confiança, sim, a despeito dos eruditos e artistas sem cultura, que conseguem brilhar nessa incultura, confiança, ainda, a despeito de celebridades tidas na conta de pensadores, que assim se apresentam, as quais, no entanto, nos momentos decisivos da vida, não passam de meros literatos ou medalhões de academias.” (30);

### 3.2. A mística da regeneração

A derradeira forma do saber é, para Schweitzer, de índole mística. E o conhecimento da vida é o seu objeto. Assim, desde que a vida é o derradeiro objeto do saber, será também o supremo saber **experiência pensante da vida** (31). Para chegar a este grau de saber místico, unem-se em nós o discernimento e a vontade. A mística constitui para estes o último e misterioso degrau, perante o qual devem estacar-se, pois lá se dá o conhecimento que supera toda a compreensão. É lá que propriamente **intuímos** a vida.

Em nosso entender, para se chegar a este grau místico que é a intuição da vida, há de se conseguir, da parte da vontade, uma verdadeira “**conversão individual**” e, da parte da razão, uma “concepção racionante do mundo” ( **concepção da vida** ), na linha de pensamento de nosso autor.

**Conversão individual** — os meios coletivos superorganizados de nossa sociedade empenham-se com unhas e dentes para fazer com que os indivíduos continuem sendo sempre o mesmo ser destituído de personalidade.

(30) *Ibid.*, págs. 82 — 83.

(31) No original: “*denkendes Erleben des Lebens*”.

Temem a personalidade, porque sabem que o espírito e a verdade, que eles bem desejam fazer calar, logo se manifestam neles. É, nestes meios, que cada um deverá procurar viver novamente, como personalidade livre e independente, para, depois poder também influir sobre essas coletividades. Esta conversão do indivíduo a si mesmo exigida por Schweitzer deve assumir a forma de uma radicalidade total.

“Nenhuma outra possibilidade imaginável existe de renovação do mundo, a não ser aquela mediante a qual primeiro nos resolvamos, embora esmagados sob o peso de duras contingências, a nos tornar homens novos, inaugurando uma sociedade nova, com renovados propósitos, harmonizando os desentendimentos reinantes entre os povos, possibilitando assim o redespertar da cultura. Tudo o mais é tempo perdido, porque estamos fazendo as sementeira não de coisas do espírito, mas de preocupações meramente externas da vida” (32). É necessário observar que o cultivo da personalidade propugnada por Schweitzer é mais de ordem moral e espiritual e nada tem a ver com um narcisismo cultural que hodiernamente propala a auto-idolatria da pessoa como forma de mudar a sociedade e que gerou o culto pela maior consciência, saúde ou “crescimento” pessoal. Christopher Lasch nos conta o que acontece com muitos norte-americanos. Sem esperanças de melhorar suas vidas de uma forma válida, convenceram-se de que a única coisa que importa é o aperfeiçoamento psíquico: conhecer sua própria sensibilidade, ingerir alimentos sadios, tomar aulas de balé ou dança do ventre, conhecer a sabedoria oriental, marchar, aprender a “relacionar-se” e vencer o “medo do prazer”. Este autor cita o testemunho de um líder **Hippye** ( Jerry Rubin ), “voraz consumidor dos supermercados espirituais da época”: “Em cinco anos, de 1971 a 1975, experimentei diretamente a terapia **est, gestalt**, a bioenergética, **relfing**, massagem, marcha, alimentação sadia, **tai chi, Esalen**, hipnose, dança moderna, meditação, Controle Mental, Silva, Arica, acupuntura, terapia sexual, terapia reichiana e More House, um curso de Nova Consciência” (33).

Não é isto o que Schweitzer propõe. Para ele somente os princípios morais da razão é que nos dão a verdadeira conexão entre nós e a realidade. Só mediante eles o homem e a sociedade conseguem a força necessária para dominar os acontecimentos. Esta concepção da cultura com base moral e que erige em valor primordial a vontade individual traz até nós a proposição basilar de Kant: “Age de tal modo que a máxima de tua vontade possa valer-te sempre

(32) *Ibid.*, pág. 68.

(33) Cf. Christopher LASCH, Narcisismo – um dos males da nossa era, artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, 17 de outubro de 1976, págs. 221 – 222.

como princípio de uma legislação universal” (34). É dentro de cada um exclusivamente que pode surgir o sentido da vida. “O que, em última análise, decide do futuro de uma sociedade não é a maior ou menor perfeição de sua organização, mas a maior ou menor valorização das individualidades que a compõem (...) Nós que nos achamos nessa situação ( já mencionada ) devemos fazer com que as individualidades de novo reconquistem sua elevada vocação própria, a fim de poderem assumir as funções que somente o indivíduo como tal pode satisfatoriamente preencher na sociedade, a saber, o dom de imprimir ao pensamento diretrizes morais-espirituais” (35). A cultura é um trabalho coletivo não porque o que importa seja a coletividade, mas porque exige a colaboração de muitos numa ação de homem para homem e numa forma de propagar idéias de acordo com a natureza particular de cada um. “Longe da publicidade é que deverá ser forjada uma nova opinião pública, porque a atual é mantida pela imprensa, pela propaganda, pelas organizações, pelas forças do poder e do dinheiro, que estão à sua disposição. A esse processo antinatural de propagação de idéias, o outro, que é natural, que é espontâneo, deverá impor-se, aquele que parte de homem para homem, de alma para alma, e que conta somente com a idéia baseada na verdade e com o dom de persuadir que é próprio da verdade” (36).

**Concepção da vida** — a grande missão do espírito é criar uma concepção que leve à reverência pela vida. Cada um deve ter a própria concepção da vida que oriente o sentido de sua ação. E a primeira consciência disto se manifesta no respeito à vida. É daí que nasce a verdadeira moral, base de todo o movimento de renovação da cultura. A moral é um imperativo da experiência que estabelece o respeito por tudo aquilo que é vivente. A reverência pela vida fornece-nos um parâmetro para estabelecermos uma justa classificação de valores, pois “O bem é: conservar a vida, promover a vida, e elevar ao máximo possível o teor de valorização das vidas que se revelarem capazes de progredir. O mal é: destruir a vida, oprimir a vida, impedir o livre desenvolvimento da vida nas vidas que se revelarem capazes de progredir” (37). Somos chamados a viver, esta é nossa vocação fundamental. A vida é o critério básico da existência. Neste ponto, Schweitzer nos faz lembrar do “**Erleben**” de Edmund Husserl e dos existencialistas.

(34) Cf. Emmanuel KANT, **Crítica da Razão Prática**, São Paulo, Ed. e Pub. Brasil, 1959, 3ª ed., trad. Afonso Bertagnoli, pág. 56.

(35) Albert SCHWEITZER, **Decadência e Regeneração da Cultura** págs. 79 — 80.

(36) **Id.**, **Ibid.**, pág. 80.

(37) **Ibid.**, Prefácio, pág. 14.

No entanto, não é qualquer concepção que poderá fornecer valores orientadores da vida. Não pode ser aquela que apenas leve a conhecer ( ERKENNEN ) o mundo; deve ser uma que leve a vivê-lo ( ERLEBEN ). E aqui entra o papel da razão. É ela quem nos guiará no estabelecimento das bases da vida. Não uma razão fria, árida, objetivante, que vise apenas à ciência ( ERKENNEN ); mas uma razão que agite em si o sentido da vida e que vise à orientação do querer ( WOLLEN ) (38). Schweitzer pretende reabilitar o real valor do Racionalismo como fenômeno necessário a toda e qualquer vida espiritual sadia. As verdadeiras realizações de progresso do mundo são consideradas como promovidas por ele. “Em caso algum devemos consentir que sentimentos ou fraseados românticos impeçam a nossa geração de fazer uma idéia justa do que seja verdadeiramente a razão. Ela não é, em absoluto, uma compreensão gélida das coisas, avessa no consentir que as múltiplas emoções de nossa vida anímica livremente se manifestem. Longe disso. Ela é, muito mais, a concordância de todas as funções de nosso espírito em sua mais viva colaboração de forças. É nela, é na razão que o discernimento e a vontade tecem o misterioso diálogo que decide de nossa vida espiritual. As idéias de interpretação do mundo que ela elabora encerram tudo que ela pensa sobre o sentido de nossa destinação e da destinação da humanidade, tudo que possamos pensar ou sentir a esse respeito, dando verdadeiro valor e direção à nossa existência” (39). O que há de válido no racionalismo é sobretudo isto: o princípio de que se deve estabelecer a concepção do mundo sobre a reflexão. Por isso a concepção do mundo deve ser uma concepção **raciocinante** do mundo ( ou **concepção da vida** ). Assim ela permite a todo ser humano tornar-se uma verdadeira **personalidade** e fornecer valores à coletividade.

Como relacionar a **concepção da vida** com a obra de fazer cultura ? Como deve ser ela para que possa fundamentar os ideais e propósitos culturais ?

Para Schweitzer, deve ser uma **concepção otimista e moral**. **Otimista** porque coloca o ser acima do nada, confirmando o mundo e a vida como coisas valiosas em si mesmas. “Nasce daí a atividade que se preocupa com a melhoria das condições de vida de cada indivíduo, da sociedade, dos povos e da humanidade, da qual resultam as realizações externas da cultura, o predomínio do espírito sobre as forças da natureza e a superior organização social do mundo” (40). **Moral** porque se constitui numa atividade do homem que visa

(38) Albert Schweitzer, **Cultura e Ética**, pág. 223 ss.

(39) cf. **Decadência e Regeneração da Cultura**, pág. 92.

(40) **Ibid.**, pág. 97.

a atingir a perfeição interior da personalidade e capacitar o indivíduo a influir sobre os homens e sobre o mundo. A ação conjugada da concepção otimista e da concepção moral da vida produzem a cultura. "O futuro da cultura (...) está a depender da circunstância de ser ou não possível fazer com que a reflexão chegue a uma concepção do mundo, que encerre em si o otimismo, isto é, a afirmação do mundo e da vida, e a moral, como bases firmes e seguras que aquelas que teve até o presente momento" (41).

Parece uma verdadeira ironia este retorno à reflexão sobre o sentido da vida, num momento como o de Schweitzer e o de hoje. Momento em que nos defrontamos com ruínas as mais diversas, sofrimentos indescritíveis de muitos povos, pobreza e fome de tantas nações, desorientação geral. No entanto, o nosso autor reafirma convictamente a sua posição. Só a reflexão poderá fazer surgir as forças que têm ação sobre tais perturbações e sobre a imensa miséria que pesa sobre todos. E traz-nos uma bela analogia: "Quando na primavera a cor pardacenta cede lugar ao verde que desponta dos campos, assim acontece porque milhões de brotos surgem das raízes. Assim também a renovação das idéias para o nosso tempo de outro modo não poderá vir senão pela transformação que muitos e muitos possam operar nos seus propósitos de vida e em seus ideais, refletindo sobre o sentido da vida e do mundo" (42).

Somente um gênio poderia chegar a um individualismo e a um racionalismo sem passar pelos defeitos que toda a nossa longa tradição filosófica tem, imperdoavelmente, atribuído a estes dois radicalismos! O gênio de Schweitzer se assentava, no entanto, numa intuição fundamental, para a qual ele pretendia conduzir o indivíduo e a razão. Queria fazer da "conversão individual" uma conversão à **personalidade** e da "concepção da vida" uma **experiência pensante da vida**. O máximo de "conversão individual" e o máximo de concepção da vida" é o que nos parece levar àquele tipo de saber que ele chamou de "místico". E sua intuição pode ser expressa de maneira muito simples ( para Schweitzer "tudo que é profundo é, ao mesmo tempo, simples" (43)): o **sentido da vida**.

(41) *Ibid.*, pág. 99.

(42) *Ibid.*, pág. 103.

(43) *Ibid.*, pág. 27.

## CONCLUSÃO

Não pretendíamos aqui elaborar uma crítica ao pensamento ou à obra de Schweitzer. Pensamos apenas fornecer um roteiro de leitura e algumas considerações às principais idéias de seu livro **Decadência e Regeneração da Cultura**. Chamamos a atenção para o valor e a atualidade das considerações ali contidas, talvez nada mais. Mas a recomendação de uma leitura pode fornecer pistas fecundas a outros trabalhos, nossos ou de outrem, sobre aquela obra. Dada a riqueza das perspectivas lá encontradas, podemos mesmo fazer algumas sugestões para trabalhos críticos ou comentados: como unir o racionalismo de Schweitzer com seu misticismo? O que dizer da "redução individualista" de Schweitzer? A "concepção da vida" por ele elaborada poderia aproximá-lo da visão existencialista? Como situá-lo na história do pensamento humano? Quais as influências por ele recebidas para chegar a tal concepção da cultura? Algumas noções poderiam vir a ser analisadas em maior profundidade, tendo em vista a conotação especial que Schweitzer lhes dá: razão, racionalismo, visão-do-mundo, visão-da-vida, moral, espiritual, apenas para exemplificar.

O pensamento de Schweitzer não é tão conhecido entre nós, brasileiros, como é o seu nome de médico. Queríamos, acima de tudo, preencher aqui, ao menos parcialmente, esta lacuna. Para isso desejávamos sugerir a não separação entre o Schweitzer-médico e o Schweitzer-pensador. Sua Filosofia da Cultura é, ao mesmo tempo, uma Terapêutica da Cultura. Ao mesmo tempo que refletia, ele auscultava, ao mesmo tempo que diagnosticava, ele "racionalizava". E o que torna mais interessante a sua maneira de ver como filósofo-médico é que ele fazia da cultura uma obra cotidiana. Tão cotidiana como o respirar, o frequentar a natureza, o conviver com as pessoas, o trocar idéias, o estar livre, o querer saber dos acontecimentos de cada dia, o ler um jornal, o conversar com os amigos mais chegados. A cultura torna-se uma obra pessoal de cada homem. Está inserida nas situações que fazem o dia a dia de toda pessoa. Afinal, ela é uma coisa simples; simples, mas profunda. Possui aquela propriedade simples de que o Dr. Albert Schweitzer, como médico, é grande especialista: a vida.

## BIBLIOGRAFIA

- CROUZET, Maurice ( Dir. ), **História Geral das Civilizações**, Tomo VII – **A Época Contemporânea**, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 2ª ed., 1961, trad. J. Guinsburg e Vítor Ramos.
- FREIRE, Paulo, **Ação Cultural para a Liberdade**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- JAPIASSU, Hilton, **O Mito da Neutralidade Científica**, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.
- JOY, Charles R. ( Ed. ), **Albert Schweitzer: An Anthology**, Boston, The Beacon Press, 1947.
- KANT, Emmanuel, **Crítica da Razão Prática**, São Paulo, Ed. e Pub. Brasil, 1959, 3ª ed., Tradução e Prefácio de Afonso Bertagnoli.
- SCHWEITZER, Albert, **Cultura e Ética**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1953, trad. Herbert Caro.
- SCHWEITZER, Albert, **Decadência e Regeneração da Cultura**, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1959, 2ª ed., trad., prefácio e notas de Pedro de Almeida Moura.
- SOROKIN, Pitirim A., **Las Filosofías Sociales de Nuestra Época de Crisis**, Madrid, Aguilar, 1956, trad. Eloy Terrón.
- VAZ, Pe. Henrique C. de Lima, **O Absoluto e a História**, Rev. Paz e Terra, ano I, nº 2, setembro, 1966.

## PARADIGMA E MODELO NA EPISTEMOLOGIA DE THOMAS S. KUHN. DEFINIÇÃO DE MODELO

Júlio Mariano Júnior \*

Hoje em dia teorizamos acerca de tudo: não apenas acerca dos objetos físicos, mas também de fatos biológicos, sociais e psíquicos. Alguns ramos da psicologia matemática tornaram-se mais sofisticados do que certos capítulos da química. Mede-se atualmente o progresso científico por graus de avanço da ciência teórica melhor do que pelo volume de dados empíricos”. MARIO BUNGE ( *Teoria e Realidade*, pág. 10 ).

1 — A polissemia do termo **modelo** nas mais recentes teorias tanto das ciências físicas como das ciências biológicas e sociológicas já está a exigir um trabalho epistemológico que elimine o maior número de dúvidas e confusões dos cientistas e que, cortando os excessos inventivos da linguagem e mantendo o necessário para o progresso de uma teoria das teorias científicas, deixe o campo de trabalho racional aplanado para outras tarefas inafastáveis.

Com *A Estrutura das Revoluções Científicas*, Thomas Kuhn, físico teórico que passou a trabalhar com a epistemologia, a história das ciências e com “os métodos e problemas científicos legítimos”, inclusive nas ciências sociais, nas décadas de 1950 – 60, temos outro termo relacionado com modelo para o qual a precisão conceitual e a função definida no pensamento teórico-científico estão aguardando remate.

No prefácio de *A Estrutura das Revoluções Científicas* Kuhn afirma: “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (1).

Era uma aporia epistemológica para Kuhn o desacordo dos cientistas sociais quanto à natureza dos métodos e o trato dos problemas e a

\* Mestrando em Filosofia na PUCCamp.

(1) Ob. cit., pág. 13.

ausência de tais controvérsias na prática da astronomia, da física, da química ou da biologia. Na tentativa de descobrir a fonte dessa diferença, Kuhn reconheceu a função dos **paradigmas**.

A concepção de paradigma leva Kuhn, desde logo, a outros problemas e distinções como os relativos ao desenvolvimento do pensamento científico, no qual marca os períodos de ciência normal, o pré-paradigmático e o pós-paradigmático, a coexistência de paradigmas vários, as crises e anomalias teóricas e as revoluções científicas (2).

2 — O termo **paradigma** é introduzido por Kuhn no estudo do progresso científico intimamente relacionado com **modelo** e **ciência normal**. Por **ciência normal** Kuhn entende a atividade científica ( a pesquisa ) firmemente baseada no que se tornou consistente e reconhecido pela comunidade científica ( teoria aceita, aplicações bem sucedidas, observações e experimentos exemplares, relatos nos manuais e compêndios elementares e avançados ) (3).

Os **paradigmas** são realizações científicas que atraem um grupo duradouro de cientistas pelo inédito e que são suficientemente abertas para acolher qualquer problema a ser resolvido por esses cientistas. O paradigma, como **corpo de uma teoria aceita**, funciona na definição de métodos e problemas de um campo de pesquisa e, reunindo teoria, leis, aplicação e instrumentação, ‘proporcionam modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica’ (4). Ex.: a astronomia ptolomaica, a astronomia copernicana, a ótica corpuscular ou a ótica ondulatória, hoje a ótica de fótons ( entidades quântico-mecânicas ).

A gênese e a continuidade da “ciência normal” decorrem do compromisso de cientistas e estudantes candidatos a ingresso no grupo em torno de paradigmas compartilhados por eles na prática científica.

3 — No capítulo do livro em estudo, Kuhn ainda procura tornar precisa a noção de paradigma:

“No seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceitos. Este aspecto de seu significado permitiu-me, na falta de termo melhor, servir-me dele aqui. Mas dentro em pouco ficará claro que o sentido de “modelo” ou “padrão” não é o mesmo que o habitualmente empregado na definição de paradigma”.

---

(2) Ob. cit., págs. 14 e 15.

(3) Ob. cit., pág. 29.

(4) Ob. cit., págs. 29 e 30.

Se na gramática um paradigma como o do verbo “amare”: **amo, amas, amat**, pode ser substituído por outro paradigma como o de “laudare”: **laudo, laudas, laudat**.

“Por outro lado, na ciência, um paradigma raramente é suscetível de reprodução. Tal como uma decisão judicial aceita no direito costumeiro, o paradigma é objeto a ser melhor articulado e precisado em condições novas ou mais rigorosas” (5).

Mas no cap. 3 são os **modelos** que adquirem certas características e ganham “status” de **paradigma** (6). No final do cap. 6, Kuhn parece entender o paradigma como **instrumental** para se criarem **alternativas teóricas**:

“Os estudiosos da Filosofia da Ciência demonstraram repetidamente que mais de uma construção teórica pode ser aplicada a um conjunto de dados determinado, qualquer que seja o caso considerado. A História da Ciência indica que, sobretudo nos primeiros estágios de desenvolvimento de um novo paradigma, não é muito difícil inventar alternativas” (7).

Ao tratar da “resposta à crise” científica ou de rejeição do paradigma, Kuhn deixa mais claro que paradigma é uma **teoria ( científica ) instrumental**. Com as anomalias que surgem na confrontação das teorias científicas com a realidade e pelos resultados conflitantes que decorrem dos esforços de resolução de problemas, embora trabalhem com determinado paradigma, os cientistas vêm surgir a crise. Mas a crise, “ao provocar uma proliferação de versões do paradigma, enfraquece as regras de resolução dos quebra-cabeças da ciência normal, de tal modo que acaba permitindo a emergência de um novo

---

(5) Ob. cit., págs. 43 e 44. Aqui há um problema de tradução incorreta ou inadequada e, por conseguinte, de interpretação do texto. Uma decisão judicial é insuscetível de verdadeira reprodução porque é proferida “in casu”. Mas no **direito costumeiro** ( norte-americano ) e melhor seria dizer no “judicial lawmaking power”, uma sentença em um processo **clamoroso** ( não queremos usar o adjetivo “transcendental” ) poderá ser uma decisão chamada **reproduzível**. A reprodutibilidade de uma sentença, havendo analogia de **casos** ( os fatos ou eventos que se assemelham ), cria a jurisprudência uniforme ( “stare decisis” ). Para se compreender a comparação que Kuhn faz na pág. 44, há necessidade de cotejarmos a tradução com o original em inglês.

(6) Ob. cit., pág. 70.

(7) Ob. cit., págs. 104 e 105.

paradigma” (8). E acrescenta o epistemólogo, mais além: “Todas as crises iniciam-se com o obscurecimento de um paradigma e o conseqüente relaxamento das regras que orientam a pesquisa normal” (9).

A transição para o novo paradigma é o que Kuhn entende como **revolução científica**. (10).

4 – Acontece que, publicado o trabalho de Kuhn em 1962, uma leitora, “simpatizante” com a concepção de paradigma, apontou-lhe nada menos que 22 conotações várias do termo e o autor, em justificativa e fora as diferenças de “incongruências estilísticas”, no posfácio de 1969, passa a referir-se a dois usos muito distintos do termo paradigma:

1º) Como o termo “teoria” ( que é compartilhada pelos componentes da comunidade particular de cientistas ) é empregado na filosofia da ciência com conotações e implicações que levam à confusão, Kuhn o substitui por **matriz disciplinar**: o conjunto de elementos teóricos de várias espécies em posse comum dos praticantes. Toda vez que no texto original a referência é a paradigma, partes de paradigma ou a elementos paradigmáticos, diz Kuhn, trata-se de **matriz disciplinar** (11).

São elementos constitutivos de um paradigma ou matriz-disciplinar: generalizações simbólicas, crenças em modelos ( heurísticos ), valores e “exemplares” ( como “as soluções concretas de problemas que os estudantes encontram desde o início de sua educação científica, seja nos laboratórios, exames ou seja no fim dos capítulos dos manuais científicos” ) (12), fora outros que o próprio Kuhn admite existirem, embora não os mencione.

2º) O paradigma é um **exemplo compartilhado** pelos cientistas do grupo ou da comunidade atual. À segunda lei de Newton, expressa sob a forma  $f = ma$ , é um paradigma como exemplo compartilhado por cientistas, aquilo com que estão eles em “acordo em larga medida”. Essa generalização simbólica, ao passar o cientista de uma situação problemática a outra, com as “manipulações lógicas e matemáticas”, transforma-se em:

---

(8) Ob. cit., pág. 110.

(9) Ob. cit., pág. 115.

(10) Ob. cit., pág. 122.

(11) Ob. cit., págs. 226 e 227.

(12) Ob. cit., págs. 227 a 232.

$$mg = m \frac{d^2 s}{d t^2} , \text{ no caso da queda livre; ou}$$

$$mg \sin \theta = -ml \frac{d^2 \theta}{d t^2} , \text{ no caso do pêndulo simples;}$$

e para situações mais complexas as transformações são ainda bem maiores, quase eliminando “o parentesco com  $f = ma$ ” (13).

5 – Os trabalhos de filosofia da ciência de Thomas S. Kuhn, pelos conceitos de paradigma, modelo, crise, anomalia, revolução ruptura, ciência normal, pesquisa normal e outros, levam-no não apenas a uma posição epistemológica apoiada na história das ciências, como ainda ao relacionamento com uma sociologia do conhecimento científico e a uma psicologia da atividade teórica e do conhecimento em geral (14).

6 – No que se refere tão-só à sua concepção de paradigma, é válido o confronto com as noções de **objeto-modelo** e **modelo teórico** de Mario Bunge, reveladas também nos EEUU e na mesma época (década de 1950 – 60). Leiam-se, a propósito, o prefácio e os dois primeiros capítulos de **Teoria e Realidade**.

Para Bunge um **objeto-modelo** é um **modelo conceitual** de uma coisa ou de um fato, convindo falar-se de **evento-modelo** para o fato-acontecimento (15). Trata-se de representação esquemática **conceitual** (nenhum tipo, portanto, de **imagem**: desenho, gráfico, diagrama, armação ou estrutura com elementos sólidos), e representação essa de algo que é coisa ou evento (16).

Em formulação simbólica: se  $f$  é algo de concreto e individual, o seu modelo conceitual pode ser  $m = (a, b)$ , tomando-se  $a$  e  $b$  como par ordenado. E assim  $m \hat{=} f$  lê-se “ $m$  representa (ou modela)  $f$ ” (17).

(13) Ob. cit., págs. 233 e 234.

(14) Kuhn menciona trabalhos dos epistemólogos Alexandre Koyré e Émile Meyerson várias vezes; cita Jacques Hadamard na pág. 158 (nota 13), mas não se refere a Gaston Bachelard. Contudo, fala em **ruptura radical** (pág. 79) e em **rupturas não-cumulativas** (pág. 255), aludindo ao progresso da ciência.

(15) **Teoria e Realidade**, págs. 13 e 22.

(16) Ob. cit., pág. 16.

(17) Ob. cit., pág. 23.

“Um objeto-modelo — porém — mesmo engenhoso, servirá para pouca coisa, a menos que seja encaixado em um corpo de idéias no seio do qual se possam estabelecer relações dedutivas”, enquanto que “um **modelo** teórico de um objeto  $r$ , suposto real, é uma teoria específica  $T_s$  com respeito a  $r$ , e esta teoria é constituída por uma teoria geral  $T_g$  enriquecida de um objeto-modelo  $m \cong r$ ” (18).

Em resumo: um **objeto-modelo** representa traços-chaves de um objeto concreto ou coisa. Um **modelo teórico** explicita o comportamento e-ou o mecanismo interno de um objeto concreto por meio de um objeto-modelo. “Um **modelo teórico** — afirma Bunge — é um sistema hipotético-dedutivo que concerne a um objeto-modelo” (19).

7 — Vemos, portanto, que o objeto-modelo de Bunge corresponde parcialmente ao **paradigma** de Kuhn, tomado este como teoria instrumental, mas a correspondência é mínima porque a conotação que Kuhn deu em 1969 ao paradigma — **matriz disciplinar** — é tão ampla que chega a compreender toda a atmosfera de idéias em que vivem os cientistas já feitos e os estudantes que esperam ingressar na comunidade científica, tais como: generalizações simbólicas, crenças, valores, “exemplares” e outras.

Logo, os esforços de Kuhn são valiosos para a epistemologia porque visam a esclarecer o que ocorre na prática das ciências, a influência das comunidades científicas no desenvolvimento das ciências e na elaboração teórica dos conhecimentos, e a chamar a atenção até para a psicologia do conhecimento científico. Sua concepção de paradigma ou matriz-disciplinar, porém, deixa maior confusão no campo da linguagem científica, pois a metalinguagem das ciências, além de distinguir e elucidar os “modelos-objetos” e os “modelos-teorias”, passa a ter “paradigmas” ou “matrizes”, apesar de já vir sobrecarregada com a concepção de “modelo” como modo de se explicar algo, ou **interpretação de uma teoria** (20).

8 — Para a epistemologia é de máxima importância tornar preciso o conceito de modelo e mostrar as distinções conotativas que decorrem do emprego do termo por epistemólogos filiados a uma ou a outra filosofia da ciência.

(18) Ob. cit., págs. 23 e 24.

(19) Ob. cit., págs. 16.

(20) FERRATER MORA — **Diccion. de Filosofia**, verb. **modelo**.

Asti Vera atribui à noção de modelo um caráter relativo e percebe-a em estreita referência aos conceitos de sistema e teoria, ou como uma função explicativa de teorias. Procura definir: “um modelo é o conjunto de sinais isomorfos a uma teoria, isto é, qualquer que seja a relação existente entre dois elementos do sistema ou teoria, deve existir uma relação correspondente entre os dois elementos respectivos do modelo. ... Sob o ponto de vista epistemológico, os modelos se utilizam como interpretações de uma teoria, de tal modo que, para alguns autores, modelo e interpretação são expressões sinônimas” (21).

Das várias concepções, passando da matemática (22) à cibernética (23) e ao estruturalismo, e voltando à epistemologia com Leônidas Hegenberg (24), uma nossa conclusão quanto ao significado de modelo é a de: construção teórica para representação formal de algo ( coisa ou evento e, logo, conjunto de relações ), estruturada de modo a ser submetida a comprovações empíricas ou lógicas.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 – KUHN, Thomas S. – **A Estrutura das Revoluções Científicas**, Editora Perspectiva, S. Paulo, 1975.
- 2 – BUNGE, Mario – **Teoria e Realidade**, Editora Perspectiva, S. Paulo, 1974.
- 3 – ASTI VERA, Armando – **Metodologia da Pesquisa Científica**, Editora Globo, Porto Alegre, 1973.
- 4 – FERRATER MORA, José, **Diccionario de Filosofía**, Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 1965, 5ª ed., 2 tomos.
- 5 – LÉVI-STRAUSS, Claude – **Antropologia Estrutural**, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.
- 6 – FRANK, Helmar G. – **Cibernética e Filosofia**, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1970.
- 7 – HEGENBERG, Leônidas H. B. – **Introdução à Filosofia da Ciência**, Ed. Herder, S. Paulo, 1965.

(21) ASTI VERA – **Metodologia da Pesquisa Científica**, págs. 152 e 153.

(22) NEUMANN, John von e MORGENSTERN, Oskar – **Teoria dos Jogos e Conduta Econômica**, cits. por LÉVI-STRAUSS “in” **Antropologia Estrutural**, págs. 316 e 317.

(23) FRANK, Helmar G. – **Cibernética e Filosofia**, págs. 110 – 111.

(24) HEGENBERG, Leônidas – **Introdução à Filosofia da Ciência**, pág. 79.

## O SUJEITO-SUJEITO

Roosevelt M. S. Cassorla \*

— I —

Na filosofia tradicional sempre encontramos o sujeito numa relação com o saber, ele é um “sujeito de conhecimento”. A hipótese fundamental, como diz Lacan, do pensamento clássico é a do sujeito perfeito, ser de si consciente, acabado em sua própria identidade (1). Surgem então as “feridas narcísicas”, no dizer de Foucault (2), que revolucionam a história da cultura ocidental, questionando a posição central do sujeito.

Com Copérnico, o homem já não pode colocar-se no centro do universo, com Darwin já não é mais o centro do reino animal, com Marx é descentrado na história, com Freud não é sequer o centro de si mesmo e aprende que ele próprio é constituído por uma estrutura, a estrutura da linguagem.

Kant já deixara para o sujeito apenas as formas do objeto do conhecimento: o reconhecimento do objeto se dá de acordo com categorias apriorísticas. O Eu não é uma substância espiritual, que conhece e age, mas unicamente a atividade sintética, originária, transcendental, a priori, a qual constrói o mundo da experiência (3). Para Nietzsche “não há sujeito, mas uma atividade, uma capacidade criadora de inventar...” (4). Ou ainda: “O Eu não consiste na atitude de um único ser frente a várias entidades (instintos,

---

\* Médico Psiquiatra, professor assistente do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da UNICAMP; Mestrando em Filosofia da Ciência, na PUCCamp.

(1) Cf. Ana Maria Lopes PEREIRA, “A subversão do sujeito”, pág. 132.

(2) Michel FOUCAULT, “Nietzsche, Freud e Marx”, *Nietzsche (Colloque de Royumont)*, Ed. de Minuit, 1967, pág. 185, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos” pág. XXXVIII.

(3) Cf. Humberto PADOVANI e Luis CASTAGNOLA, *História da Filosofia*, pág. 312.

(4) NIETZSCHE, *La Volonté de Puissante* t. I, Gallimard, 1947 – 48, pág. 251, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

pensamentos, etc. ); pelo contrário, o Eu é uma pluralidade de forças quase personificadas das quais ora esta ora aquela ocupa a frente do palco e toma o aspecto do Eu; deste lugar, contempla as outras forças, como um sujeito contempla um objeto que lhe é exterior, um mundo exterior que o influencia e determina: o ponto da subjetividade é móvel” (5). Ele critica os conceitos de ser e verdade: a busca de uma essência, interior e verdadeira apenas mascara a impossibilidade dessa busca, pois não há um significado original, transcendental, apriorístico.

Marx escreve: “Só se trata aqui de **pessoas** na medida em que elas são a personificação de categorias econômicas, os suportes de interesses e de relações de classe determinados. O meu ponto de vista, segundo o qual o desenvolvimento da formação econômica da sociedade é assimilável à marcha da natureza e da sua história, pode muito menos do que qualquer outro tornar os indivíduos responsáveis pelas relações de que são o produto, façam o que fizerem para delas se libertarem” (6). Com a intencionalidade Husserl nos mostra que a consciência é sempre consciência de alguma coisa, qualquer coisa que não seja ela mesma: “se, por uma hipótese impossível, entrássemos “numa” consciência, seríamos apanhados num turbilhão e projetados para fora, porque a consciência não tem “interior”; ela é apenas o exterior de si mesma e é esta fuga absoluta e esta recusa de ser substância que a constituem como consciência” (7). Para Heidegger o ser não é mais transparência, positividade; pelo contrário, ele só se realiza na medida em que entre na linguagem: “O homem se comporta como se fosse o criador e o amo da linguagem, enquanto que, ao contrário, esta é e continua sendo o seu soberano... Pois no sentido próprio dos termos, é a linguagem quem fala. O homem fala enquanto responde à linguagem escutando o que ela lhe diz. A linguagem assinala, e é quem, primeiro e último, nos conduz até o ser de uma coisa” (8). Lacan retomará o mesmo tema.

(5) NIETZSCHE, **Oeuvres Postumes**, Mercure de France, 1939, pág. 185, citado em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

(6) MARX, **Le Capital** ( prefácio da 1ª ed. ), Bibl. de la Pléiade, Gallimard, 1965, pág. 550, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XXXIX.

(7) Jean-Paul SARTRE, “Une idée fondamentale de Husserl: l’intentionnalité”, **Situations – I**, Gallimard, 1947, pág. 33, cit. em Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XLI.

(8) HENDEGGER, “Dichterisch wohnt der Mensch”, trad. André Préau, **Les Cahiers du Sud**, nº 334, 1957, cit. em Jean REBOUL, “Jacques Lacan y los fundamentos del psicoanálisis”, pág. 56.

Para Sartre o nosso ego não está na consciência, porque nesta não há absolutamente nada. Nosso ego está no mundo e o apreendemos e dele temos consciência, da mesma maneira como aprendemos e temos consciência do ego dos nossos semelhantes, ou dos objetos que nos rodeiam. Para Sartre não há relação imediata entre o ego e a consciência. (9).

— II —

A revolução dá um grande passo com Freud, ao tornar o inconsciente objeto de conhecimento de uma nova ciência — a psicanálise. Bruscamente o homem tem de convir que não é o dono de seus atos, que estes estão sobredeterminados por algo que ele não conhece. Mas que esse “algo” se dê a conhecer (através dos sonhos, dos atos falhos, dos lapsos, dos sintomas) obriga o homem a querer conhecê-lo. E esse inconsciente é radicalmente irreduzível à consciência: nele domina o chamado “processo psíquico primário” (10), não existe contradição, há independência do tempo e substituição da realidade exterior pela psíquica (11). Freud, na sua solidão teórica, é obrigado a utilizar analogias mecânicas e biológicas. Lacan, com o uso de uma nova ciência, a lingüística estrutural, retorna, relê o mestre, insiste na volta às origens.

Na **Interpretação dos Sonhos**, pela primeira vez Freud já vislumbra a futura aplicação da lingüística, ao descrever os mecanismos do sonho no “deslocamento” e na “condensação”. Lacan vai aí reconhecer dois tropos: a metonímia e a metáfora. Daí resulta que o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma se tornam elementos do próprio sonho: **significantes**, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente. Era dado o passo para aplicar as aquisições da lingüística saussauriana à compreensão do discurso do inconsciente, do discurso verbal do sujeito, e da sua relação, isto é, “da sua não relação idêntica à sua relação, em resumo, da sua duplicação e inadequação” (12). O que é então o inconsciente? É uma “cadeia de significantes que em algum lugar se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação

(9) Cf. Eduardo Prado COELHO, “Introdução a um pensamento cruel:...”, pág. XLI.

(10) Sigmund FREUD, “La interpretación de los sueños”, pág. 702.

(11) Sigmund FREUD, “Lo inconsciente”, pág. 2073. Cf. também Serge LÉBOVICI e René DIATKINE, “Algumas notas sobre o inconsciente”, assim.

(12) Louis ALTHUSSER, “Freud e Lacan”, pág. 244.

que ele informa" (13). Assim como para Lévi-Strauss, o inconsciente é, portanto, um sistema simbólico. Existe um formalismo dominando os comportamentos humanos e esse formalismo não é conhecido pelo homem. Para Lacan "a ordem do símbolo não pode já ser concebida como constituída pelo homem; mas sim como a ordem que o constitui" (14). A linguagem com sua estrutura preexiste à entrada nela de cada sujeito e é ela que o vai hominizar: "se o sujeito pode parecer servo da linguagem, é-o ainda mais de um discurso, em cujo momento universal o seu lugar já está inscrito desde o seu nascimento, quanto mais não seja sob a forma de seu nome próprio" (15). A linguagem, o símbolo, pois, faz a passagem do ser humano da natureza à cultura, vai fazê-lo homem. Acedendo à linguagem, o sujeito vai ser inteiramente dominado e ao mesmo tempo constituído pela ordem simbólica; o inconsciente terá a estrutura radical da linguagem. "O sujeito é, por assim dizer, tecido ( será preciso lembrar que um "texto" é uma "textura", uma tecelagem de signos ? ) pela "trama" da linguagem" (16).

— III —

Quais são as etapas, ou como se instaura a ordem simbólica que vai possibilitar a passagem da existência animal para a existência humana, e vai tornar possível a entrada na cultura saindo da natureza ?

Uma criança de 6 meses colocada frente a um espelho, reagirá primeiramente como se a imagem fosse uma realidade e depois reconhecerá, de modo progressivo, essa imagem como sendo a sua. Essa identificação será o tronco de todas as outras futuras identificações. É uma identificação "dual", isto é, reduzida a dois termos ( o corpo e sua imagem ), imediata, "narcísica". Lacan a qualifica de imaginária ( de "imagem" ). Desse modo preenche um vazio, uma brecha, um hiato (17) entre os dois termos da relação: o corpo e sua imagem. Nessa mesma idade a criança agride outras, ou animais ou bonecas; bate e diz que

---

(13) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 799, cit. em Charles MELMAN, "Retorno a Freud", pág. 46.

(14) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 46.

(15) Jacques LACAN, "A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud, pág. 258.

(16) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 34.

(17) Béance em francês.

é ela que apanhou, vê cair e é ela que chora. É uma relação “dual” que se caracteriza pela indistinção, pela confusão com o outro. Essa relação especular, “dual”, é a mesma que a criança tem com a mãe. Ela deseja ser para a mãe um todo, ou, mais precisamente, seu complemento; deseja tomar o lugar daquilo que lhe falta à mãe, o Falo. A criança se faz, pode-se dizer, o desejo do desejo de sua mãe; ainda estamos numa relação imediata, imaginária.

Mas agora intervém o pai, como um desmancha-prazeres, para privar a criança dessa identificação e privar a mãe de um Falo. A criança se vê proibida do leito da mãe e a mãe se vê proibida da recuperação da criança. A criança encontra-se então com a Lei do pai. Já estamos no Édipo freudiano. Teremos finalmente a identificação do pai; e, a entrada na ordem simbólica, na ordem da linguagem. O papel do pai não é biológico precipuamente, mas o de palavra que significa Lei. “É no Nome do Pai (18) que temos de reconhecer o suporte da função simbólica que, a partir da orla dos tempos simbólicos, identifica sua pessoa à figura da lei” (19). O pai efetua uma castração simbólica: castra a criança, distinguindo-a do Falo e separando-a da mãe. Aceitando a Lei, a criança entra na tríade familiar, ultrapassa a relação “dual”, torna-se sujeito distinto do pai e da mãe, adquire a subjetividade, entra no mundo da linguagem e da cultura.

Lacan mostra a eficácia da Ordem, da Lei que espreita, já antes do nascimento, o ser humano, e que lhe indicará seu lugar, seu destino forçado. Lei essa, da Ordem do significante humano, isto é, da Lei da Cultura: “este discurso, condição absoluta de qualquer discurso, este discurso presente acima, isto é, ausente no seu abismo, de todo o discurso verbal, o discurso desta Ordem, o discurso do Outro, do grande Terceiro, que é esta Ordem em si: o **discurso do inconsciente**. Por aí nos é dada uma abordagem **conceitual** do inconsciente, que é em cada ser humano, o lugar absoluto onde o seu discurso singular procura o seu próprio lugar, a âncora própria do seu lugar, na imposição, na impostura, na cumplicidade e na negação dos seus próprios fascínios imaginários” (20). Neste drama tudo se desenrola no interior de uma linguagem anteriormente formada, que no complexo de Édipo, está totalmente centrada e ordenada em redor do significante Falo, significante metafórico, insígnia paternal, da Lei.

A proibição do incesto serve, portanto, para evitar a coincidência entre as relações de parentesco e de aliança. Sem essa distinção não

(18) Nom du père, em francês.

(19) Jacques LACAN, *Écrits*, pág. 278.

(20) Louis ALTHUSSER, “Freud e Lacan”, pág. 249.

poderíamos saber qual a nossa posição em relação aos outros. Proibindo o incesto, o Pai instaura a Lei e a Lei é a ordem da linguagem que vai constituir o sujeito. Escreve Lacan: "... o complexo de Édipo, na medida em que sempre o reconhecemos para cobrir com a sua significação todo o campo de nossa experiência, servirá, em nosso propósito, para marcar os limites que a nossa disciplina atribui à subjetividade: isto é, o que o sujeito pode conhecer da sua participação inconsciente nos movimentos das estruturas complexas de aliança, verificando os efeitos simbólicos, na sua existência particular, do movimento tangencial em direção ao incesto que se manifesta desde o aparecimento duma comunidade universal.

A Lei primordial é aquela que, regulando as leis da aliança, sobrepõe o reino da cultura ao reino da natureza entregue à lei do acasalamento (...) Esta lei faz-se suficientemente conhecer como idêntica à ordem da linguagem. Porque nenhum poder sem as denominações do parentesco seria capaz de instituir a ordem das preferências e dos tabus que engendram e tecem através das gerações o fio das linhagens. E é precisamente a confusão das gerações que, na Bíblia como em todas as leis tradicionais, é amaldiçoada como abominação do verbo e desolação do pecador" (21).

"Portanto, o Édipo não é o mito, mas a estrutura que, por meio da rivalidade, liga o sujeito a uma ordem simbólica, subordinando assim a uma única e mesma Lei o advento da verdade e o do desejo. É sustentar uma antífrase pretender que a Lei seja a origem do recalque e identificar a barreira da interdição do incesto com a que separa o consciente do inconsciente. Em verdade, é na medida em que tal barreira, ou seja, na medida em que o Nome do Pai é o representante dela, pôde conservar ainda algum sentido para o sujeito, que o reprimido volta" (22).

#### — IV —

Temos, agora, que introduzir a noção de desejo (23). O desejo movimentará o aparelho psíquico orientando-o segundo a percepção do

(21) Jacques LACAN, *Écrits* pág. 277, cit. em Eduardo Prado COELHO, "Introdução a um pensamento cruel:...", pág. XLVIII.

(22) Moustafa SAFOUAN, *Estruturalismo e Psicanálise* pág. 86.

(23) Cf. Jean-Baptiste FAGES, *Para compreender Lacan*, págs. 43 — 51. Cf. também Antonio Sérgio MENDONÇA, Carlos Henrique ESCOBAR, Marco Aurélio Luz, "Para não dizer que não falamos do simbólico..." pág. 447.

agradável e do desagradável. Para Lacan, o desejo se segue à falta essencial, a castração, que é a separação da mãe, de ser o Falo da mãe. Impedido, esse desejo aplicar-se-á a substitutos da mãe. Aos poucos, esse desejo vai progressivamente se alienando no “desfile” do discurso, na linguagem, no simbólico, através do **pedido** ou **demanda**. “Parece-nos que a demanda designa em Lacan, sob um tema genérico, o lugar simbólico, significante, onde se aliena progressivamente o desejo primordial” (24).

Dirá Lacan: o desejo do homem é o desejo do outro. O homem deseja ser aquilo que falta ao outro, que o outro o deseje. Neste ponto Lacan retoma Hegel na dialética do Senhor e do Escravo: só outra consciência poderá dar a consciência de si. Mas, o desejo de ser reconhecido por outro, vê adiante impor-se a ordem da linguagem, o “desfile radical do discurso”. O desejo, pela demanda, se desdobra no discurso, e o lugar desse desdobramento é a ordem mesma da linguagem. Estamos já frente à clivagem ( o Spaltung freudiano (25) ) que Lacan retoma com a noção da Fenda (26). A Fenda é a divisão do sujeito entre seu psiquismo mais profundo e seu discurso consciente. “A fenda se coloca entre a máscara e o que está por debaixo da máscara. A máscara está do lado da linguagem, do comportamento social: o ego prolifera através dos papéis que recebe e que se outorga. Mas estes papéis são apenas fantasmas, reflexos do verdadeiro sujeito. Este sujeito verdadeiro está por se buscar debaixo da máscara, na parte recalcada, inconsciente: aí está o trabalho paciente da psicanálise” (27). A Refenda (28) será a consolidação no estado assim criado. O sujeito será apenas um significante. Retomando a lingüística temos, agora, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Este opera ao nível do discurso, aquele permanece oculto. “A via se acha aberta aos logros e tapeações do discurso. Assim, o enunciado não será jamais a ser tomado como tal, mas como o enigma, uma adivinha na qual o sujeito se oculta” (29).

Temos, portanto, uma diferença fundamental entre o Ego e o Sujeito. O Ego será a instância do imaginário, o lugar das identificações e alienações. O Sujeito é quem ascendeu à linguagem, que se comporta conforme o

(24) A. RIFFLET-LEMAIRE, **Jacques Lacan**, Bruxelas, Dessart, pág. 276, cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 45.

(25) Cf. J. LAPLANCHE e J. B. PONTALIS, **Vocabulário da Psicanálise**, págs. 101 – 104.

(26) Fente em francês.

(27) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender LACAN**, pág. 49.

(28) Refente em francês,.

(29) A. RIFFLET-LEMAIRE, **Jacques Lacan**, Bruxelas, Dessart, p. 132, cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan** pág. 81.

regime simbólico; poderá também comportar-se no regime do imaginário, isto é, da confusão entre Ego e Sujeito. “A linha divisória passa, portanto, entre o Sujeito, verdadeiro, e o Ego, impostor, porque fantasiado de sujeito. É isto precisamente que faz toda a ambigüidade do Eu, pronome pessoal, que tem por função representar o sujeito, mas freqüentemente o mascara” (30).

– V –

Portanto, para ser aceito na cultura, o indivíduo recalca seus fantasmas, ascende à linguagem pela qual vai ser constituído e dominado. Ocorre a divisão entre sua individualidade e a ordem da linguagem; o sujeito será inconsciência, desconhecimento. Expulso do discurso, só pode ser indicável pela enunciação. Ao constituir sua identidade, o sujeito se instaura no discurso, mas no discurso do Outro. “Freud, portanto, após ter descentrado o sujeito (recalcado) reincorpora-o, mas numa alteridade: a manifestação do eu é possível através da linguagem, mas essa reincorporação não significa a emergência da subjetividade. Pois a ausência, a fenda inicial se estabelece como ponto produtor da própria divisão da subjetividade: o sujeito reprimido, irremediavelmente perdido, a ausência jamais resgatada; e o sujeito social, que substitui e cala essa ausência” (31). o sujeito constituído pela ordem simbólica, significante, passa a ser apenas uma entidade posicional: seu destino será semelhante ao da “carta roubada” (32), em que Lacan, abrindo seus “Écrits”, mostra a preponderância do significante (33).

Dessa maneira, ao retornar a Freud, retomando o descentramento do sujeito, Lacan investe contra o Cogito cartesiano (34). Passaremos agora a dizer: “Penso onde não sou (estou), logo sou (estou) onde não penso (...). Não sou (estou) onde sou o brinquedo do meu pensamento; penso no que sou, ali onde não posso pensar” (35). “Não se trata de saber se, quando falo de mim, falo conforme ao que sou, mas se, quando assim falo, sou o mesmo que aquele de quem falo” (36).

(30) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 83.

(31) Ana Maria Lopes PEREIRA, “A subversão do sujeito”, pág. 135.

(32) Cf. Claude LÉPINE, **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**, pág. 75.

(33) Cf. Jacques LACAN, **Écrits**, pág. 11 – 61. Cf. também Oscar MASOTTA, **Introducción a la lectura de Jacques Lacan**, passim.

(34) Cf. Jacques LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, págs. 279 – 282. Cf. também Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, págs. 131 – 132.

(35) Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 131.

(36) Jacques LACAN, “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, pág. 281.

Concluindo, podemos dizer com M. D. Magno, partindo de Lacan: “Desde ‘um deserto imenso onde nem eu estou’ (37), no que racionalizando me propunha a ser pela razão, me vejo no cogito de não ser senão pelo desejo, na clareira ou picadeiro do desejo, ser em-desejo por toda cabriola que, em discurso, dá. (...) Com o que o ser do homem, claudicando, há que arcar, sem porta, com uma fórmula — a de número um — definitivamente enunciado no *desidero ergo sum*” (38)

Junho — 1976

## BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L., “Freud e Lacan” in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, ( s.d. ), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. 229 — 255.
- CLEMENT, C. B., “Lacan ou o Portavoz”, **Lugar em Comunicação**, Rio de Janeiro, nº 5, 1975, págs. 5 — 19.
- COELHO, E. P., “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos” in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, ( s.d. ), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. I — LXXV.
- FAGES, J. B., **Para compreender Lacan**, Rio de Janeiro, Editora Rio, 1971, trad. M. D. Magno e G. Lamazière, 145 págs.
- FREUD, S., “La interpretación de los sueños” in **Obras Completas**, Madrid, Biblioteca Nueva, ( s.d. ), tomo II, trad. Lopes — Ballesteros y de Torres, págs. 344 — 798.
- FREUD, S., “Lo inconsciente” in **Obras Completas**, Madrid, Biblioteca Nueva, ( s.d. ), tomo VI, trad. Lopes — Ballesteros y de Torres, págs. 2060 — 2082.

---

(37) De Fernando PESSOA: “Tudo quanto penso  
Tudo quanto sou,  
É um deserto imenso  
Onde nem eu estou”

**Obra Poética**, Rio de Janeiro, Aguilar, 1969, pág. 585, citado em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 7.

(38) Cit. em Jean-Baptiste FAGES, **Para compreender Lacan**, pág. 18.

- GREEN, A., "As portas do inconsciente" in **O Inconsciente ( VI Colóquio de Bonneval )**, direção de Henry Ey, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, vol. I, trad. J. Batista, págs. 18 – 51.
- LACAN, J., **Écrits**, Paris, Seuil, 1966, págs.
- LACAN, J., "A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud" in **Estruturalismo: Antologia de textos teóricos**, seleção e introdução de E. P. Coelho, Lisboa, Portugália Editora, ( s.d. ), trad. E. R. Colares, A. R. Rosa, E. P. Coelho, págs. 257 – 288.
- LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, 173 págs.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B., **Vocabulário da Psicanálise**, Santos, Livraria Martins Fontes, 1970, 705 págs.
- LEBOVICI, S., DIATKINE, R., "Algumas notas sobre o inconsciente" in **O Inconsciente ( VI Colóquio de Bonneval )**, direção de Henry Ey, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, vol. I, trad. J. Batista, págs. 55 – 89.
- LEPARGNEUR, H., **Introdução aos estruturalismos**, São Paulo, Herder, 172, 170 págs.
- LÉPINE, C., **O inconsciente na antropologia de Lévi-Strauss**, São Paulo, Ática, 1974, 87 págs.
- MASOTTA, O., **Introducción a la lectura de Jacques Lacan**, Buenos Aires, Editorial Proteo, 1970, 173 págs.
- MELMAN, C., "Retorno a Freud" in LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, págs. 39 – 48.
- MENDONÇA, A. S., ESCOBAR, C. H., LUZ, M. A., "Para não dizer que não falamos do simbólico...", **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, vol. 75, nº 6, agosto, 1973, págs. 438 – 450.
- PADOVANI, H., CASTAGNOLA, L., **História da Filosofia**, São Paulo, Melhoramentos, 5ª ed., 1962, 527 págs.
- PEREIRA, A. M. L., "A subversão do sujeito", **Lugar**, Rio de Janeiro, nº 7, 1975, págs. 131 – 138.

- REBOUL, J., "Jacques Lacan y los fundamentos del psicoanálisis" in LACAN, J., **Las formaciones del inconsciente**, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, págs. 51 – 64.
- ROUDINESCO, E., "A ação de uma metáfora ( Notas a propósito da teoria do significante em Jacques Lacan )", **Lugar em Comunicação**, Rio de Janeiro, nº 6, 1975, págs. 9 – 26.
- ROUDINESCO, E., "Cogito e Ciência do Real" , **Lugar**, Rio de Janeiro, nº 7, 1975, págs. 90 – 106.

## SÓCIOPSIKOLOGIA DO CONFLITO

Luiz Felipe Silva Wiedemann \*

Sendo o Mundo atual inteiramente conflitante, pois a humanidade ainda não compreendeu o sentido do verdadeiro amor e como o reflexo social deste condicionamento somente poderá ser prejudicial, supomos que, dentro de uma sociopsicologia, poderemos, em muito, atenuar a problemática atuante e assim colaborarmos para uma melhor compreensão humana.

Basearemos nossa apresentação apoiados em que julgamos ser o conflito individual uma resultante do conflito social e assim, poderá a sociologia, uma vez terminado o conflito individual, eliminá-lo socialmente, estabelecendo uma plena cooperação social.

### GENERALIDADES

Pensamos que, para situarmos bem o problema, teremos de partir do centro para a periferia, isto é, do homem para a sociedade e, após, passarmos da solução da periferia para o centro, ou melhor, da sociedade para o homem.

O homem é uma entidade social, na sua constituição de: Id ( o inconsciente ), Ego ( o consciente ) e Super-ego ( a consciência ) e, por razões diversas existem, atualmente, conflitos entre os diferentes setores, se assim os chamarmos; em consequência surgiram os conflitos familiares, os de grupos, os de classes, os de sociedade, os de nações e os de ideologias.

Ser-nos-á lícito também, considerar a ação reversa, que parece ser de fato, a que motivou o conflito individual, a ação do social sobre o homem. O meio ambiente foi que influiu nas frustrações e recalques que redundaram nos conflitos psíquicos do elemento humano.

Cabe-nos, pois, agora, reajustar as componentes do indivíduo para, após realizar o trabalho de equacionar o conflito social e, depois, influir sobre o conjunto total social, para terminar com os conflitos existentes o que já será cooperação.

Não resta a menor dúvida de que, para vivermos em paz com o mundo ( ou para estabelecermos a paz no mundo ), precisamos, primeiramente, viver em paz conosco.

Julgamos, ainda, que poderemos enquadrar a nossa apreciação perfeitamente dentro da Psicologia Genética Social, isto é, o ramo da psicologia social que estuda o desenvolvimento da vida psíquica quando é influenciada pela sociedade. Seu principal objetivo de estudo é o espírito objetivo.

Para apoiarmos o nosso raciocínio, poderemos recorrer à História, como grande mestra da vida.

Assim, a história humana é a história de um ensino, de uma guerra, entre uma parte ( um grupo ), forte de espírito e a multidão, soberba pela massa.

É um conflito que parece interminável, de uma educação sempre recomeçada, de uma educação ingrata, difícil, imposta e muitas vezes recusada; a cada instante esquecida e reiniciada.

Os primeiros profetas, os mais antigos legisladores, os pastores das nações jovens, os reis fundadores de cidades e instituidores de justiça, os senhores sábios e santos, há muito tempo começaram a dominar o **animal**. Suas palavras, faladas ou escritas, domesticaram os homens-lobos, contiveram os bárbaros, instruíram as crianças envelhecidas, amansaram os ferozes, dominaram os violentos e desumanos, pela doçura da palavra ou pelo temor dos castigos. Os Orfeus e os Dracons, com promessas celestes ou ameaças infernais, arrancaram garras, impuseram a duros maxilares, freios e mordanças, protegeram os fracos, as vítimas, os peregrinos e as mulheres.

A antiga Lei, que está mais ou menos no Manava Dharmasastra, no Pentateuco, no Ta-Hio, no Avesta, nas tradições de Sólon e de Numa, de Hesíodo e dos Sete Sábios, foi o primeiro esforço imperfeito, pouco aprimorado, insuficiente para extrair da mais baixa animalidade, uma tentativa, um princípio, um simulacro de humanidade.

A lei resumia-se a algumas proibições elementares, **regras estritamente necessárias para tornar possível a vida social**. O legislador contentou-se em diminuir o número de crimes mais comuns; satisfazia-se com um

mínimo de proibições, ideal que raras vezes atingia a justiça. Mas, a lei presumia, seja anteriormente a ser feita, seja ainda a seu lado, o predomínio do mal e a soberania do instinto. Todo preceito supõe a infração; toda norma, a prática contrária. A lei antiga, a lei primitiva, não passava de um dique insuficiente contra o bestial eterno e triunfante; conjunto de compromissos e meias medidas, entre os costumes e a justiça, entre a natureza e a razão, entre o animal rebelde e o modelo divino.

Como sempre o conflito.

Nos tempos em que por um olho se exigia a cabeça, por um dedo o braço, por uma vida cem vidas, a Lei de Talião exigindo somente olho por olho e vida por vida assinalou-se como uma vitória da generosidade e da justiça, conquanto hoje nos pareça horrorosa. Mas, a lei era mais vezes infringida que observada; os fortes tomavam-na de má-vontade; os poderosos que deveriam prestigiá-la, fugiam dela; os maus violavam-na abertamente; os fracos fraudavam-na.

Assim viviam os homens no tempo do Sermão da Montanha. Jesus, com seu espírito clarividente e evolucionista, percebeu que a antiga lei, sem nervos e sem força, mergulhava na água dormente do formalismo.

A obra milenária da educação humana deveria ser começada de novo. Era necessário afastar e remover as cinzas para reacender o fogo do entusiasmo originário; reconduzir o homem a seu destino inicial, a Metanóia, a transformação dos espíritos. Completar pois, a Lei antiga, que era lei ressequida e morta. Mas, para melhor completá-la, era necessário levá-la ao extremo, exasperá-la até o paradoxo, criar, enfim, uma Lei nova que substituísse a antiga , **operando uma verdadeira revolução na natureza humana.**

Não nos cabe aqui apresentar todo o desenvolvimento histórico depois do surgimento da era cristã, no entanto, somos testemunhas, através de uma grande documentação e experiências, que o conflito humano e social continuou e, mais ainda, se engrandeceu com o impacto da técnica e das ideologias.

Se considerarmos o mundo externo ainda como em desordem, isto é, como uma resultante do conflito que ora existe, chegaremos à conclusão de que o homem atual sente a tormentosa impressão de ser esmagado pela imensidade do Cosmo. Como poderia ser de outro modo, uma vez que a nossa ciência materialista destruiu quase completamente o sentido da grandeza humana ? Esta grandeza, com efeito, não poderia residir no corpo. Se ele existe,

sua fonte só pode ser a alma que tão mal se conhece, enquanto as ciências do universo exterior realizaram progressos gigantescos. Além disso, um melhor conhecimento da alma é a condição indispensável para a necessária promoção do homem.

“Os desajustes individuais e coletivos de que sofrem os homens poderiam ser, em grande parte, evitados por um melhor conhecimento da alma e pelas técnicas aperfeiçoadas que permitem agir sobre ela.”

Segundo Karen Horney — **o condicionamento social da alma** — “o homem não é o indivíduo apenas, que os dramas e **conflitos** de que sua alma é palco não têm como causa única uma neurose solitária; há uma íntima interação entre o individual e o coletivo”.

A observação psicológica e a reflexão filosófica nos fazem considerar a alma como sendo a totalidade psíquica. **Ela compreende tanto a consciência como o inconsciente.** Onde encontramos a perfeita ligação para com a cultura sociológica.

Como já vimos, anteriormente, a parte consciente da psique é o **ego**, e o inconsciente primitivo é o “**id**” dos freudianos.

A carência do pleno entrosamento, ou também como chamam alguns, do “**si-mesmo**” ( idade adulta da psique ), ou melhor, a cisão por demais radical entre o ego e os tesouros acumulados no inconsciente, se manifesta ao psicólogo social, **como a causa principal** da confusão e desequilíbrio, individual e coletivo, que se generalizam cada vez mais.

O parentesco de todas as almas, seja qual for a sua raça ou grau de evolução é tão incontestável como sua individualidade. **A fonte desta profunda semelhança se encontra no inconsciente.** Nele se acumulam os frutos das experiências realizadas pelos homens no decurso de sua história não raro milenar. É sem dúvida que, também aí, é preciso procurar a razão pela qual o Criador quis fazer com que se assemelhassem todos os homens a certa Imagem. Mais do que por intermédio da comunidade de cultura ou de educação é **graças a este fundo comum** ( que Jung denominou de **inconsciente coletivo** ) que os homens de todos os lugares e de todos os tempos são, apesar de tudo, **capazes de se compreender e comunicar existencialmente.**

Quanto ao inconsciente coletivo, teremos de nos apoiar nos “**arquétipos**” que, segundo Jung, são as figuras e símbolos comuns a todas as almas. Pode-se dizer, com isso, que eles não nascem de experiências pessoais recalçadas, mas que fazem parte de uma herança, da qual participam todos os

membros do gênero humano. O “arquétipo” é uma forma simbólica que entra em função em todo lugar onde não existe ainda nenhum conceito consciente, ou então, quando razões externas ou internas o tornam impossível. Os conteúdos do inconsciente coletivo são representados na consciência sob a forma de inclinação ou concepções caracterizadas.

Só o uso inteligente da energia psíquica é capaz de permitir aos homens levarem uma vida agradável e socialmente útil. Ora, por causa de obstáculos exteriores ou interiores, a experiência prova que, em numerosos casos, a energia psíquica não se desenvolve normalmente. Parece, mesmo, que os seus erros e enganos se tornaram, em nossa civilização, mais freqüentes que nunca. **Ao psicólogo incumbe lutar contra estes obstáculos, ajudar os homens a dominar e dirigir sua energia afetiva.**

Se voltarmos, ainda, ao “super-ego” ou, como parece mais bem indicado por Ignace Lepp, o “ego-ideal”, que exprime esta espécie de apelo íntimo que a alma sente, no mais profundo de si mesma, e que sobre ela age como força de atração, chegaremos ao **super-ego-coletivo**, no qual o indivíduo tem sua estrela ( ideal do ego, super-ego ou imagem idealizada ), assim também o é com relação às coletividades humanas.

Encontramos, pois, psicologicamente, coeficientes comuns que podem unir a coletividade.

## CONFLITOS PSÍQUICOS

O que é deveras interessante, apesar de nos surpreender, à primeira vista, é que as divergências entre os diversos componentes da psique não são somente inevitáveis, mas até necessárias. Como declara Jung, não é senão quando um ser “entra em colisão consigo mesmo” que experimenta a impressão benfazeja de ser ele mesmo.

Os conflitos podem tornar-se um grande bem para a alma, **mas com a condição de que tudo se faça para ultrapassá-los.** Para que se tornem um estímulo eficaz na realização de si mesmo, importa que o ego seja suficientemente forte para os dominar e dirigir, para sanar a angústia que engendram. É preciso que haja o conflito, mas tudo se deverá fazer para lhes dar um fim, sabendo-se, de antemão, que não seria possível, na presente condição de humanidade, uma existência autêntica sem que novos conflitos venham

imediatamente substituir àqueles que teríamos conseguido não suprimir, mas transcender.

Se a psique estivesse isenta de conflito, jamais o homem ter-se-ia elevado acima da animalidade.

Fruto do conflito, a civilização é também sua conseqüência. Com efeito, quanto mais se civiliza o homem, mais sensível se torna a desunião no mais profundo de si mesmo. A civilização comporta, efetivamente, um domínio cada vez maior sobre o que há de primitivo na alma; ora, não é sem resistência que este se deixa dominar. **É sobretudo no hipercivilizado que o conflito pode tornar-se perigoso.** Com efeito, aquele que pretende subjugar completa e definitivamente o primitivo, não poderá escapar aos sobressaltos de revolta deste.

Em épocas de uma estabilidade maior ou menor, os conflitos são geralmente menos numerosos e, sobretudo, menos agudos do que em nosso tempo atormentado e desvairado, onde todos os valores se vêem discutidos, onde os homens se encontram, sem cessar, diante de novos imperativos de optar e de se exceder. **Os valores da civilização de amanhã nos solicitam e quase nos fascinam, sem que para tanto os seus contornos sejam bem definidos.** Sentimos que muitos valores tradicionais gozam apenas de uma breve duração, antes de serem relegados para os celeiros da História. Ignoramos, no entanto, o que será respeitado e o que sobreviverá na civilização nova. Mas, sobretudo, muitos destes valores que acreditamos ou sabemos que estão destinados ao desaparecimento, ainda nos são indispensáveis. Queiramos ou não, estamos arraigados nesta civilização agonizante. Ao querer emancipar-nos deles, prematuramente, corremos o risco de nos tornarmos uns pobres restos mortais: "Ser apátrida no tempo é infinitamente mais doloroso que ser apátrida no espaço. Aqueles que, ao contrário, se fecham ao sopro do mundo novo, para se abrir a tradições em via de parecer, se expõem ao perigo da esclerose".

Sabemos, também, que a ruptura entre a fé e o saber é um sintoma da **consciência cindida**, tão característica das doenças mentais dos nossos dias.

O embate entre os dois instintos fundamentais, a preservação da espécie e a autoconservação, é a origem de numerosos conflitos. São, por conseguinte, o objeto por excelência do juízo moral, cujo propósito é evitar, tanto quanto possível, essas colisões dos instintos.

A separação de sua natureza instintiva inevitavelmente mergulha o homem civilizado **no conflito** entre consciente e inconsciente, espírito e

natureza, saber e fé, numa cisão que se torna patológica no instante em que sua consciência não é mais capaz de omitir ou suprimir seu lado instintivo. **A multiplicação das pessoas que chegaram a esse estado crítico dá início a um movimento coletivo que passa por ser o defensor do suprimido.**

“Continuamos a agir e a pensar como antes, como se fôssemos **símplex e não dúplex**”.

**Se pudéssemos implantar à consciência universal de que todas as cisões e todos os antagonismos se devem à separação dos opostos na psique, então saberíamos realmente onde atacar.**

O fator decisivo encontra-se no homem particular que não conhece resposta para o seu dualismo. Este abismo abriu-se subitamente diante dele com os últimos acontecimentos da história do mundo, como já chamamos atenção uma vez. Mesmo hoje em dia, as pessoas estão em grande parte inconscientes do fato de que cada indivíduo é uma célula na estrutura de vários organismos internacionais, **achando-se, portanto, causalmente implicado em seus conflitos.**

Apenas como esclarecimento, pois não nos cabe aqui descer a detalhes que seriam mais da medicina, ou melhor, de psiquiatras, poderemos dizer que a diferença entre conflitos normais e neuróticos reside, essencialmente, no fato de que a disparidade entre as soluções contraditórias é muito menor para a pessoa normal do que para a neurótica. As escolhas que a primeira tem de fazer entre dois modos de ação, cada um dos quais é perfeitamente exequível para uma personalidade razoavelmente ajustada. Falando-se em linguagem gráfica, as direções contraditórias divergem só de 90 graus ou menos, em contraste com os possíveis 180 graus com que se defronta o neurótico.

**Existe, de fato, a alegação de que o antagonismo entre os impulsos egocêntricos primitivos e a nossa consciência impeditiva é a fonte básica de nossos múltiplos conflitos.**

O homem tornou-se, de tal modo, reduzido a um simples dente de engrenagem em um intrincado sistema social, que o alheamento do **eu** é quase universal e houve um declínio dos próprios valores humanos. Como consequência de inúmeras contradições visíveis de nossa civilização, desenvolveu-se um entorpecimento generalizado da percepção moral.

Assim, a racionalização, tão em voga atualmente, pode ser definida como auto-sugestão pelo raciocínio.

A idéia corrente de que ela é usada essencialmente para a pessoa justificar-se ou para os seus motivos e ações às ideologias aceitas, só é válida até certo ponto; **disso se concluiria que as pessoas que vivem em uma**

mesma civilização racionalizariam dentro das normas, quando, deveras, são vastas as diferenças individuais no que toca ao que é racionalizado, assim como os processos para tanto empregados.

Pensamos, ter trazido até agora, como verdadeiros, a existência de conflitos individuais como reflexos do social, e pontos de apoio, fatores comuns, que aparecem em toda coletividade, que poderão ser explorados como futuras fontes de interligação para poderem ser atacados.

## SUGESTÕES

O de que os homens precisam, e o que sentem necessitar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, **o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos**. É essa qualidade, afirmamos, que jornalistas e professores, sociólogos e educadores, artistas e público, cientistas e editores estão começando a esperar daquilo que C. Wright Mills chamou de imaginação sociológica: “A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado, para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Sua utilização se fundamenta sempre na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam”.

Hoje, a principal tarefa intelectual e política do cientista social, pois as duas aqui coincidem, é **deixar claros os elementos de inquietação e da indiferença contemporâneas**. É o apelo central que lhe fazem outros trabalhadores culturais — os cientistas físicos, os artistas, a comunidade intelectual, em geral. É devido a essa tarefa e a essas exigências, acreditamos, que as **Ciências Sociais se estão transformando no denominador comum do nosso período cultural**, “é a imaginação sociológica na qualidade intelectual de que mais necessitamos”.

Os problemas da Psicologia Social e Histórica são, de muitas maneiras, os mais absorventes que podemos hoje estudar. É nessa área que as principais tradições intelectuais da nossa época, na verdade da civilização ocidental, chegam a uma confluência emocionante.

Como quer que seja, o homem é um agente social e histórico que deve ser compreendido, se for incluído, em íntima e complexa correlação com as estruturas social e histórica.

**O elemento social nas lentes da Psicanálise ampliou-se muito, especialmente pelo que podemos chamar de trabalho sociológico no super-ego.** Mas, se a natureza do indivíduo não puder ser compreendida sem íntima referência à realidade social, devemos então analisá-la nessa referência. Tal análise inclui não só a localização do indivíduo, como entidade biográfica, dentro de vários ambientes interpessoais, mas a localização também, desses ambientes, dentro das estruturas sociais que eles formam.

A visão do homem, como uma criatura social, nos permite ir muito mais fundo do que a simples biografia externa, como seqüência de papéis sociais. Essa opinião exige de nós, compreensão das características mais internas e “psicológicas” do homem, em particular, de sua auto-imagem e de sua consciência e, na verdade, do crescimento de sua mente. Bem pode ser que, a mais radical descoberta dentro da Psicologia e Ciência Social recente, seja a de que tantas das características mais íntimas da pessoa são socialmente determinadas e, até, mesmo implantadas.

As motivações dos homens, bem como as proporções variáveis nas quais os diversos tipos de homens estão tipicamente conscientes delas, devem ser compreendidas em termos dos vocabulários de motivo que predominam numa sociedade e de modificações sociais e confusões entre esses vocabulários.

O auge da preocupação do cientista social com a história é a idéia que chega a ter da época em que vive. O auge da sua preocupação com a biografia é a idéia que chega a ter da natureza básica do homem, e dos limites que ela pôde impor a sua transformação pelo curso da história.

É precisamente hoje, na segunda metade do século XX, que essas preocupações se tornam questões prementes, persistentes como preocupação, e vitais para a orientação cultural dos estudos humanos.

No lado positivo — um lado bastante interessado, hoje em dia os sentidos mais amplos do “id” de Freud, o “Freiheit” de Marx, o “Eu” de George Mead, e “espontaneidade” de Karen Horney, estão no uso dessas concepções contra o triunfo do homem alienado. Tais sentidos procuram encontrar algum centro no homem — como homem que lhes permita acreditar que, no fim, ele não pode ser transformado numa criatura alheia à natureza, à sociedade, ao eu.

Como uma preocupação do indivíduo — e de cujos termos e valores tem uma consciência difícil — é conhecida como “alienação”. Como uma questão de públicos — de termos e valores aos quais eles se mostram em maior parte indiferentes — é nada menos do que a questão da sociedade democrática, como realidade e como aspiração.

A crise da individualidade e a crise do processo de criação da história e o papel da razão na vida individual livre e no processo de criação da história na reformulação e esclarecimento desses problemas, estão na promessa das Ciências Sociais.

Qualquer reformulação política contemporânea das metas liberal e socialista deve incluir, como fundamental, a idéia de uma sociedade na qual todos os homens se transformariam em homens de razão substantiva, cujo raciocínio independente teria conseqüências estruturais para suas sociedades, sua história e, portanto, para suas próprias vidas.

Estudamos os limites estruturais da decisão humana numa tentativa de encontrar um ponto de intervenção efetiva, a fim de saber o que pode e deve ser estruturalmente modificado, para que se amplie o papel da decisão explícita no processo histórico.

Estudamos as estruturas sociais históricas, em suma, para encontrar nelas, as formas pelas quais são e podem ser controladas. Pois, somente assim, conheceremos os limites e o sentido da liberdade humana.

Devemos saber que herdamos e estamos levando à frente a tradição da análise social clássica; por isso, busquemos compreender o homem não como um fragmento isolado, não como um campo ou sistema inteligível em si mesmo. Procuremos compreendê-lo como agente histórico e social, e as formas pelas quais sua variedade é complexamente selecionada e intrincadamente formada pelas variedades de sociedades humanas. Antes de concluirmos qualquer trabalho, por mais ocasional, orientemos esse trabalho para a tarefa central e permanente de compreender a estrutura e a tendência, o condicionamento e os sentidos, de nosso próprio período, o terrível e magnífico mundo da sociedade humana na segunda metade do século XX.

Assim como declara Karl Mannheim: “Alguma terapia sociológica tem de dedicar uma especial atenção à situação concreta em que nos encontramos”.

Ainda não demos completamente conta de quão tremenda seria a reforma da educação necessária para fazer funcionar uma sociedade democrática, baseada na apreciação consciente dos valores. **Há uma coisa que todo reformador e educador deve ter em mente, qual seja a de que todo sistema novo de controles sociais exige a reeducação do ego.**

Enquanto a antiga educação autoritária mostrou-se cega às necessidades vitais e psicológicas da criança, o *laissez-faire* do liberalismo perturbou o equilíbrio salutar entre o indivíduo e a sociedade, focalizando sua atenção quase que somente no indivíduo e esquecendo o ambiente concreto da sociedade, em geral, para o qual se espera que o indivíduo ofereça sua contribuição.

O ensino ideal de um ser humano deverá levar em conta toda a história vital do indivíduo e muito dos fatores sociais que atuam sobre ele além da escola. Assim, a educação torna-se integral sob dois aspectos: a) por integrar suas atividades com as de outras instituições sociais; b) com referência da pessoa humana.

Felizmente, durante os últimos decênios, acumulou-se vasta soma de conhecimentos nos diversos ramos da Psicologia e da Sociologia. A Psicologia Infantil, a Psicologia Educacional, a Criminologia, a Psicologia Experimental e a Psicanálise coligiram um acervo inteiro de material pronto para ser coordenado e integrado em uma Ciência do Comportamento Humano. Por outro ângulo, a Sociologia deu sua contribuição a essa Ciência. Ela observou o comportamento do homem em diferentes sociedades, em sociedades primitivas, em diversas fases da História, em diversas classes e nos ambientes sociais de nossa própria sociedade. Observou o efeito das diferentes instituições sociais, como a família, a comunidade, a oficina, o grupo de brinquedo, o bando juvenil, sobre o comportamento. Observou o homem sob as condições de previdência social, quando está ansioso por melhorar aos poucos suas condições econômicas, seus **status** ou o aproveitamento do lazer, mas também observou-o desprovido de segurança social, em meio a intranqüilidade social, a revolução e a guerra.

A Sociologia, como levantamento metódico, como descrição de fatos, ainda será necessária numa era de mudanças assim, **porém a essência de sua contribuição consistirá em uma busca de nova direção dos acontecimentos e nas exigências destes.**

Geralmente é possível decompor uma Grande Sociedade em unidades menores e, nestas, estimular as condições que favorecem as diferenças individuais entre os membros do grupo.

A **sócio-análise** ( ou análise de grupo ) refere-se ao caso individual, não só à constelação da família, mas toda a configuração das instituições sociais; ao mesmo tempo usa mais conscientemente a interação do grupo. Uma abordagem deste gênero conduzirá, aos poucos, a um controle do ambiente imediato e dos ambientes mais distantes, prestando atenção igual aos elementos culturais e materiais dos mesmos. Visto como tais tendências nunca aparecem isoladamente e sim sempre simultaneamente, algumas delas se salientam. Como a sociedade cada vez mais propende a confiar na orientação científica, lançará, por certo, mão delas, talvez num futuro bem aproximado.

Sabemos, no entanto, que em diferentes lugares e nos diferentes ramos da atividade humana acham-se empenhados pensadores tateando à procura de uma **solução adequada** na economia, na política militante, na ciência política, em Sociologia, em educação etc. Muitas vezes, talvez nem saibam dos esforços e contribuições dos demais. É urgente, portanto, que o maior número possível deles se reúnam para correlacionar suas atividades isoladas através de uma visão integradora do modelo como um todo. É o que estamos procurando, agora, também fazer neste Congresso.

Como também somos sabedores, de maneira geral, e com poucas exceções, transformações psicológicas exigem técnicas psicológicas.

E nesta era de ideologias conflitantes, teremos também de apelar para a propaganda, na solução do nosso problema sócio-individual.

Segundo Leonard W. Doob "a propaganda é uma tentativa sistemática por indivíduo ( ou indivíduos ) interessado (s) em controlar as atitudes de grupos de indivíduos mediante uso da sugestão e, conseqüentemente, controlar-lhes as ações".

A propaganda sempre se situa dentro de determinado quadro sócio-cultural, sem o qual seus aspectos psicológicos e culturais não podem ser entendidos.

A sugestão é freqüentemente a liberação de um padrão de conduta ( conflito ) já existente dentro de um indivíduo e não a criação de algo novo.

Entretanto, sem dúvida alguma, a influência mais poderosa na modificação de opiniões e a alteração gradativa no clima social, oriunda de

ajustamentos inconscientes à mudança técnica, e muitos resultados hoje proclamados como sucessos por propagandistas, na verdade foram provocados desta maneira. Uma verdade profunda e universal se exprime na afirmação de Hegel de que “o homem, na medida em que age para mudar a natureza, muda sua própria natureza”; isso porque um aspecto importante do ajustamento humano é sua capacidade para modificar-se com a mudança de condições, e as inovações técnicas formam parte do ambiente a que ele tem de se ajustar.

**Uma das descobertas, mais expressivas, dos psiquiatras e psicólogos sociais nos últimos anos, que muito nos interessa, é ser comumente mais fácil, salvo quando se tratar de reconhecidos anormais, mudar as atitudes de pequenos grupos de que as de um indivíduo isolado.**

Thrasher, psicólogo social norte-americano, em seu estudo de delinqüentes, pôde mostrar como tais bandos proporcionam aos adolescentes contatos sociais importantes e certos “status” que ele reluta em abandonar. Assim, a melhor maneira de lidar com eles não é tratar separadamente cada membro, porém, de preferência, procurar os líderes do bando e voltar as atenções destes para as formas socialmente mais aceitáveis de atender às mesmas necessidades. Quando os líderes se modificam, todos se modificam com ele. A razão disso e para muitos outros exemplos de mudança de atitudes já estudadas, é não serem as atitudes das pessoas algo de trancado dentro delas mesmas ou atributos inatos de suas personalidades, mas, antes, uma função do papel delas dentro de determinado grupo ou conjunto de grupos. Como uma das funções da mente é habilitar o organismo a ajustar-se às transformações de ambiente, não nos devemos surpreender de serem as pessoas estatisticamente mais “normais” exatamente as mais propensas, não só a absorver as atitudes vigentes em seu meio social, mas, também, mais propensas a delas se descartarem em troca de outras quando o meio se alterar.

A verdade é que somos simultaneamente mais rígidos e mais maleáveis do que até aqui se acreditava, rígidos no padrão de nossa personalidade básica e maleáveis ( dentro de certos limites condicionados pelo padrão básico ) em nossa personalidade periférica ( social ), cujos vários papéis se alteram ao mudarmos de um grupo para outro. Isso está-se tornando evidente para os próprios psicanalistas, que outrora tendiam a destacar o indivíduo isolado e seus traços inatos, em que se concentravam a ponto de excluir os fatores sociais. Por um lado, estão descobrindo que o **eu básico** é mais resistente do que se supunha anteriormente, e Helene Deutsch, por exemplo, admite que “não eliminamos as causas originais da neurose; somente ajudamos a alcançar melhor a capacidade de

transformar frustrações neuróticas em compensações válidas". Por outro lado, está-se tornando cada vez mais claro, que a neurose é uma enfermidade coletiva em que a família inteira, e mais do que isso, a sociedade está envolvida.

As limitações fundamentais da psicoterapia eram vistas por Freud como devidas a fatores biológicos, supostamente inalteráveis. A pesquisa moderna indica que, muito do que se afigurava ser herança biológica é, de fato, herança cultural socialmente transmitida. O equilíbrio do indivíduo isto é, sua saúde mental, dependerá, portanto, de sua interação com outros membros da teia social.

Essas observações alvitraram que as atitudes são de difícil modificação: a) quando fazem parte de estrutura da personalidade básica do indivíduo; b) quando são funções da situação do grupo ou ambiente dentro do qual o indivíduo se acha praticamente preso.

O desenvolvimento dos instrumentos de comunicação em massa possibilitou, pela primeira vez na história, alcançar grandes quantidades de pessoas, direta, pacífica, vívida e humanamente com uma expressão das vidas, modos, costumes e artes e povos de outras nações. Nossa tecnologia, mais sábia do que nós, deu-nos os meios imprevisíveis e imprevisíveis **para a compreensão mundial**, no momento quando esta é a única possível de assegurar paz duradoura.

## CONCLUSÕES

Supomos ter demonstrado, plenamente, a repercussão do conflito social sobre o individual e como poderemos, através de equipes de psicanalistas, psicólogos sociais e sociólogos, estabelecer bases para uma modificação social.

Assim, se analisarmos determinados grupos humanos e procurarmos suas ligações inconscientes e arquétipas, teremos onde poder agir para suplantar os conflitos existentes.

Estabelecendo essas bases pelos psicólogos sociais, passariam os sociólogos ao seu planejamento social, com o objetivo de, dando uma perfeita integração social, fazer com que esta integralize o indivíduo.

A conquista progressiva da consciência sobre o inconsciente é o caminho natural do crescimento e da maturidade psíquicas e, sua com-

plementação sobre o psicossocial, será a plena restauração para um mundo melhor, graças aos esforços conjugados de todos aqueles que se interessaram por esse objetivo.

## RESUMO

Procurou-se primeiramente, estabelecer uma apreciação histórica referente ao conflito espiritual e material.

Após, foram pesquisados fatores psicológicos que, em se tornando comuns, pudessem servir para apreciar a coletividade.

Passando-se, em seguida, a estudar os conflitos psíquicos individuais e sociais, foram encontrados pontos de apoio, coeficientes comuns que aparecem em quase toda a coletividade e que poderão ser explorados como futuras fontes de interligação para serem atacadas.

Quanto às **sugestões**, procurou-se apreciar as ligações atuais mais estreitas, entre a psicologia humana, a psicanálise, a psicologia social, inclusive a sócio-análise ou análise de grupos, e após, a propaganda com seus atuais sistemas modernos de comunicações que muito poderão fazer em prol da **compreensão e cooperação mundial**.

## CONCLUSÕES

Verificaram-se as repercussões do conflito social sobre o individual e como, através de equipes de psicanalistas, psicólogos sociais e sociólogos, poderão ser estabelecidas bases para uma modificação social.

Seriam analisados determinados grupos humanos como amostragem, partindo-se para um planejamento com o objetivo de ser alcançada a plena integração social.

Verifica-se que a conquista progressiva da consciência sobre o inconsciente é o caminho natural do crescimento e da maturidade psíquica e, sua complementação sobre o psicossocial, será plena restauração para um mundo melhor, graças aos esforços conjugados de todos aqueles que se interessarem por esse objetivo.

**BIBLIOGRAFIA**

- A Imaginação Sociológica — Wright Mills
- A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo — Karen Horney
- Diagnóstico de Nosso Tempo — Karl Manheim
- História de Cristo — Giovanni Papini
- Luzes e Trevas da Alma — Ignace Lepp
- Nossos Conflitos Interiores — Karen Horney
- O Eu Desconhecido — C. G. Jung
- O Medo à Liberdade — Erich Fromm

## CRÔNICAS

## NOTÍCIAS DO INSTITUTO

### O CURSO DE GRADUAÇÃO

O Curso de Graduação em Filosofia, em 1977, teve um auspicioso e feliz desenvolvimento. Dada uma alta procura, foi possível e tornou-se necessária a abertura de 2 turmas de 1º ano, uma no período matutino e outra no período noturno.

A turma matutina é fundamentalmente constituída pelos seminaristas da Arquidiocese de Campinas e da Diocese de Limeira, assim como pelos seminaristas religiosos — Redentoristas e Missionários do Sagrado Coração.

O aumento quantitativo dos candidatos do Curso de Filosofia representa, sem dúvida alguma, uma significativa fonte de satisfação e esperança para os educadores sensíveis à importância da filosofia no tecnocratizado mundo de hoje. Representa também um inegável desafio. Todo o empenho está sendo desenvolvido, por todos os responsáveis, para que este crescimento quantitativo de nossos alunos se faça acompanhar também por um aprofundamento qualitativo da formação intelectual e moral desta juventude para que ela possa, um dia, dar à comunidade brasileira a contribuição que dela todos esperam. De modo particular, há que insistir na importância de uma fundamentação filosófica rigorosa para a formação teológica daqueles que se destinam ao magistério sacerdotal nas condições atuais da realidade brasileira que, mais do que nunca, está a exigir daqueles que se dedicam à Pastoral como daqueles que se dedicam a elaboração de um pensamento teológico que fundamente a ação pastoral, mais que uma sensibilidade periférica aos problemas que a constituem. A esta sensibilidade e à normatividade do ensinamento cristão devem-se unir a rigorosa e disciplinada formação teórica, a capacidade de se usar sistematicamente instrumentos bem adequados para o pensamento e para a ação, enfim, uma radical visão antropológica que só a filosofia pode fornecer.

A Revista **Reflexão** e através dela, todo o Instituto de Filosofia e Teologia, gostaria de transmitir a todos os novos alunos do Curso de Filosofia — sejam eles do 1º ano ou sejam eles transferidos para as séries seguintes, os mais calorosos votos de boas-vindas, assim como manifestar o desejo de um intercâmbio cada vez mais intenso com todos, no convívio da vida universitária.

\*

## O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

O Departamento de Filosofia deste Instituto, deu início, no 1º semestre de 1976, a seu curso de Pós-Graduação, em Filosofia, a nível de Mestrado, com quatro áreas de concentração: Filosofia da História, Filosofia Social, Filosofia da Educação e Filosofia da Ciência.

O principal objetivo deste programa de Pós-Graduação em Filosofia é criar na PUCG um contexto para a instauração e desenvolvimento de uma reflexão filosófica sistematizada sobre a problemática brasileira, dos vários pontos de vista pelos quais esta problemática se manifesta. Para tanto o curso visa a fornecer instrumentos teóricos específicos da filosofia para formar pensadores que, sensíveis a esta problemática nacional, possam discuti-la com a devida profundidade da reflexão filosófica.

É assim que o objetivo da área de concentração em **Filosofia da História** é levar a uma retomada da experiência histórica brasileira. Desenvolvendo uma análise crítico-reflexiva da metodologia da ciência histórica, esta abordagem filosófica visará a entender também o sentido da História-Realidade, como processo no tempo-espaço cultural brasileiro. Tal área de concentração se destina basicamente aos estudiosos da filosofia, da história, da política, da economia, do direito, da teologia, de estudos sociais, enfim, das ciências humanas em geral. As disciplinas fundamentais desta área são: **Filosofia da História I e Teoria da História do Brasil**.

À perspectiva histórica se segue a perspectiva social: a segunda área de concentração é a da **Filosofia Social**, destinada a elaborar uma reflexão filosófica sobre a dimensão social da realidade brasileira. Em colaboração íntima com o trabalho de pesquisa científica das várias ciências sociais, a filosofia social

visa a explicitar o sentido mais radical do existir social brasileiro em nossas condições concretas. Como tal, se destina aos interessados pelo estudo dos fenômenos sociais, aos universitários e profissionais formados nas áreas das ciências humanas em geral e, de modo particular, aos formandos nas áreas de ciências sociais, filosofia, estudos sociais, economia, política, administração, direito e educação. As disciplinas fundamentais desta área são: **Filosofia Social I e História das Idéias Sociais no Brasil.**

A educação é outro setor da problemática brasileira que está a merecer atenção mais sistematizada da reflexão filosófica.

Neste sentido é tarefa da **Filosofia da Educação** explicitar, na particularidade da situação brasileira, a problemática contida na práxis educacional. Retomar a experiência educacional, acompanhar o seu desenvolvimento e buscará o seu significado mais profundo. E, como tal, a compreensão deste sentido da educação depende da compreensão da evolução histórica e da textura social em que ela se situa na realidade brasileira. Por isso, esta área de concentração se vincula às áreas precedentes e se destina aos formados em pedagogia, em filosofia, nas várias habilitações pedagógicas e, por extensão, a todos os formados na área de ciências humanas, interessando indistintamente a todos os que se dedicam à docência nos vários graus de ensino. Disciplinas fundamentais desta área: **Filosofia da Educação I e Teoria da Educação Brasileira.**

A quarta área de concentração deste programa de Mestrado em Filosofia é a da **Filosofia da Ciência**, cujo objetivo básico é levar a uma reflexão sobre o sentido da atividade científica, tanto no plano teórico, propriamente epistemológico, como no plano prático de sua atuação concreta na cultura brasileira, uma vez que a ciência tem participado de maneira significativa no amadurecimento desta cultura. Por isso, se impõe a discussão da significação da práxis científica, para além da discussão do "status" teórico do discurso científico, ao nível de seus pressupostos axiológicos. Conseqüentemente, esta área de concentração se destina aos estudantes e profissionais graduados nas diversas áreas científicas, tanto nas ciências físico-matemáticas como nas ciências biomédicas e nas ciências humanas. São disciplinas fundamentais desta área: **Filosofia da Ciência I e História do Pensamento Científico no Brasil.**

O currículo do Pós-Graduação em Filosofia além das já citadas disciplinas fundamentais específicas, das áreas de concentração, compreende ainda 3 disciplinas que formam o núcleo básico comum ( Metodologia do

Trabalho Científico, Antropologia Filosófica I e Estudos de Problemas Brasileiros ) e mais 4 disciplinas eletivas que o aluno escolherá para completar o seu próprio currículo.

A comunidade de alunos deste Programa de Mestrado está-se consolidando, tendo todas as vagas oferecidas até agora, preenchidas. O Programa oferece semestralmente 20 vagas. Para o 2º semestre de 1977, as inscrições estarão abertas de 13 de junho a 16 de julho.

\*  
\*       \*  
\*

## NOTICIÁRIO CIENTÍFICO-CULTURAL

### IV SEMANA INTERNACIONAL DE FILOSOFIA

A Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos fará realizar, em Curitiba, de 3 a 9 de janeiro de 1978, a IV Semana Internacional de Filosofia. O tema central do encontro será o da relação da Filosofia com as Ciências.

Nas sessões plenárias serão abordados os temas seguintes: Filosofia e Epistemologia das Ciências; Filosofia e Interdisciplinaridade; Comemoração de Jean-Jacques Rousseau, de Claude Bernard e de Max Scheler; Filosofia e Meio Ambiente; Filosofia e Futurologia.

Nas sessões especiais, as comunicações abordarão temas de Lógica, de Estética, de Ética e Filosofia dos Valores, de Metafísica e Filosofia da Religião, de Filosofia das Ciências Matemáticas e Físicas; de Filosofia das Ciências Biológicas e Psicológicas; de Filosofia da Comunicação e da Linguagem; de Filosofia Social e da História; da Filosofia do Direito e da Filosofia da Educação.

As comunicações deverão versar sobre um dos temas propostos e não ultrapassar 10 páginas quando destinadas às sessões plenárias e, 5 páginas, se destinadas às sessões especiais. Cada página deverá ter no máximo 32 linhas de 70 toques. Deverão estar acompanhadas de um resumo de 20 linhas e das seguintes indicações: título, nome completo do autor, estabelecimento onde leciona, departamento a que pertence e endereço completo. Deverão ser enviadas três cópias, até o dia 30 de setembro de 1977.

Maiores informações, escrever para:  
Prof. Dr. Tarcísio Meirelles Padilha  
Departamento de Filosofia — Universidade Gama Filho  
Rua Manuel Vitorino, 625 ZC-13.  
20000 — Rio de Janeiro — RJ

## I ENCONTRO BRASILEIRO DE LÓGICA

O Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, realizará nos dias 4, 5 e 6 de julho próximo, o I Encontro Brasileiro de Lógica. Pronunciarão conferências: Newton C. A. da Costa, Rolando Chuaqui, H. P. Sankappanavar, Ayda I. Arruda, A. M. Sette, Andrés R. Raggio, Andrea Loparico, Thiery Lucas.

Temário: Lógica, História da Lógica e Filosofia da Lógica. As inscrições feitas até o dia 10 de junho custarão Cr\$200,00; após esta data, Cr\$250,00. Comunicações, de 4 a 20 páginas, acompanhadas de "abstract" de 300 palavras no máximo, poderão ser enviadas.

Mais informações: Dr. Elias H. Alves  
Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência.  
Universidade Estadual de Campinas  
Caixa Postal 1170  
13100 – CAMPINAS – SP

\*

## ENCONTRO NACIONAL: FORMAÇÃO SACERDOTAL

A CNBB/CRB promoverá em Petrópolis, nos dias 1, 2 e 3 de julho próximo, um Encontro Nacional para estudar o tema: "Articulação da Formação dos Futuros Presbíteros". O Encontro destina-se aos Reitores de Seminários Maiores, Formadores, Assistentes e Diretores de Institutos de Teologia e Pastoral.

O Encontro realizar-se-á no Convento Madre Maria Regina, à Rua Bingen, 73, em Petrópolis. Informações: CNBB/CRB. Setor Vocações e Seminários, Caixa Postal 16085 ( ZC – 01 ), 20000 – Rio de Janeiro – RJ

\*

## BIBLIOGRAFIA TEOLÓGICA COMENTADA

É com satisfação que registramos a publicação da **Bibliografia Teológica Comentada del área iberoamericana**. Trata-se dos volumes 1 e 2, referentes aos anos de 1973/1974. Publica este excelente repertório bibliográfico o ISEDET, Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos, de Buenos Aires, Argentina. Os textos classificados seguem um minucioso diagrama, cujas divisões maiores são: 1. Ciências Sociais em Correlação; 2. Teologia Prática; 3. História das Igrejas; 4. Bíblia; 5. Contexto bíblico e 6. Teologia Sistemática.

Este volume nos foi enviado pelo ISEDET a título de intercâmbio com **Reflexão** que, na oportunidade, reitera àquele Instituto os agradecimentos por esta particular atenção, assim como os parabéns pelo empreendimento que se apresenta como valioso instrumento de trabalho para os pesquisadores da área teológica.

\*

## CATÁLOGO DO BANCO DE TESES

Outra valiosa iniciativa acaba de concretizar-se com a publicação do vol. 1 do **Catálogo do Banco de Teses**, pelo CIMEC, Centro de Informática do MEC. Este importante trabalho, de 616 páginas, cataloga 3016 teses de mestrado, doutorado, livre-docência e pós-doutorado, abrangendo todas as áreas do saber. Além dos dados técnicos e bibliográficos das teses, apresenta uma síntese do conteúdo, o que permitirá ao consulente ter idéia do assunto tratado em cada trabalho. O valor desta iniciativa é inestimável para o desenvolvimento da pesquisa científica entre nós. Este catálogo passa a ser imprescindível instrumento de trabalho para os estudos de pós-graduação.

\*

## PESQUISA SOBRE O PENSAMENTO FILOSÓFICO NO BRASIL

Sob a direção do Prof. Dr. Pe. Stanilavs Ladusāns, s.j., o Conjunto de Pesquisas Filosóficas, de São Paulo, está elaborando Pesquisa sobre

o pensamento filosófico no Brasil. Estamos transcrevendo o apelo que o organizador da coleção faz a todos os cultores da filosofia, fornecendo as informações a respeito deste projeto, esperando, assim, colaborar com a importante iniciativa.

\*

## UM NOVO APELO AOS CULTORES DA FILOSOFIA NO BRASIL

Prezado Pensador, cordiais saudações !

Após ter lançado o primeiro volume da série "Rumos da Filosofia Atual no Brasil" (1), dirijo-me respeitosamente a V.S<sup>ã</sup>., cultor da Filosofia no Brasil, a fim de apresentar, numa nova forma, atualizada e completa, um **convite sincero para a colaboração científica** no campo filosófico.

Trata-se de ampla **pesquisa sobre a atual situação do pensamento filosófico no Brasil**, tendo em vista um fim positivo importante. Foi iniciada no ano de 1967. Embora já reúna rico e interessante material, suficiente para a publicação de outros volumes, a pesquisa, contudo, não está encerrada. **Continua.** Conta com novas e interessantes colaborações.

Prezado Pensador, se ainda não participou na presente iniciativa de caráter científico, enviando o próprio auto-retrato, solicito-lhe a preciosa colaboração.

Formulado o presente convite, tomo a liberdade de apresentar uma **informação** e uma **orientação** na perspectiva do trabalho filosófico em conjunto.

Antes de tudo, esclareço que a mencionada iniciativa científica encontrou, **no Brasil, vasta ressonância**. Foi a tal ponto apreciada pelos pensadores portugueses, que já em 1967 estendeu-se, em virtude de uma solicitação insistente a **Portugal**, ligado intimamente ao nosso país por laços de história, língua e cultura. Conta com um bom acervo de respostas e continua, apesar de tudo, até hoje.

As relações e profundas analogias sociais unem o Brasil aos países latino-americanos de língua espanhola. Estes laços irmanam os povos em

vias de desenvolvimento na perspectiva de uma sólida integração. Tal dinamismo não se dá sem presença filosófica atuante. Isto obrigou a ampliar ainda mais o levantamento, estendendo-o à **Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Salvador, Uruguai e Venezuela.**

A estreita vinculação entre estas nações e a **Espanha** moveu-nos a incluir na empresa científica a Pátria-Mãe de tantos povos latino-americanos.

Verificou-se algo de notável. O material científico que afluíu e está afluindo sempre mais de todas aquelas áreas de pesquisa, manifesta especial relação do atual pensamento filosófico latino-americano, como também do pensamento português e espanhol com os sistemas alemães. Isto levou a efetuar, embora em proporções modestas, uma pesquisa sobre a **atual situação do pensamento filosófico alemão.** Até **Martin Heidegger**, interessado pela iniciativa, encontrou uma maneira especial, consoante a sua idade avançada, para que também o seu pensamento fosse representado no volume dedicado ao atual pensamento filosófico alemão, que, quase organizado, aguarda a publicação ainda no ano de 1977.

Assim, pois, o atual pensamento filosófico do nosso hemisfério e dos três mencionados países europeus está pesquisado metodicamente, seguindo o sistema de auto-retratos como meio de um **diálogo sincero no campo filosófico** e como instrumento de promoção da criatividade filosófica.

Os auto-retratos filosóficos agrupam-se em volumes, formando duas séries: brasileira e estrangeira. Revelam a universalidade das idéias filosóficas, sua correlação, interdependência e as **suas funções específicas no mundo de hoje.**

Isto **reforça a razão** para que o cultor da Filosofia no Brasil participe no mencionado diálogo cultural de amplas proporções. O auto-retrato filosófico do Pensador Brasileiro constitui uma **preciosa contribuição**, que não só o faz sair do isolamento, mas também **potencia o esforço comum** no sentido de **fazer mais presente a Filosofia**, chamada a cumprir a sua tarefa em toda a plenitude, aprofundando, harmonizando, orientando, fazendo discernir e integrando os valores da vida e da atual cultura.

Indo ao encontro da participação do cultor da Filosofia no Brasil, apresento as **respectivas orientações concretas numa nova forma** e chamo atenção desde que elas não limitam a liberdade na elaboração do auto-retrato. Têm apenas modesta função de prestar um **subsídio** para a colaboração.

## I – PERGUNTAS FORMULADAS

a) Quais são os **dados pessoais** ou o “*curriculum vitae*”, em síntese ?

b) Qual é a **gênese** e o **desenvolvimento** do seu pensamento filosófico até a sua etapa atual, caracterizando, numa síntese de máxima brevidade, o rumo ou a **tendência desta etapa atual** ? Uma análise detalhada da estrutura do pensamento da etapa hodierna é exigida no item “d”.

c) Em que situação se encontram as suas **publicações** ? É favor indicar exatamente o título, número de páginas, ano, editora das **obras publicadas** ( incluindo os principais **artigos** nas revistas, com a indicação da denominação da revista, do ano, das páginas ). É favor falar também das **obras em preparação** ou inéditas. Que **planos** arquiteta para o futuro no campo das atividades filosóficas ?

d) Qual é a **estrutura do atual pensamento filosófico** de V.S<sup>a</sup>. ? Caracterizando esta estrutura com um empenho analítico, é favor **responder**, com orgânica brevidade, a **um questionário em vinte perguntas sucessivas**, que não querem prejudicar a liberdade de apresentar o próprio pensamento numa forma sincera e completa. Não será difícil harmonizar tudo, respondendo, de uma ou de outra maneira, às 20 perguntas formuladas em seguida.

Estas perguntas, não se distinguem substancialmente das do apelo anterior, e **são as seguintes**:

1<sup>a</sup>) A Filosofia é uma ciência objetiva ou uma produção pessoal puramente subjetiva do pensador ?

2<sup>a</sup>) Como pôr e solucionar, hoje, o problema da verdade ?

3<sup>a</sup>) A reflexão filosófica deve abrir-se para uma visão metafísica da realidade ? É atual a Metafísica hoje ?

4<sup>a</sup>) Existe uma questão filosófica em relação à moralidade e tem sua resposta ?

5<sup>a</sup>) Há uma conexão entre a teoria e a prática ?

6<sup>a</sup>) Que deve dizer o filósofo em relação às ideologias de hoje ?

7<sup>a</sup>) Deve existir um diálogo da Filosofia com as hodiernas ciências matemático-experimentais, com a tecnologia atual e, ainda, com outros setores da cultura de hoje ?

- 8ª) Quais as correntes do pensamento que a reflexão filosófica deve ter hoje em conta ?
- 9ª) Podemos admitir a Filosofia como interdisciplina ?
- 10ª) Que método deve seguir, hoje, o ensino filosófico universitário ?
- 11ª) Deve ter a Filosofia um lugar no ensino de segundo grau ?
- 12ª) Deve atingir a Filosofia as massas populares e a juventude em grande escala ?
- 13ª) É admissível o pluralismo filosófico sem prejudicar o caráter universal da Filosofia ?
- 14ª) Pode existir ou existe a Filosofia Nacional Brasileira ?
- 15ª) Que podemos fazer para atualizar a Filosofia no Brasil e impulsionar-lhe o progresso ?
- 16ª) Como integrar a criatividade filosófica na realidade brasileira ?
- 17ª) Pode ter a Filosofia uma tonalidade cristã ?
- 18ª) Que pensar sobre o ateísmo contemporâneo e sobre as tarefas do teísmo no mundo secularizado ?
- 19ª) Pode colaborar a Filosofia para humanizar a civilização de hoje, evidenciar o valor da pessoa e contribuir para a felicidade humana ?
- 20ª) Pode exercer a Filosofia uma influência benéfica no diálogo entre as culturas dos povos e promover a compreensão internacional ?

## II — FORMA DO AUTO-RETRATO

Completando o que foi dito a respeito da forma do auto-retrato, saliento que as **respostas** às mencionadas questões, **englobadas com habilidade orgânica na apresentação da totalidade do próprio pensamento**, devem ser **breves**, não ultrapassando, normalmente, o **auto-retrato 30 ( trinta ) páginas datilografadas** em espaço duplo.

O auto-retrato destina-se à **publicação numa obra coletiva**. **Não pode ser um estudo analítico** dos problemas filosóficos e transformar-se numa simples investigação de cunho pessoal. Deve constituir uma **unidade orgânica**, que comunique o pensamento do autor na sua **gênese**, no seu **desenvolvimento** e na sua **estrutura atual**, evidenciando, como é óbvio, as razões, quando ocorrem.

É, pois, uma **breve autobiografia**, isto é, um artigo que o pensador escreve com sinceridade radical sobre si mesmo.

Este artigo deve ser sério, de **cunho científico**, arquitetado, nos moldes do questionário proposto, com uma reflexão de **colorido próprio**, original.

Que seja ele também **acessível** aos não técnicos em Filosofia !

**Evite-se nele a obscuridade**, a **forma seca e protocolar**, que ocorre no preenchimento de um formulário !

O que interessa é uma **comunicação vívida**, sincera, ordenada, cientificamente impecável, **que tenha unidade**.

Dê-se ao auto-retrato um **título**, livremente escolhido, sugestivo e breve, que caracterize realmente a mensagem do pensamento !

Aconselham-se **subtítulos** para favorecer a clareza. Pela mesma razão inclua-se também uma **conclusão**, porém, breve !

Saliento que as indagações feitas, essenciais para o levantamento, não visam a imprimir o rigor de um inquérito formal ao processo das respostas. Elas, postulando o mínimo essencial, deixam ampla margem à **espontaneidade original do pensador**, que é, por assim dizer, **imprevisível na sua personalidade intelectual**.

Manifestando-se na sua originalidade respeitável, o autobiógrafo englobe organicamente, como foi dito, na totalidade unitária, as respostas que solicito, **e acrescente, livremente, tudo o que sirva para caracterizar-se melhor** ! Só assim o diálogo poderá ser profundo e construtivo.

Como se trata de obra de autognose, a elaboração deve ser feita uma por uma **pessoalmente**. É compreensível o embaraço e indecisão gerados em vários espíritos. Este processo de gnose é normalmente doloroso, mas também salutar, não só para o próprio autor, mas também para a comunidade humana, em que o pensador vive e atua com responsabilidade.

### III — CATEGORIAS DE COLABORADORES

É óbvio que esta empresa científica se dirige aos distintos colegas, **professores universitários, nativos e estrangeiros**, que, além de ensinar nas escolas superiores do Brasil, tenham publicações de temas filosóficos.

Dirijo-me igualmente aos **Pensadores** que, embora **não dedicados ao ensino superior**, cultivam seriamente a Filosofia e têm sua produção literário-filosófica.

Lanço um apelo aos **jovens pensadores**. Não tenham receio de participar desta iniciativa científica, aderindo a ela corajosamente! Importa pouco, para esta obra que deseja ser completa, que o jovem pensador não tenha muitas publicações. O importante é o ponto de partida científico e fecundo, os futuros projetos organizados com realismo, prudente idealismo e coragem. Naturalmente, requer-se alguma publicação filosófica considerável, como condição necessária para a categoria de jovem pensador. Faltando isto, a tese doutoral concluída e publicamente defendida abre acesso para uma eventual participação na obra por meio do auto-retrato.

Os **auto-retratos já enviados e ainda não publicados** na Coleção **devem ser atualizados e reelaborados** conforme as orientações do presente apelo.

Aos que têm publicados seus auto-retratos no 1º volume da série, solicito a gentileza de enviarem **informações complementares** referindo-se às publicações, evolução do pensamento etc. Estas informações **periódicas** serão **publicadas como anexos** nos volumes subseqüentes. É favor enviarem, juntamente com as mencionadas informações, também um **exemplar de cada publicação** como documentação de praxe.

É importante se esclareça aqui que a pesquisa no campo das atuais idéias filosóficas brasileiras é um **levantamento científico para constatar a verdadeira situação global**. Refere-se, portanto, a **todas as tendências** atuais do pensamento brasileiro. Limitando-se a estas ou aquelas correntes do pensamento, a pesquisa não seria um levantamento científico da atual situação filosófica no país.

#### IV – ENVIO DE PUBLICAÇÕES

Dado que os auto-retratos recebidos exigem certa documentação, **agradeceria vivamente receber as publicações**, ao menos, as principais. Estas obras serão um fator valioso para melhor compreensão e apresentação da informação autobiográfica.

Além disso, informo que estou constituindo, tecnicamente, um centro de pesquisa ou uma **biblioteca especializada** para os fins da investigação

no campo das idéias filosóficas brasileiras. Enviando as publicações de própria autoria, V.S<sup>a</sup>. concorre também para a promoção da mencionada investigação científica, que aprofunda o nosso diálogo no campo filosófico, destinado a incrementar o filosofar brasileiro.

## V – ENDEREÇO PARA O ENVIO

O endereço é o seguinte:

Prof. Dr. Pe. Stanislavs Ladusãns S. I.

Conjunto de Pesquisa Filosófica

Caixa Postal 11587

05049 – São Paulo, SP

**Local para a entrega pessoal** do material ou **para uma visita** em busca de informações mais detalhadas: o mesmo Conjunto de Pesquisa Filosófica, situado no km 26 da Via Anhangüera, São Paulo, Capital, campus universitário das Faculdades Anchieta, dos Padres Jesuítas. Tel.: 260-7680.

## VI – PALAVRA FINAL

Fazendo no fim do “Apelo aos Cultores da Filosofia no Brasil” um resumo de tudo o que foi dito em relação à importante colaboração solicitada, **concluo em concreto**:

1º) agradecerá a gentileza de remeter-me o que convençamos denominar de **retrato interior**, quer dizer, o **auto-retrato filosófico ou a autobiografia filosófica**;

2º) além disso, solicito o **retrato exterior**, isto é, uma boa fotografia, **de data recente**;

3º) finalmente, peço também as suas **publicações**.

São Paulo, SP, Conjunto de Pesquisa Filosófica, 15 de abril de 1977.

## **CURSO DE MESTRADO EM METODOLOGIA DO ENSINO EM BIBLIOTECONOMIA**

Com imensa satisfação anunciamos o início de mais um Programa de Pós-Graduação na Pontifícia Universidade Católica de Campinas: desta feita é a Faculdade de Biblioteconomia que abrirá seu curso de Mestrado em **Metodologia do Ensino em Biblioteconomia**.

Além dos objetivos acadêmicos, este novo Programa visa a oferecer aos países da América Latina a oportunidade de preparar e formar professores de Biblioteconomia, dando-lhes as técnicas didático-pedagógicas para o bom desempenho de suas atividades, assim como oferecer condições para a realização de pesquisas educacionais, abrangendo os objetivos do NATIS e sua aplicação na América Latina.

O curso é fundado para responder inclusive à solicitação da UNESCO, órgão com o qual o Programa trabalhará em estreita colaboração.

O curso oferecerá 20 vagas por semestre e terá início no dia 15 de agosto. As inscrições estarão abertas até 30 de junho; a seleção se dará de 19 a 31 de julho; as matrículas irão de 1º a 12 de julho.

Para maiores informações, os interessados poderão dirigir-se à Diretoria da Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, à Rua Marechal Deodoro, 1 099 — 13100 — Campinas — SP — Tel. ( 0192 ) 2-7001 — Ramal 59.

\*

## **PÓS-GRADUAÇÃO EM LÓGICA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA NA UNICAMP.**

O Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, da UNICAMP, darão início, em agosto próximo, a seu Programa de Pós-Graduação em Lógica e Filosofia da Ciência.

O Programa será organizado a nível de Mestrado e Doutorado, oferecendo, de início, 10 vagas para o Mestrado e 5, para o Doutorado. O Programa visa a formar especialistas nos campos da Lógica e da Epistemologia das diferentes ciências particulares com um duplo objetivo: desenvolver a pesquisa nesses domínios, e preparar docentes para o ensino superior que venham atender à crescente demanda de lógicos e epistemólogos por parte das universidades brasileiras. Por outro lado, busca-se também proporcionar a cientistas oriundos de diferentes ramos do saber científico uma formação adequada que lhes permita uma reflexão rigorosa e sistemática sobre os problemas teóricos pertinentes aos campos específicos de suas especialidades. O Programa quer, ainda, incrementar o desenvolvimento de pesquisas e formar docentes de ensino superior na área de História da Filosofia, com orientação epistemológica, no sentido amplo do termo.

As inscrições estão abertas de 15 a 30 de junho; o exame de seleção ocorrerá de 4 a 8 de julho; as matrículas dos selecionados, de 8 a 12 de agosto; e previsto o início das aulas para 15 de agosto.

Maiores informações: Departamento de Filosofia — IFCH.

Comissão de Pós-Graduação — UNICAMP.

Caixa Postal 1170 — 13100 — Campinas.

## IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE FILOSOFIA

De 20 a 24 de junho realizar-se-á em Caracas, Venezuela, o 9º Congresso Latino-Americano de Filosofia. Temas do Grupo I: O ensino da Filosofia na América Latina; História e evolução das idéias filosóficas na América Latina; Possibilidade e limites de uma filosofia latino-americana; no Grupo II serão discutidos os seguintes assuntos: As tendências da filosofia no continente latino-americano, de modo particular, filosofia da ciência e filosofia analítica, filosofia da práxis fenomenológica e existencial.

Correspondência para: IX Congresso Interamericano de Filosofia, Universidade Simon Bolívar, Apartado 80659, Caracas 108, Venezuela.

## RESENHAS

**MORAIS, J. F. Regis de**  
**CIÊNCIA E TECNOLOGIA – INTRODUÇÃO METODOLÓGICA E CRÍTICA**  
São Paulo, Cortez & Moraes, 1977, 180 páginas

Na época em que vivemos, marcada pelo desenvolvimento das investigações científicas e pelo apelo cada vez mais crescente à técnica para a organização da vida humana, não têm sido poucos os que, preocupados com o panorama que se vai delineando, voltam sua reflexão para o significado desse fenômeno.

O livro do professor J. F. Regis de Moraes vem somar-se aos de outros estudiosos, guardando, entretanto, algumas características que o destacam e o recomendam de forma especial.

A intenção do autor é “oferecer os primeiros elementos para uma reflexão acerca das realidades científica e tecnológica”. Seu propósito é, antes de tudo, didático. O livro é fruto de suas experiências no ensino de Metodologia Científica na Faculdade de Análise de Sistemas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e se destina, principalmente, aos estudantes universitários que, hoje no Brasil, iniciam sua tarefa no campo da ciência. Entretanto, qualquer pessoa que se preocupe em questionar o momento científico-tecnológico encontrará no trabalho do professor Regis de Moraes elementos valiosos para sua análise.

A obra está dividida em três partes. Na primeira: **A ciência e seus caminhos**, procura-se caracterizar o procedimento científico, explicar os recursos metodológicos fundamentais da ciência e fazer uma crítica a alguns pressupostos do conhecimento científico. O autor justifica tal empreendimento no fato de que, para se fazer uma reflexão sobre um dado, é importante que ele esteja claro, que tenha sido visto, para que se volte sobre ele o olhar crítico. Assim, no primeiro capítulo ( págs. 21 a 52 ), encontramos a necessária distinção entre conhecimento vulgar e conhecimento científico e o recurso à história da ciência a fim de se verificarem as transformações que a conduziram a ter, em nossos dias, as características que possui. São analisados a natureza e os objetivos da ciência, faz-se a distinção entre ciência e técnica. Procura-se deixar de lado a afirmação de que ciência é conhecimento e técnica a aplicação desse conhecimento. “Nos dias atuais”, afirma o autor, “ciência e técnica são atividades absolutamente interdependentes e, até certo ponto, fundidas”. Ele procura deixar claro que “a marcha da ciência é uma manifestação dialética”, na qual estão presentes contradições que precisam ser levadas em conta no seu estudo.

O segundo capítulo ( págs. 53 a 82 ), procura mostrar como se fundamenta a atividade científica na sua investigação da realidade, que caminhos ( métodos ) têm sido utilizados para que seus fins possam ser alcançados. Discute-se a divisão do conhecimento científico, os procedimentos que a ele conduzem, a atitude experimental, a necessidade de verificação dos dados.

No capítulo III ( págs. 83 a 96 ), esclarecendo que não tem o propósito de fazer uma epistemologia — uma teoria do conhecimento científico —, o autor se dispõe a “questionar alguns elementos do dogmatismo da ciência”. Apoiado na afirmação de que “ciência é um conceito abstrato” e de que na verdade “o que há são cientistas desenvolvendo um trabalho”, discute o problema da objetividade do saber científico, confrontando essa noção com as de subjetividade e intersubjetividade, que também estão presentes, de alguma forma, na atividade científica. Analisam-se aí também as características do processo de comunicação no terreno da ciência, os elementos fundamentais do discurso científico, os problemas que os cientistas enfrentam no terreno da linguagem.

A segunda parte do livro é dedicada à análise da **Realidade Tecnológica**. O capítulo IV ( págs. 99 a 128 ) estuda o posicionamento da técnica em geral e o capítulo seguinte ( págs. 129 a 153 ) enfoca o tema da cibernética e da automação. O autor leva em conta o pouco conhecimento que se tem, nas universidades, da verdadeira face da tecnologia e das linhas fundamentais da cibernética. Na verdade, alguns dos argumentos que vemos constantemente usados nas discussões sobre o tema fundamentam-se apenas em conhecimentos do senso comum, deixando de lado elementos importantes para uma verdadeira colocação dessa problemática. Então, o autor mais uma vez recorre a dados históricos para distinguir técnica e tecnologia, verificar os princípios que regem a civilização tecnológica, mostrar os novos poderes que o homem tem desenvolvido, as perspectivas sociais da automação, e questionar os resultados de todas essas transformações. Aí tenta-se já pensar em caminhos para a superação de uma situação caótica e aflitiva, aquela em que nos encontramos. Apela-se para o pensamento utópico, para a esperança concreta de uma humanização autêntica do mundo contemporâneo.

É, entretanto, na última parte do livro, intitulada **Perspectivas Antropológicas** ( capítulo VI, págs. 157 a 175 ), que, a um nível de reflexão filosófica presente em toda a obra, mas explorado significativamente nessa seção, o autor busca sedimentar o sentido de seu trabalho, pensando sobre o homem da era tecnológica. Ele parte de três questões que considera básicas: “a) que culpa

teve o homem ocidental ( em termos de intencionalidade e premeditação ) de haver construído em mundo tão contraditório para si, como se mostra o mundo resultante da tecnificação ? b) como o homem atual se **compreende** a partir da imagem do ambiente que ele mesmo criou ? c) com que perspectiva pode contar o homem contemporâneo ?

É então que se denunciam as graves implicações de uma mentalidade tecnológica que domina o nosso viver. E que se anunciam possibilidades de o homem libertar-se em seu caminho para sua afirmação como pessoa. É o que constitui a riqueza do livro e o distingue de trabalhos da mesma natureza. Constantemente têm-se apontado aqui e ali os aspectos negativos de nossa civilização cientificista e tecnicista, mas, em nome mesmo de uma “neutralidade científica” — que exatamente faz parte de uma mentalidade dominante — deixam-se de lado as possibilidades de superação. “Isso não nos diz respeito”, é o que ouvimos. Mas é justamente porque isso diz respeito a cada um, no compromisso que se tem de assumir como participante de uma sociedade e artefato de uma história, que toda denúncia só tem sentido se acenar com o anúncio de uma transformação. O professor Regis de Moraes fornece instrumentos para essa atitude, na medida em que fundamenta a sua preocupação numa realidade que vivemos hoje no Brasil e chama atenção para a necessidade de opção **nossa** diante dessa realidade.

**Terezinha Azeredo Rios** \*

**STEIN, Suzana Albornoz**

**POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

**Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1976, 100 págs.**

Suzana Albornoz Stein analisa o complexo problema educacional, suas críticas, suas razões e alternativas.

A autora baseada na obra de Hartmut von Hentig “Cuernavaca oder Alternativen zur Schule” sobre o sistema educacional norte-americano, enumera um grande número de críticas à Escola.

A primeira crítica à Escola é, que esta não tem sido capaz de diminuir as diferenças sociais, mesmo após algumas reformas com o fim de

\* Mestranda em Filosofia da Educação na PUCSP, professora de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo no Ciclo Básico da mesma Universidade.

democratizá-la, ainda assim, não se consegue a “igualdade de oportunidades” ( pág. 26 ), fato confirmado através de pesquisa feita com alunos das escolas primárias de Nova Iorque, “os resultados da avaliação são em geral satisfatórios nos bairros onde predomina a classe branca, e chegam, a ser catastróficos nas áreas mais pobres de Mannhatan, especialmente no Harlem” ( pág. 26 ).

Outra crítica à Escola é pela sua ineficiência em acompanhar as mudanças constantes das atividades humanas, pois não basta preparar só a infância, os adultos também precisam atualizar-se, reciclar-se. “A escola é ineficiente para responder às exigências de atualização constante, e formação para o trabalho, numa sociedade em que os processos e as técnicas continuamente se modificam” ( pág. 29 ).

A terceira crítica analisada é aquela que responsabiliza a própria escola pelo fracasso educativo, quando se considera o número de matrículas e o número daqueles que terminam o curso, pois há uma grande evasão e não menor número de reprovação e a culpa deve recair sobre a própria escola, embora essa culpa seja fruto de um grande número de variáveis que interfere na avaliação escolar. “A sociedade — os círculos de pais, as associações de bairros, os representantes de classe, o próprio governo — arroga-se o novo direito de julgar o trabalho da escola, responsabilizando os professores pelos fracassos escolares, avaliados de forma estatística” ( pág. 31 ).

A quarta crítica, refere-se à estrutura autoritária da escola, primeiro, porque é pela lei de Estado que se é obrigado a freqüentá-la; em segundo, há a autoridade do regimento interno e, em seguida, a autoridade que os professores têm sobre os alunos.

A autora depois de analisar as críticas à escola, analisa a defesa dela enumerando vários aspectos.

O primeiro aspecto é, que a escola é necessária como promotora do desenvolvimento, devido à complexidade do processo civilizatório, obrigando a educação a tornar-se um processo sistemático. Há uma necessidade humana por educação.

Outro aspecto é a necessidade de uma instituição especializada para que a escola possa ser uma fonte de conhecimentos.

Analisa-se a seguir, a escola como necessidade para a libertação da família, pois com a rápida urbanização, os problemas que antes pertenciam às famílias, passaram a ser complementados por outras instituições,

sendo a escola aquela que, mais de perto, pode substituir os cuidados familiares, na proteção e instrução às crianças.

Outro ponto que mereceu atenção foi o das contradições do sistema escolar, onde se examina o problema dos currículos obrigatórios e programas escolares, além dos critérios de avaliação, nos quais pode haver discriminações, já que as crianças chegam à escola apresentando diferenças culturais, fruto do ambiente do qual se originam. As exigências de padrões de rendimentos poderão beneficiar aqueles alunos vindos de um ambiente onde havia melhor escolarização dos pais, prejudicando aqueles, cujos pais não foram sequer escolarizados.

A inadequação dos currículos cria um grande problema para os estudantes com referência ao mercado de trabalho, que às vezes já se encontram saturados e só os mais bem escolarizados, os que têm mais "recomendações" poderão encontrar uma ocupação coerente com o seu curso.

A autora aponta várias tendências contraditórias: espontaneísmo e formalismo, sensualismo e racionalismo, mobilismo ou imobilismo social, familismo e estatização, descentralização, diversificação ou uniformização, individualização ou massificação, democratização ou elitização e vinculação ou desvinculação ao mercado de trabalho.

A autora chama a atenção, para as alternativas à Escola, iniciando com o Coletivo Infantil de Israel, funcionando o Kibutz como um entrosamento entre a comunidade infantil a vida familiar e a realidade profissional. A Escola de Alunos de Barbiana, na Itália, onde os alunos que sabem mais ensinam os que sabem menos e aqueles são orientados por adultos, que não são professores profissionais. "A escola busca servir à transformação e melhoria da sociedade" (pág. 53).

Outras alternativas analisadas no livro são: A conscientização de adultos, baseada no método Paulo Freire, a Educação de adultos de Margaret Mead nos Estados Unidos, a Prioridade da Educação de Adultos, de Lauro de Oliveira Lima, as escolas livres, Summerhill na Inglaterra e Children's Community de Anita Moses, em Nova Iorque, os Serviços de Mediação Cultural de Ivan Illich e Everett Reimer, a Desescolarização da Escola de Hartmut von Henting, experiências com T.V. educativa no Brasil e em Samoa, além de outras alternativas apresentadas.

Por fim, aponta a autora o papel da mulher emancipada na educação libertadora, mostrando que a mulher sempre esteve ligada "à trans-

missão das normas da sociedade, à reprodução dos modelos de comportamento, à educação das crianças; outrora, no lar, na família; hoje, tanto no lar como na escola, nas instituições educacionais da sociedade organizada. Em grande parte do mundo, as mulheres assumem, em massa, as tarefas do sistema escolar” ( pág. 91 ).

Concluindo, podemos dizer que Suzana Albornoz Stein levantou uma série de questões a respeito do complexo problema educacional, procurando responder às perguntas: a escola atual é a melhor ? resolve os problemas educacionais ? resolve as injustiças ?

É uma chamada de atenção para todos aqueles que têm a responsabilidade do angustioso problema da educação em nossos dias.

**Antonio Cavalcante de Albuquerque \***

**WEBER, Silke.**

**ASPIRAÇÕES À EDUCAÇÃO.**

**Petrópolis, Vozes, 1976, 142 págs.**

O texto aqui apresentado, resumo da tese de doutorado da autora, apreciada pela Université René Descartes, Paris V, em 1972, se identifica como uma proposta de investigação dos fundamentos aspiracionais que, relacionados com o sistema escolar, nele exercem influência. Para isso a autora, toma como universo de sua pesquisa, a população da cidade de Recife, no ano de 1970, a partir do qual coleta os dados das diferentes concepções que essas pessoas possuem sobre a educação e instrução, sobre a instrumentalidade e condições de educação e, principalmente, sobre a imagem que lhes é refletida pela pessoa educada.

Sob essa perspectiva, a autora efetua uma análise das condições dentro das quais são elaborados estudos, diagnósticos e propostas sobre a educação, conduzindo-a a formular a tese de que a educação deve ser proposta como tentativa de contribuir para a efetiva integração do indivíduo em determinado contexto social.

“Assim, optou-se por examinar alguns elementos concernentes ao sistema de ensino existente anteriormente” ( pág. 14 ), considerando-se que

\* Mestrando em Filosofia na PUCC.

os efeitos da recém-implantada Reforma de Ensino, não permitem ainda uma análise sem características precoces.

Conseqüentemente, no Cap. I, é abordada: a) a Estrutura e a Organização do Ensino a partir da lei "Diretrizes e Bases" como permitindo uma flexibilidade de currículos e métodos empregados na educação, o que vem a gerar a distinção qualitativa de escolas; b) a matrícula nos três níveis de ensino, onde é dada ênfase à seletividade do ensino brasileiro que identifica o papel específico da educação em uma sociedade de classes, atuante como instrumental para a situação social vigente.

No Cap. II, é elaborada uma "abordagem sociopsicológica que possibilite analisar as condições nas quais se produz um discurso sobre educação" (pág. 24). Aqui é salientado, que os indivíduos geralmente são levados a associar a educação com melhores condições de vida, fato esse que pode ser atribuído à situação de inconsciência que as pessoas possuem dos reais fatores que lhes causam a condição social. Por outro lado, é observado que esta situação de inconsciência é devida mais ao nível de percepção, que ao nível aspiracional, barreira esta criada pela própria sociedade de classes às classes dominadas. Essas colocações vêm embasadas pelo estudo de pesquisas realizadas nos Estados Unidos, que de maneira geral "tratam das aspirações à educação e das aspirações profissionais; da relação entre os níveis de aspiração profissional e os níveis de realização educacional e profissional, da relação entre aspiração profissional; e realização profissional" (pág. 28). A partir dessas análises, a autora conclui que um estudo do processo gerador da definição de aspirações à educação, muito poderia contribuir para a compreensão do valor atribuído à educação, se se tomasse como contexto a realidade de uma cidade brasileira. Daí a escolha da sociedade de Recife, "onde aparentemente novas oportunidades em matéria de educação são oferecidas, os objetivos... são definidos particularmente pelas imagens e representações das performances dos indivíduos ou grupos que eles tomam como referência" (pág. 35). Surge aí a formulação da hipótese, "as aspirações à educação reproduzem as aspirações das classes dominantes, sob a forma de aspirações à participação dos privilégios reservados a esta classe" (pág. 37), elaborada com referências e embasamentos em hipóteses de pesquisa de outras sociedades, que embora não interpretassem nossa realidade educacional, foram úteis para configurá-la.

No Cap. III, é descrito o universo específico da pesquisa elaborada, ou seja, os pais de alunos, os responsáveis pelas primeiras decisões na educação dos filhos representam, sobretudo, a população ativa atual com relação

ao mercado de trabalho. No mesmo capítulo é feita a descrição da Escolha do Método, da Pesquisa de Campo e da Análise dos Dados, que efetivaram a proposta da autora.

No Cap. IV, são fornecidas as características do universo pesquisado, através de três “meios sociais”: 1º) naturalidade e tempo de residência em Recife; 2º) faixa etária e grau de instrução e 3º) situação ocupacional dos pesquisados.

No Cap. V, são apresentadas as imagens e representações relativas à educação e já resultantes da pesquisa. Apresentam-se então, as diferentes imagens de uma pessoa educada, relacionadas com “status” e conhecimento e, analisam-se as representações da educação, através de seu conteúdo, instrumentos, finalidades e condições.

O Cap. VI apresenta comparações entre a experiência escolar percebida ou vivenciada pelos entrevistados e seus filhos e a visão futura que essas pessoas possuem da escola, a partir do conhecimento que dela esperam adquirir.

O Cap. VII demonstra a representação que os entrevistados possuem com relação ao papel da escola na educação e a confirmação, a partir destas representações, de que a educação institucional contribui para a divisão social do trabalho.

O Cap. VIII conclui pelas “aspirações a uma melhor integração social” (pág. 108), considerando as diversas significações que estas aspirações têm para os pais, relacionadas aos seus ideais e à sua real condição de vida.

Na sua conclusão, Silke Weber evidencia as aspirações à educação como resultantes de um processo de condicionamento efetuado em determinado contexto social.

Portanto, de total utilidade este livro, para educadores e pessoas preocupadas com a educação, problema que em nossa sociedade centraliza interesses, discussões, estudos e programas. Principalmente indicado, pela sua originalidade, em abordar o problema até então nos apresentado como influenciado por modelos ambíguos e pesquisas repetitivas sobre os mesmos dados.

Aqui, a análise de conceitos básicos de educação, realizada a partir de um universo quase esquecido: o dos **pais** dos alunos, se nos apresenta como tentativa valiosíssima de racionalização do discurso educacional e de

adequação de padrões universais a um contexto atual e representativo de nossa realidade social.

Clélia Ester Ragonha \*

**MILHOLLAN, F. e FORISHA, B. E. — SKINNER x ROGERS:  
MANEIRAS CONTRASTANTES DE ENCARAR A EDUCAÇÃO.**

Tradução: Aydano Arruda

Summus Editorial — São Paulo — 1976 — 193 págs.

Os autores partem da premissa de que dois sistemas filosóficos fortemente divergentes estão representados na atual literatura educacional gozando de consumo popular, e, refletindo-se consideravelmente na prática educacional hodierna, assim como nas reformas e inovações propostas nas escolas.

Comportamentalismo e Fenomenologia — duas formas contrastantes de encarar a educação, não apenas do ponto de vista teórico, mas também prático. Entretanto, tal divergência, não se refere apenas à eficácia dos processos de aprendizagem, mas se estabelece em diferentes concepções do Homem e da Educação.

Baseando-se fundamentalmente em duas obras: Tecnologia do Ensino, de Skinner e Liberdade para Aprender, de Rogers, os autores situam as origens filosóficas e históricas dos modelos, comportamentalista e humanista, delimitando suas teorias e expondo seus processos e implicações.

Na 2ª Parte, é abordado o pensamento de Skinner. No ver dos autores sua contribuição consiste em grande parte no desenvolvimento como ciência objetiva.

“A orientação comportamentalista considera o homem um organismo passivo, governado por estímulos fornecidos pelo ambiente externo. O homem pode ser manipulado, isto é, seu comportamento pode ser controlado através de adequado controle de estímulos ambientais” ( pág. 17 ).

A conscientização do indivíduo pode provir de suas relações acidentais com o mundo ou ser controlada, de tal forma, que a consciência não se forme acidentalmente. De qualquer maneira, o indivíduo manipulado, seja

\* Professora da Faculdade de Filosofia de Americana; Mestranda em Filosofia na PUCR.

aleatoriamente por suas relações com a sociedade, seja determinadamente pelo controle científico da educação.

“Skinner afirma que é necessário um plano científico para promover o desenvolvimento do homem e da sociedade. Não podemos tomar decisões sábias se continuarmos a pretender que não somos controlados ( pág. 67 ).

Acentua também, que, tradicionalmente, o homem era considerado como um agente livre e seu comportamento o resultado de mudanças interiores, espontâneas. Afirma que hoje esse ponto de vista foi abandonado pois “a vontade interna torna impossível a predição e controle do comportamento” ( pág. 67 ). A liberdade de aprendizagem deve, pois, ser desprezada, e os educadores têm o direito, senão o dever, de controlar todo o processo educativo, que fica assim apresentado explicitamente, como forma de controle social.

Skinner considera que a aplicação de seus métodos à educação deve ser simples e direta pois “a escola está interessada em transmitir à criança grande número de respostas. A primeira tarefa é modelar as respostas, mas a tarefa principal é colocar o comportamento sob numerosas espécies de controle de estímulo” ( pág. 111 ).

Neste sentido, “a mais conhecida aplicação educacional do trabalho de Skinner é, sem dúvida, a instrução programada e máquinas de ensinar. Em educação, o comportamento a ser modelado e mantido é geralmente verbal, e pode ser posto sob o controle de estímulos tanto verbais, quanto não verbais. Isto é melhor realizado por uma máquina” ( pág. 112 ). Embora, não seja a máquina propriamente dita, que ensina, ela coloca estudante e professor em contato mútuo. “Em muitos aspectos, diz Skinner, é como um professor particular no sentido de haver constante intercâmbio entre o programa e o estudante. A máquina mantém o estudante ativo e o alerta” ( pág. 114 ).

Na 3ª Parte é apresentado o pensamento de Rogers caracterizado com pensamento fenomenológico.

Para a orientação fenomenológica o homem é essencialmente livre e fonte de todos os seus atos. O ponto focal de sua liberdade é sua consciência, sendo o comportamento apenas a expressão observável e a conseqüência de um mundo interior essencialmente privado. Assim, somente uma ciência do homem que experiencie essa interioridade pode ser adequada ao estudo do organismo humano.

“Psicólogos científicos humanistas como Rogers, desejam uma concepção diferente de ciência — seja um novo tipo de ciência, seja uma significação mais ampla de ciência, que se mostre fiel ao homem. Para eles, fenômenos cotidianos da vida como experiência, sentimentos, significações, humor, são psicologicamente relevantes” ( pág. 124 ).

Rogers dedicou a maior parte de sua vida profissional ao trabalho com pessoas, em situações clínicas, em lugar de trabalhar em laboratórios com animais. Não foi também simplesmente acadêmicos, isto é, interessado apenas em especulações separadas de situações da vida real. Foi a partir de experiências clínicas que Rogers desenvolveu suas várias posições teóricas em diversas áreas de interesse em Psicologia e Educação. Considerando a realidade como fenômeno subjetivo, Rogers a define fenomenologicamente como sendo “uma única no mundo fenomenal de um indivíduo” ( pág. 150 ), pois é o próprio ser humano que constrói seu mundo interior a partir de sua autopercepção havendo em cada indivíduo uma consciência que lhe permite significar e optar. Essa consciência autônoma e interna é a liberdade, e o ponto central da Educação deve ser a preservação desta liberdade.

Analisando a obra *Terapia Centrada no Paciente* ( 1951 ) os autores destacam e comentam os 19 princípios formais a respeito do comportamento humano, e todos eles tratam de aprendizagem do ponto de vista fenomenológico. Inerente a estes princípios encontra-se a premissa rogeriana que enfatiza a “capacidade do homem para adaptar-se, isto é, propensão a crescer em uma direção que lhe engrandeça a existência” ( pág. 148 ). Este crescimento positivo poderá ser tolhido ou dirigido de maneira errada, se a noção única ou imagem de realidade do indivíduo não for congruente com a realidade. Portanto, o comportamento depende da realidade subjetiva do campo fenomenal e não das condições estimulantes de qualquer realidade ambiental externa.

É ainda bem examinada no livro, uma das questões primordiais da teoria rogeriana: “que dado um ambiente não ameaçador no qual um indivíduo possa experimentar os vários possíveis modos de ser à sua disposição, a congruência com a realidade aumentará e o crescimento recomeçará” ( pág. 150 ).

Rogers também considera fundamental que, em qualquer relação onde deva ocorrer aprendizagem, precisa haver comunicação entre as pessoas envolvidas. Comunicação por natureza, só é possível em clima caracterizado por compreensão empática.

Só numa atmosfera de confiança na capacidade do indivíduo para desenvolver suas potencialidades é que poderá ser facilitada a aprendizagem, oferecidas oportunidades e dada a liberdade. O estudante deve, portanto, ser foco central da sala de aula. "Rogers observa que após a criança ter passado diversos anos na escola, a motivação intrínseca pode estar sufocada. Mas está sempre lá, esperando ser extraída" ( pág. 183 ).

Para que a aprendizagem seja autêntica e significativa recomenda ele entre outras técnicas, o grupo de encontro básico ( grupo T ) em contraposição à instrução programada oferecida pelos comportamentalistas. Trata-se de um excelente meio pelo qual um estudante pode preencher vazios de informação de que precisa para enfrentar os problemas. E ainda sustenta que o efeito de grupos de encontro pode ser razoavelmente bem predito. "Professores serão realmente mais capazes de ouvir estudantes especialmente em seus sentimentos. Terão possibilidades de eliminar dificuldades interpessoais em lugar de se tornarem punitivos e disciplinadores. A atmosfera da sala de aula tornar-se-á mais igualitária, propícia à espontaneidade, ao pensamento criativo e ao trabalho autodirigido e independente. Estudantes descobrirão sua própria responsabilidade por sua aprendizagem" ( pág. 185 ).

Conclui-se que o principal objetivo do livro é apresentar os dois modelos divergentes de homem, as premissas filosóficas que caracterizam cada enfoque e as condições de aprendizagem educacional de cada posição.

A reflexão que ele provoca atinge o problema fundamental do comportamento humano; por isso o livro adquire caráter amplamente prospectivo, constituindo-se numa apresentação clara e sucinta das posições assumidas por estes dois grandes psicólogos educacionais, oferecendo excelente fonte de referência para todos os que se dedicam ao estudo do assunto.

**Profa. Sulami Pereira Guedes \***

\* Professora de Psicologia da Educação e de Comunicação Oral na PUC de Campinas; Mestranda em Filosofia da Educação, na PUCSP.

**BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA**

**BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE TEOLOGIA**

**REVISTA DE REVISTAS**

## BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

### PLANO

#### OBRAS GERAIS

Bibliografias. Dicionários. Periódicos.  
 Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios.  
 Tratados. Cursos. Manuais.  
 Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

#### ESTUDOS HISTÓRICOS

Histórias Gerais.  
 Histórias Especiais.  
 História da Filosofia Brasileira.

#### ESTUDOS DE AUTORES

Autores Antigos.  
 Autores Medievais.  
 Autores Modernos.  
 Autores Contemporâneos.  
 Autores Brasileiros.

#### EDIÇÕES DE TEXTOS

Textos Antigos.  
 Textos Medievais.  
 Textos Modernos.  
 Textos Contemporâneos.  
 Textos Brasileiros.

#### ESTUDOS SISTEMÁTICOS

Epistemologia.  
 Lógica.  
 Teoria da Filosofia.  
 Metodologia Científica.  
 Epistemologia das Ciências.  
 Ontologia.  
 Filosofia da Natureza.  
 Antropologia Filosófica.  
 Teodicéia.  
 Axiologia.  
 Estética.  
 Ética.  
 Filosofia da História.  
 Filosofia Social.  
 Filosofia Política.  
 Filosofia da Educação.  
 Filosofia da Ciência.  
 Filosofia da Arte.  
 Filosofia da Cultura.  
 Filosofia da Linguagem.  
 Filosofia da Religião.  
 Filosofia da Economia.  
 Filosofia do Direito.  
 Filosofia do Trabalho.  
 Filosofia do Lazer.

## BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

### OBRAS GERAIS

#### BIBLIOGRAFIA:

187. SESC, *Coleção Bibliográfica* — 1975, Rio, Sesc, (6): 1 — 260, 1975

Listagem das publicações incorporadas ao acervo da Seção de Documentação da Divisão de Documentação e Intercâmbio do Departamento Nacional do Sesc. A classificação sistemática tem as seguintes divisões: coleção de referências, coleção de livros, coleção de periódicos, artigos de periódicos indexados, coleção de documentos avulsos.

#### INTRODUÇÕES:

188. PARISI, Mário e COTRIM, Gilberto Vieira, **TDF: Trabalho dirigido de filosofia: 2º grau**, São Paulo, Saraiva, 1977, 208 p.

Texto didático de iniciação à filosofia para classes de 2º grau, elaborado de acordo com a técnica de trabalho dirigido. É rico em ilustrações, servindo-se os autores dos mais variados recursos da comunicação verbal e visual para exporem os grandes temas da filosofia, assim como seus principais momentos históricos.

### ESTUDOS HISTÓRICOS

#### HISTÓRIA DA FILOSOFIA BRASILEIRA:

189. HEGENBERG, Leônidas, *A filosofia da ciência no Brasil*, **Suplemento Cultural**, 1 (10): 8 — 10, 19/12/76.

Amplio levantamento dos trabalhos produzidos no campo da filosofia da ciência, indicando os principais centros de estudos, assim como

os nomes mais representativos desta especialidade. O autor, após rápida síntese da formação histórica do pensamento filosófico brasileiro sobre a ciência, se detém sobretudo na análise dos grupos e tendências formados após 1960.

190. PAIM, Antônio, Progressos recentes no estudo do pensamento brasileiro, **Suplemento Cultural**, 1 (19): 5, 20/2/77.

Abordagem rápida e abrangente do momento filosófico universitário no Brasil. Seguindo Miguel Reale e seu método para nortear o estudo da difusão da meditação filosófica nacional, ressalta a grande contribuição dada pelos filósofos brasileiros à filosofia mundial que, nos últimos 150 anos, se faz à margem de sistemas, privilegiando determinados problemas. Realça a participação do IBF nos 27 últimos anos neste movimento, dedicando-se agora a reeditar obras de pensadores brasileiros. Reflexo igual desta nova situação é o grande interesse das Universidades quanto ao estudo do pensamento filosófico brasileiro; 10 centros universitários mantêm cursos de pós-graduação, com grande número de teses sobre a filosofia brasileira e a criação de coleções especializadas que se dedicam igualmente ao pensamento nacional. L.T.T.

191. PAIM, Antônio, O ciclo de formação da corrente eclética ( 1833 – 1848 ), **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 468 – 475.

O autor estuda a formação da corrente eclética brasileira a partir de seus pensadores, influenciadores e discípulos. Faz a apresentação de alguns pensadores nacionais de importância vital para a filosofia brasileira que, desmerecidamente, se encontram esquecidos. C.E.T.S.

## ESTUDOS DE AUTORES

### AUTORES ANTIGOS:

192. MACIEL, Jarbas, Atualidade cosmológica platônica, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 436 – 459.

O autor ressalta a importância atual dos conceitos platônicos, expondo também que a ciência é fundamentalmente relacionada à ma-

temática e a seus conceitos e, principalmente, à Geometria, a qual serve de apoio para a cosmologia de Platão. O autor aborda também o tema do conhecimento, da continuidade das coisas e do espaço, do ponto de vista platônico. C.E.T.S.

#### **AUTORES MEDIEVAIS:**

193. PAULA SOUZA, Francisco de, A doutrina aristotélico-tomista da ciência, *Reflexão*, 1(4): 1 – 89.

Trata-se da síntese da tese de doutoramento em filosofia, apresentada pelo autor junto à Universidade de S. Tomás de Aquino, de Roma. Nela, expõe o autor os fundamentos epistemológicos da concepção aristotélico-tomista da ciência, entendida como conhecimento do universal, do necessário e das causas. Tal conhecimento aparece fundado no realismo da gnosiologia clássica, servindo-se, contudo, tanto da indução quanto da dedução. O autor apresenta, por fim, comparando-as entre si, as classificações das ciências segundo Aristóteles e S. Tomás de Aquino.

#### **AUTORES MODERNOS:**

194. CASANOVA, Mário Leônidas, A natureza inextensa do eu no “Cogito” de Descartes, *Suplemento Cultural*, 1 (24): 14 – 15, 27/3/77.

O autor, após elogiar a síntese do sistema filosófico de Descartes, escrita por Rudolf Lanz, no nº 14 do *Suplemento*, aponta os seus erros no tocante à interpretação do “Cogito, ergo sum”, interpretação que poderia levar os leitores menos familiarizados com o assunto a errarem também. Segundo Casanova, quando Lanz escreve sobre a dúvida metódica de Descartes, o faz sempre sem o necessário cuidado de reflexão interpretativa e o resultado aparece distorcido do real raciocínio metafísico cartesiano. M.C.R.P.

195. KNOLL, Víctor, O papel da consciência na filosofia moderna e a noção de intencionalidade, *Cadernos do Inst. de Fil. e Ciências Humanas, Campinas – SP, Unicamp-Brasiliense*, (7): 1 – 24.

O texto é resultado de dois seminários de Pós-Graduação, promovidos pelo autor em 1973; nele visa tratar, de modo sumário, do

papel da consciência na filosofia moderna e marcar a possibilidade com que a fenomenologia se apresenta para a Filosofia ao ter firmado, através dos textos husserlianos, a noção de intencionalidade. A consciência é apresentada enquanto categoria privilegiada da filosofia de Descartes, de Kant e de Hegel. Em Descartes encontrara seu primeiro ato, em Kant, um entreato e em Hegel, seu último ato. Em Husserl, ocorrerá o rompimento com esta tradição clássica, por ter ele formulado a consciência como intencionalidade.

196. LANZ, Rudolf, Goethe e o Goetheanismo, **Suplemento Cultural**, 1 (15): 15.

O autor procura dar as características da obra filosófica de Goethe. Relembrando-o como grande poeta lírico e dramático, detém-se no estudo de sua obra filosófica. Expõe a sua cosmovisão totalmente diversa da maneira de pensar dos séculos XIX e XX, eivados de materialismo científico e de pragmatismo utilitarista. Goethe se opõe a Leibniz, para quem a ciência é ciência na medida em que contém matemática. E a Descartes que extrapola áreas fenomenológicas. Com uma abordagem da natureza muito diferente da de Newton, lança-lhe severa crítica. O autor expõe ainda a novidade do que podemos chamar de Goetheanismo. Para Goethe, ser realista e objetivo é adaptar as formas primordiais pela contemplação ativa ou pela identificação com as idéias mestras que se expressam num fenômeno da natureza. Nos estudos científicos deve-se respeitar as áreas ou âmbitos de determinados fenômenos, reduzindo os fenômenos secundários captados pelos órgãos sensoriais do homem a fenômenos primordiais que são os fatos mais simples a que se pode reduzi-los e, por isso, evidentes em si. N.R.C.

197. LANZ, Rudolf, Precursores e continuadores de Descartes, **Suplemento Cultural** 1 (14): 8 – 9, 16/1/77.

O articulista mostra o pensamento cartesiano sendo preparado pelo pensamento dos grandes cientistas que o precederam e completado, em alguns aspectos, por pensadores que o sucederam, até que se formasse a cosmovisão do cientificismo materialista de nossa época. Tal contribuição possível de se encontrar nos trabalhos de Kepler, de Galileu e de Newton. Contudo, nem todos os pensadores da época acompanharam as deduções

cartesianas. Apesar de também cientistas, Pascal, Espinosa e Leibnitz adotam uma posição de recuo, tentando conciliar ainda o mecanicismo com a teleologia.

198. LEBRUN, Gerard, Hume e as astúcias de Kant, **Suplemento Cultural**, 1 (9): 7 -- 8.

O autor mostra a partir da análise da noção humeana da causalidade, como Kant defende a ciência enquanto prática racional, apenas para ressaltar os direitos da razão em geral e, notadamente, o direito de pensar, senão de conhecer, o supra-sensível. Por isso, Kant não é coerente com a crítica que faz a Hume para o qual a ciência se sustenta por conta própria sem ter de se fundar em qualquer saber universal.

199. MARTINS, Azael Duarte, Jhering: a Luta pelo Direito, **Reflexão**, 1 (4): 107 – 114, dez. 1976.

Seguindo o livro de R. von Jhering, **A luta pelo direito**, o autor expõe a gênese e a formação do pensamento filosófico desse jurista, assim como algumas posições específicas por ele assumidas no campo da filosofia do direito, dando-se especial ênfase às necessidades que se impõem a todo homem, da defesa de seus próprios direitos sem o que perde sua dignidade.

200. MATTOS, Carlos Lopes de, Espinosa: ambiente, vida e obras, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 427 – 435, abr. 1977.

O autor faz um breve histórico acerca da época do nascimento de Espinosa, com observações sobre as tendências religiosas e políticas daquele período e referências geográficas. Estuda a vida deste pensador desde seu nascimento até sua maturidade, citando suas obras, publicadas ou não, e fazendo sua preciosa biografia. C.E.T.S.

#### **AUTORES CONTEMPORÂNEOS:**

201. FERREIRA, Olevieiros S., Variações sobre um tema de Gramsci, **Suplemento Cultural**, 1 (21): 13 – 14, março, 1977.

Da revisão da obra de Gramsci, fundador do PCI, poderão surgir as bases políticas para um eurocomunismo destituído da estreiteza leninista quanto à organização partidária e às relações do Partido com as manifestações da vida social. O autor analisa, então, o conceito de hegemonia, definido pelo binômio: força mais consenso. No Estado, organização formal, detentor de legalidade própria e autonomia, o momento por excelência da força situa-se no núcleo do poder onde se dão as decisões unitárias, coletivas, apoiadas no meio social interno. Daí exercer-se a força em nome de um Partido para impor normas de conduta. Mas é no consenso, que só se dá em torno de valores, que reside a dificuldade em definir hegemonia como conceito operatório. J.D.

202. HEGENBERG, Leônidas, Feyerabend e o valor da teoria científica, **Suplemento Cultural 1 (20)** : 16, 27/2/77.

O autor nos apresenta Feyerabend, discípulo, continuador e crítico de Popper, que em seu primeiro livro **Against Method** expõe sua posição em face da metodologia da ciência. Partindo das idéias de Popper, Feyerabend acha que nelas há um núcleo empírico que dá idéia de empirismo radical, mas prefere e justifica o pluralismo teórico porque é possível uma filosofia da ciência em que as observações se prestam para submeter a teste várias teorias. M.E.C.

203. GABBI JR., Osmir Faria, Equívocos de uma interpretação, **Suplemento Cultural, 1 (21)**: 12 – 13, março, 1977.

O artigo analisa a interpretação e o questionamento do conceito de agressividade contido nos textos de Freud, efetuados por Erich Fromm a partir de metodologia psicanalítica e fundamentada em fatos sociais. E o autor conclui que a preferência metodológica por um segundo texto, o latente, a ser descoberto em contraposição ao manifesto, que se apresenta, permitiu a Fromm transformar a obra de Freud em ensaio grosseiro de seu próprio projeto. J.D.

#### **AUTORES BRASILEIROS:**

204. SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Palhares, Anísio Teixeira: uma motivação regionalista, **Suplemento Cultural, 1 (7)**: 8 – 9, 28/11/77.

O artigo coloca como preocupação fundamental do pensamento educacional de Anísio Teixeira, a preocupação regionalista, verdadeiro denominador comum de todas as posições que ele defendeu. Esta preocupação pela regionalização do ensino foi, igualmente, fator determinante da evolução de seu pensamento, aparecendo em todas as suas fases.

205. MACEDO, Ubiratan de, Soriano de Souza: primeiro pensador católico no Brasil, **Suplemento Cultural**, 1 (22): 8, 13/3/77.

O artigo apresenta-nos José Soriano de Souza, médico e depois professor de Filosofia e Direito, no Recife, como primeira expressão do pensamento político-católico brasileiro, em meados do séc. XIX. Doutorou-se em Medicina em 1860 e em Filosofia, em Lovaina, em 1866; além de deputado, de docente jurídico, e jornalista, salientou-se no debate sobre a liberdade religiosa na questão epíscopo-maçônica que envolvera D. Vital. O núcleo de sua atitude teórica encontra-se no binômio: naturalismo e sobrenaturalismo, em cuja explicitação afirma que na ordem política, o naturalismo não admite a influência do sobrenatural nas instituições sociais. O poder deve nascer do povo e não de Deus; o Estado deve separar-se da Igreja; o Rei deve existir por graça do povo e não por graça de Deus: contra tais teses naturalistas, colocou-se Soriano, revelando-se um exemplo da tradição conservadora. Lutou contra a insubordinação da razão à fé e da filosofia à revelação. Refletiu sobre os costumes morais da época e tentou construir um sistema antitético e simétrico ao liberalismo. J.J.

#### TEXTOS MODERNOS:

206. ENGELS, Friedrich, **A dialética da natureza**, Rio, Paz e Terra, 2ª ed. 1976. Prólogo de J. B. S. Haldane ( Col. Pensamento Crítico, vol. 8 ), 240 págs.

Engels desenvolve neste trabalho suas concepções relativas à interpretação racional do universo e de seus fenômenos. Após definir o seu instrumental, a dialética como ciência, Engels estuda as formas fundamentais do movimento, sua medida pelo trabalho, o calor, a eletricidade e a origem do homem. Escrito entre 1870 e 1876, só foi publicado em 1935.

207. MARX, Karl, **O Capital: Crítica da Economia Política**, Rio, Civilização Brasileira, 1974 – 1976, 3 livros, 6 vols. Trad. Reginaldo Sant’Anna, 934 – 580 – 1080 p.

Trata-se da clássica obra de Marx, integralmente publicada em português. Dividida em 3 livros e em 6 volumes, o livro 1 já se encontra em sua 3ª edição. O livro 1 trata do processo de produção do capital; o livro 2, do processo de circulação do capital e o livro 3, do processo global de produção capitalista.

208. MARX, Karl, **Formações econômicas pré-capitalistas**, Rio, Paz e Terra; trad. de João Maia; revisão de Alexandre Adder; introdução de E. J. Hobsbawn ( Col. Pensamento Crítico, vol. 3 ), 140 p.

O presente trabalho constitui-se de notas concisas e complexas escritas por Marx com o intuito de preparar obra de maior envergadura e que apresentam uma visão ampla de sua concepção do desenvolvimento da sociedade. Esta teoria é introduzida por trabalho de hermenêutica de Hobsbawn que apresenta a formação e o sentido das posições assumidas por Marx nestas notas.

209. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Cartas filosóficas e outros escritos**, São Paulo, Grijalbo, 1977, 132 p.

Neste texto são reunidos excertos de algumas das principais cartas, de conteúdo filosófico significativo, escritas por Marx a Engels e por eles a outros correligionários da época; numa 2ª parte, é apresentado o texto do **Manifesto** de 1848, com prefácios das edições nas várias línguas em que o publicaram; o livro termina com um índice de nomes dos personagens citados na correspondência e no **Manifesto**.

210. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Textos – 2**, São Paulo, Edições Sociais, 1976, 224 p.

Coletânea de textos dos dois filósofos: de Marx, a presente obra traz os seguintes excertos: Prefácio à 1ª edição alemã do 1º tomo de **O Capital**; Posfácio à 2ª edição alemã do 1º tomo de **O Capital**; Tendência

histórica de acumulação capitalista; de Engels constam os seguintes trabalhos: Prefácio ao tomo 2 de **O Capital** de Marx; Contribuição ao problema da habitação; Sobre a autoridade; Prefácio de **A Guerra camponesa na Alemanha**; Acerca das relações sociais na Rússia; Introdução à dialética da natureza; Marx e a Nova Gazeta Renana: 1848 – 1849; Contribuição à história da Liga dos Comunistas; Karl Marx: Discurso diante da sepultura de Marx.

211. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Textos – 3**, São Paulo, Edições Sociais, 1977, 384 p.

Coleção de vários textos, artigos, prefácios e cartas dos dois pensadores, salientando-se o texto do **Manifesto do Partido Comunista**, A Burguesia e a Contra-Revolução; Trabalho Assalariado e capital; As lutas de classes na França de 1848 a 1850; O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte; O domínio britânico na Índia; Futuros resultados do domínio britânico na Índia; Discurso pronunciado na festa de aniversário do People's Paper, Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política, Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores; Sobre Proudhon, Carta a J. B. Schweitzer; Salário, preço e lucro.

#### **TEXTOS CONTEMPORÂNEOS:**

212. GRAMSCI, Antônio, **Maquiavel, a política e o Estado moderno**, Rio, Civilização Brasileira, 1976, 2ª ed.; trad. Luiz Mario Gazzaneo, ( Col. Perspectivas do Homem, vol. 35, série Política ), 446 p.

Conjunto de escritos e notas do autor abordando temas políticos da era contemporânea. Analisa a questão da organização corporativista do estado, a função do partido político na sociedade de classes, o papel do dirigente político revolucionário, a ação política dos católicos e escreve sobre o americanismo e o fordismo. Abordagem crítica e polêmica, escrita durante o período em que esteve preso, enfoca, de modo especial, o presente e o futuro da sociedade política ocidental em função do desenvolvimento científico e tecnológico.

## ESTUDOS SISTEMÁTICOS

### EPISTEMOLOGIA:

213. JAPIASSU, Hílton Ferreira, **Introdução ao pensamento epistemológico**, Rio, Francisco Alves, 2ª ed. revista e ampliada, 1977, 204 p.

Trata-se da 2ª edição da obra de mesmo título, publicada pelo autor em 1975. Assinalada por esta Bibliografia ( cf. nº 13 ) e resenhada por esta revista ( cf. 1 (3): 187 – 189 ). Nesta edição, o autor insere, ao lado de seus estudos sobre a epistemologia de Piaget, de Bachelard, de Foucault e de Habermas, um estudo sobre a epistemologia racionalista-crítica de Popper.

214. FETIZON, Beatriz Moura, **Fato e Fato**, **Suplemento Cultural**, 1 (24): 14, 27/3/77.

O texto explicita a diferença entre “fato” tomado como o conjunto de dados sensíveis que formam a nossa percepção imediata do mundo e “fato” encarado do ponto de vista do conhecimento comum ou científico. A autora aborda ainda que, qualquer que seja o sentido que se queira dar ao “fato”, não se deve ater ao nível do dado e do imediato, porque se estará distanciando do conhecimento que permite interpretar, operar, entender, manipular e superar o fato. Isto levará a uma visão restrita do mundo e de nós mesmos, o que representa um perigo para a educação que pede abertura para a imaginação operar com todas as suas possibilidades, criando, inventando e abstraindo a respeito dos fatos.

### METODOLOGIA CIENTÍFICA:

215. TRIPODI, Tony e outros, **Análise da pesquisa social: diretrizes para o uso de pesquisa em serviço social e ciências sociais**, Rio, Francisco Alves, 1975; trad. Geni Hirata, 341 p.

O livro estuda a pesquisa empírica relevante para o serviço social e para as ciências sociais, visando não tanto à condução da pesquisa mas o seu consumo, pela intensificação das habilidades para este consumo.

Objetiva, portanto, tornar mais útil e mais agradável a leitura dos relatórios de pesquisa. Assim, numa 1ª parte, são apresentadas as diretrizes para a classificação, avaliação e utilização da pesquisa social e, na 2ª parte, são feitas aplicações práticas concernentes à análise da pesquisa social, no caso de estudos experimentais, de estudos quantitativo-descritivos e de estudos exploratórios.

216. PROSPERI, Edna B. e RIBEIRO, Cleone A. L. A., Métodos e Técnicas de pesquisa em ciências humanas: levantamento bibliográfico por tópicos, **Humana**, 1: 37 – 75, 1975.

Considerando que a bibliografia referente ao tema é reduzida e não atualizada, as autoras organizaram um levantamento bibliográfico por tópicos referentes a métodos e técnicas de pesquisa em ciências humanas, visando a facilitar o trabalho de professores e autodatas mais desenvolvidos no assunto. O levantamento, embora não pretenda ser exaustivo, procura ser abrangente face às limitações que existem na área. O nível e grau de clareza do material apresentado são heterogêneos, cabendo aos interessados, selecionarem-no segundo suas necessidades imediatas. C.V.R.S.

#### ONTOLOGIA:

217. MATTOS, Carlos Lopes de, Monismo ou Pluralismo ?, **Reflexão**, 1 (4): 89 – 92, out./dez. 1976.

Retomando discussão estabelecida entre frei Pedro Secondi e côn. Ludovico Rossano sobre os termos “composição” e “dualismo”, o autor discorre sobre os conceitos de monismo e pluralismo, de transcendência e imanência, no que diz respeito às relações ontológicas existentes entre Deus e as criaturas.

218. PIRES, Francisco Videira, Atualidade da metafísica, **Rev. Univ. Cat. Petrópolis**, (3): 35 – 52, jul. 1976.

O autor parte de uma questão básica: pode haver filosofia sem metafísica? Sua resposta é não. Lançando mão de controvérsias sobre o tema, desde Platão até Kant, termina por determinar que tais controvérsias

se originam de uma falta de precisão de termos e conceitos, e que o problema da metafísica continua como dos mais importantes da filosofia atual e de relações entre linguagem e filosofia. Conclui prevendo a metafísica como a solução para a crise cultural de nossos dias, para o desprestígio e ausência atual da filosofia e para a crise progressiva que se evidencia nas demais ciências. L.H.

### TEODICÉIA:

219. CAMPOS, Fernando Arruda, O tomismo atual no diálogo com o marxismo a respeito do problema de Deus, *Rev. Bras. Fil.*, 26 (104): 411 – 426 págs., abr., 1977.

O autor coloca a importância do diálogo entre as filosofias antagônicas, o humanismo cristão ( tomismo ) e o humanismo marxista. Cita as contribuições de Verneaux, Feuerbach, Marx, Abbagnano, Calvez, Lubac, Vancourt, Grison e de Finance, que focalizam a problemática da existência de Deus, do conhecimento de sua essência, do realismo metafísico e da alienação do homem, sugerindo também se faça uma opção entre as duas filosofias. C.E.T.S.

### ANTROPOLOGIA:

220. FETIZON, Beatriz de Moura, O homem: da ciência ao carnaval, *Suplemento Cultural*, 1 (28): 7 – 8, 24/4/77.

A autora mostra como as diversas dimensões da existência humana se agrupam em duas direções fundamentais e conflitantes entre si: a natural e a cultural. O agir do homem é marcado por vetores opostos e, numa ou noutra medida, sempre presentes na configuração individual. A existência humana se desdobra, então, numa situação trágica a qual o indivíduo tenta superar, seja apelando para os artifícios da reflexão racional do homem pensante, seja recorrendo às manifestações dionisíacas de identificação com o indiferenciado e com a totalidade.

221. FETIZON, Beatriz de Moura, Imperativo categórico, *Suplemento Cultural*, 1 (14): 9 – 10, 16/1/77.

Refletindo sobre a evolução da cultura ocidental, a autora mostra que um mesmo problema gerou e uma mesma preocupação orientou os desdobramentos das revoluções sofístico-socrática e copernicana: trata-se da questão do homem enquanto homem. Diferentemente, na Revolução do séc. XX, que ora vivemos, na crise atual pela qual a cultura está passando, a questão não é mais posta em relação ao homem enquanto tal, mas ao homem enquanto eu individual, numa existencialização da problemática filosófica, numa espécie de tentativa de construir universos práticos ou morais, nos estritos limites da razão teórica. Assim, a filosofia estará voltando a apelar ao imperativo categórico, tal como Kant já o fizera tão profeticamente.

222. VON ZUBEN, Newton Aquiles, Projeto e utopismo dialógico: uma questão antropológica, **Reflexão**, 1 (4): 93 – 105, out./dez. 1976; **Presença Filosófica**, 3 (1): 8 – 20, abr./jun. 1977.

O artigo retoma, com algumas modificações, a comunicação apresentada pelo autor, na 3ª Semana Internacional de Filosofia, realizada em Salvador, julho/1976. Nele, o autor aborda a questão da significação da Antropologia Filosófica que, ao ser reflexão sobre o sentido da existência humana, é também reconhecimento da exigência da realização do destino desta existência, o que implica a articulação da antropologia enquanto logos, com a ética enquanto práxis, transformando-se, portanto, numa antropopráxis.

#### AXIOLOGIA:

223. ZILLES, Urbano, Valores no mundo de hoje, **Veritas**, 21 (84): 313 – 325, nov., 1976.

Partindo da existência de valores relacionados com o ser do homem na história, o autor analisa sua atualidade nas condições atuais da civilização humana, decorrentes das profundas mudanças causadas pela ciência e pela técnica. Mas, por maiores que sejam estas alterações, elas não poderão eliminar a significadora presença do valor inserido que está num valor básico e é o próprio mistério da pessoa humana.

**ESTÉTICA:**

224. GALEFFI, Romano, O objeto estético como problema filosófico, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 460 – 467, abr., 1977.

O autor propôs-se a discutir se o objeto é objeto do estudo filosófico e tenta solucionar este problema. Apresenta as posições de Espinosa e de Kant e discorre sobre a concepção empirista, sobre o idealismo absoluto, propondo uma síntese entre as posições antitéticas baseadas no criticismo kantiano. Faz alusões ao belo, ao feio e à necessidade de distância estética para que um objeto alcance a qualidade estética. C.E.T.S.

**FILOSOFIA POLÍTICA:**

225. LINS, Osman, O Escritor e a Política, **Suplemento Cultural**, 1 (25): 7, 3/4/77.

O eventual comprometimento da literatura com a política foi o tema questionado na Feira do Livro de Frankfurt. Enfatizou-se essa interação na própria obra e, ainda, mediante uma atividade paralela, individual. Nessa última, os escritores deixaram-se seduzir, naquele conclave, por um diálogo muito aquém de sua literatura, inspirados possivelmente, numa suposição injustificada, da falta de acesso do público às suas idéias. A definição política da obra, dessarte, como se evidenciou, freqüentemente se revela inscrita no seu conteúdo literário, por ser indelével da realidade histórica nela focalizada. M.C.N.L.

226. SOUZA, Maria do Carmo Campello de, **Estado e Partidos políticos no Brasil ( 1930 a 1964 )**, São Paulo, Alfa-Omega, 1976; prefácio de Victor Nunes Leal ( Bibl. Alfa-Omega de Ciências Sociais, série 1ª, vol. 3 — Política ), 180 p.

A autora aborda a formação do sistema partidário brasileiro a partir de 1930, período em que teve início a construção deste quadro partidário que vai desaparecer em 1964. Definida a orientação teórica e as decorrentes categorias de análise, a autora analisa as origens, a formação, a evolução e a crise do sistema partidário do Brasil.

## FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:

227. BAUAB, Maria Aparecida Rocha, *A História da Educação e o Futuro, Humana*, 1: 91 – 98, 1975.

A autora parte da abordagem de predileção dos historiadores pela análise e estudo dos períodos críticos da História, acreditando que esta preferência se deve ao fato de, nos períodos de crise, o homem precisar refletir se quiser encontrar novas soluções para os problemas. Coloca a importância da utilização, pelo homem, de seu conhecimento histórico, nesses momentos em que a variedade de experiência e as soluções costumeiras se tornam inadequadas para as situações problemáticas. Ressalta que em todas as áreas de conhecimento, mesmo nas de ciências exatas, é essa visão histórica que possibilita ao homem verificar o relacionamento entre presente e passado e a análise dos pontos deste passado que devem ser preservados e de quais devem ser inovados. O desenvolvimento desta perspectiva do homem envolve educação e, por isso, esta visão histórica assume papel importante para o educador. É a História da Educação que, possibilitando-lhe uma visão crítica do passado e do presente, possibilitar-lhe-á novos rumos para seu trabalho futuro. E.V.R.S.

228. CARTOLANO, Maria Tereza Penteado, *A filosofia na formação do professor de 2º grau, Reflexão*, 1 (4): 115 – 132, out./dez. 1976.

O artigo levanta os problemas, as carências dos fundamentos antropológicos concernentes à filosofia da educação enquanto disciplina básica da formação do professor destinado ao magistério do 2º grau, no contexto da realidade brasileira. Após delimitar o problema, a autora apresenta seu modelo de filosofia, o referencial teórico de uma antropologia filosófica que encontra no pensamento de Paulo Freire e discute a decorrente concepção de educação, concluindo com a afirmação de sua exigência para a formação dos professores do 2º grau.

229. GUIMARÃES, Neljanir da Silva, *O projeto Rondon, Veritas*, 21 (84): 326 – 341, nov. 1976.

Após situar a missão da Universidade no contexto do desenvolvimento, o autor apresenta as exigências e as formas de participação da

juventude neste processo de desenvolvimento através do Projeto Rondon, cuja estrutura, programas, extensão, objetivos e metas, ele expõe na seqüência do artigo.

230. JANICOT, Aimé, Técnica e pedagogia dos recursos audiovisuais, **Rev. Bras. Est. Ped.**, 61 (138): 197 – 210, abr./jun. 1976.

O autor critica o uso incontrolado dos meios audiovisuais que permitem à Indústria, aos bancos e à administração política atingirem os conteúdos da educação que, por conseguinte, correm o risco de subservirem aos interesses de ideologias, cujo escopo é a movimentação de grandes capitais, a rentabilidade, sendo o educador-educando os primeiros visados pela máquina econômica. Após a era dos pedagogos impermeáveis à economia, estamos assistindo ao nascer da era dos administradores indiferentes ao humanismo. Somente na dosagem proporcional do uso dos meios audiovisuais é que o professor logrará instruir, ensinar e educar, isto é, suscitar potencialidades e despertar o senso crítico das realidades que descobre, vive e manipula. D.P.

231. LODI, Nilse Aparecida, A História da Educação como disciplina escolar, **Humana**, 1: 115 – 125, 1975.

A autora parte da colocação das origens do curso de Pedagogia em nossas Faculdades de Educação, Ciências e Letras. Considerando, então, a inclusão da disciplina no currículo do curso de Pedagogia e o fato de que as razões desta inclusão não têm sido profundamente estudadas e que, conseqüentemente, os próprios alunos as problematizam, pretende ela fornecer alguns elementos para a reflexão sobre o assunto. Ressalta o caráter de complementação da formação do educador que a História da Educação tem, visando fornecer-lhe uma profunda consciência histórica do fenômeno pedagógico e uma visão global de educação. Por outro lado, justifica a introdução da disciplina História da Educação Brasileira no currículo do curso de Pedagogia, pela necessidade urgente de se efetuar mudanças no sistema educacional brasileiro de acordo com a nossa realidade passada e presente. Finaliza questionando as contribuições que a disciplina História da Educação pode dar ao educador de nossos dias. E.V.R.S.

232. MAIA, Nelly Aleotti, Ensino programado e tecnologia da educação, **Rev. Bras. Est. Ped.**, 61 (138): 211 – 217, abr./jun. 1976.

A autora acena para a importância das mudanças tecnológicas em comunicação como as mais penetrantes na transformação da sociedade humana. Em educação, a fim de atender às necessidades das demandas sociais, faz-se mister o uso de uma tecnologia educacional com a consequente programação do ensino. Esta favorece o atendimento de maior número de alunos, informa com maior rapidez e parece ser uma nova forma de evitar a defasagem. Quanto às críticas que o método sofre no referente à qualidade, a autora responde que qualquer método de ensino, inclusive o tradicional, repousando na passividade do aprendiz, prejudica a reflexão e o diálogo. O ensino programado visa a uma educação mais eficaz, mas igualmente fundada em valores, pois qualquer tecnologia deve ser examinada à luz de valores ou fins educacionais. D. P.

233. OLIVEIRA, João Batista de, Tecnologia educacional: conceitos e pre-conceitos, **Rev. Bras. Est. Ped.** 61 (138): 183 – 196, abr./jun. 1976.

O artigo começa pelo conceito vulgar de TE para, em seguida, focalizar uma série de definições ou explicitações, deixando transparecer claramente a complexidade do problema. Pelo menos três áreas do conhecimento humano tornaram possível o advento da tecnologia educacional: as ciências da informação e da comunicação, a psicologia da aprendizagem e da instrução e as novas contribuições do Planejamento e da administração. Retomando o sentido original de “techné”, o autor tenta definir a TE como uma estratégia de inovação, isto é, toda e qualquer aplicação ou utilização sistemática de conhecimentos científicos ou de outra natureza, a situações ou problemas educacionais; finaliza tecendo considerações fundamentais sobre os meios e objetivos da tecnologia educacional. D.P.

234. SALIMON, Ibraim Lafayete, Um estudo do aspecto político do planejamento educacional do Brasil, **Humana**, 1: 172 – 203, 1975.

Tentando verificar a vinculação existente entre política e planejamento educacional em geral, e no Brasil em particular, o autor inicia o desenvolvimento de suas idéias fazendo um levantamento de referências

temáticas. Em seguida, estabelece relações entre essas referências com leituras a respeito do assunto, constatando que a decisão de planejar é política no sentido de que o planejamento permite a adequação entre as necessidades pessoais e nacionais e os recursos disponíveis. Analisando então o Brasil como um país politicamente organizado, discute o planejamento brasileiro como ato político. Expõe algumas características do planejamento governamental brasileiro como expostas pelo Modelo Friedman e Riggs. Analisa, ainda, como modelo político a evolução do Plano Nacional de Educação, de 1932 a 1966. Para efeitos didáticos, o autor elabora esquemas de visualização, a eles se referindo no desenvolvimento de suas idéias, sempre que necessário. Conclui o artigo levantando questões relativas à nossa realidade, no sentido de propiciar novos rumos e continuidade para o estudo do assunto. E.V.R.S.

235. SAVIANI, Dermeval, Valores e objetivos na educação, **Didata**, (6): 44 – 49.

Mostrando a vinculação da práxis educacional com os valores e a dependência dos valores de uma concepção de homem, o autor apresenta inicialmente uma visão do ser do homem como simultaneamente ser situado num corpo, num espaço-tempo, numa sociedade e como ser transcendente, capaz de liberdade criadora e de valoração. Em seguida, o autor mostra como a educação, visando a determinados objetivos, estará, em verdade, realizando os valores fundados no homem.

#### FILOSOFIA DA CIÊNCIA:

236. MORAIS, João Francisco Regis de, **Ciência e Tecnologia: introdução metodológica e crítica**, São Paulo – Campinas, Cortez e Moraes – Inst. Fil. e Teologia PUC, 1977, 184 págs.

Dividido em três partes, o livro pretende inicialmente caracterizar teórica e metodologicamente a ciência, mostrando os seus caminhos e a linguagem que a comunica; em seguida, o texto aborda a questão da realidade tecnológica derivada da ciência, enfocando, de modo especial, a problemática suscitada pela cibernética; finalmente, o autor trata dos problemas da significação da própria ciência no contexto da existência humana, explicitando seus fundamentos antropológicos.

237. SCANTIMBURGO, João de, A cibernética e o primado do ser, *Rev. Bras. Fil.*, 23 (89): 26 – 37, jan./mar. 1973.

O autor discute a hegemonia da cibernética, 3ª revolução industrial, que toma o lugar da causa primeira na ordem temporal e, sobretudo, ameaça a confiança na Causa Primeira à qual tudo se relaciona. O endeusamento da cibernética traz uma inversão na hierarquia dos cosmos, colocando-se como causa primeira em detrimento da própria liberdade do ser causa segunda, que passa a viver na sua dependência. Mas o homem não pode aceitar o determinismo da ciência nem a inversão das causas, pois isto significaria pretender o primado do ser causa primeira. A máquina, por mais perfeita que seja e por mais amplas que sejam as suas funções, não deve sobrepor-se ao ser de cuja inteligência e vontade depende o seu uso e abuso.

#### FILOSOFIA DA ARTE:

238. BRILL, Alice, Arte e Filosofia na sociedade tecnológica, **Suplemento Cultural**, 1 (21): 3 – 5, 06/3/77.

O estudo pretende analisar o estatuto da filosofia e da arte, bem como das funções e situação do filósofo e do artista na nossa sociedade, tendo em vista a revolução operada na arte ocidental, transformando-a num veículo de indagação filosófica. A autora propugna por maior aproximação entre filosofia, arte e sociedade como reação à fragmentação progressiva do saber e, contrapondo linguagem figurativa à discursiva, caracteriza o artista-filósofo como aquele que problematiza a própria arte e sua época. J.D.

239. BRILL, Alice, Linguagem e arte: sua função na sociedade, **Suplemento Cultural**, 1 (26): 4 – 6, 10/4/77.

Considerando a capacidade de codificação como determinante da racionalidade do homem, a autora analisa a posição do indivíduo na sociedade, cujo código principal de comunicação é a linguagem. Citando outros símbolos sociais como música, dança e artes, fala a autora da tendência mitificadora do homem, em todos os níveis da sociedade; primitiva ou atual, distinguindo mitos espontâneos daqueles conscientemente im-

plantados. Sua proposição consiste na maior conscientização do indivíduo para que se comunique liberto dos pressupostos da sociedade através de uma consciência crítica. M.I.R.V.

#### FILOSOFIA DA LINGUAGEM:

240. PRETT, Dino, Em torno do problema da correção lingüística, **Suplemento Cultural**, 1 (13): 13 – 14, 9/1/77.

Procurando identificar uma linguagem padrão como correta, o autor faz uma pesquisa sociolingüística entre universitários de Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre. Após exposição do projeto, no qual se visaria através da expressão usual, repensar as normas gramaticais, o autor conclui que uma correção da linguagem não seria suficiente mas necessária.

#### FILOSOFIA DA LINGUAGEM:

240. ROCCO, Maria Tereza Fraga, Lingüística: ciência e deslumbramento, **Suplemento Cultural**, 1 (16): 11, 30/1/77.

A autora aborda o estudo da lingüística no Brasil, levando o leitor a uma reflexão do problema. A despeito de diversos trabalhos já existentes entre nós, observa que o panorama da lingüística brasileira não é dos melhores. A lingüística no Brasil ainda busca modelos estrangeiros por estar carente de estudos próprios, derivando daí aplicação sem a devida dosagem adaptativa ao português nacional. Critica a pretensão de alguns lingüistas em colocar nos níveis pré-universitários, a lingüística como disciplina sistemática: pois é difícil encontrar alunos e professores, dada a deficiência básica de uma língua organizada. L.M.P.

#### FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO:

241. MACEDO, Ubiratan de, Origem do problema da comunicação em filosofia, **Suplemento Cultural**, 1 (25): 9, 3/4/77.

A tardia abordagem da comunicação pela filosofia, explicada por alguns filósofos pelo advento da técnica, é justificada pelo autor sob vários ângulos: a protelada consciência do próximo, despertada apenas pelo

cristianismo ao conclamar o homem à interioridade e ao amor ao seu semelhante; desde esse primeiro impulso, fatores diversos vêm ainda contribuindo para a contenção do desenvolvimento desse tema pela filosofia. Assim, a urbanização do mundo, o capitalismo e a explosão demográfica. Importante também o diálogo entre nominalistas e idealistas que sempre dificultou o desenvolvimento da comunicação. M.C.N.L.

#### **FILOSOFIA DA CULTURA:**

242. SCHADEN, Egon, O índio e sua imagem do mundo, **Suplemento Cultural**, 1 (26): 10 – 12, 10/4/77.

Citando a questão da insuficiência de estudos quanto aos sistemas simbólicos das tribos indígenas brasileiras e sul-americanas, por carência de uma metodologia que forneça instrumentos adequados ao antropólogo, o presente artigo pretende lembrar alguns aspectos próprios – exemplificando-os – das culturas indígenas. A finalidade é compreender a imagem do mundo como forma de conceber e de viver a realidade, numa estrutura sociocultural específica a cada grupo tribal. M.I.R.V.

Antônio Joaquim Severino

Nota: Colaboraram na elaboração desta Bibliografia, os seguintes alunos do Programa de Mestrado em Filosofia, desta Universidade: Carlos Eduardo Thomás da Silva ( C.E.T.S. ), Maria Conceição R. Pignatari ( M.C.R.P. ), Delírio Poltronieri ( D.P. ); Eliana Vieira Ribeiro Stort ( E.V.R.S. ), Jarbas Dantas ( J.D. ), José Júlio ( J.J. ); Luciana Hoffling ( L.H. ), Luís Marcos Pregnoatto ( L.M.P. ), Leonízia Toledo Tobar ( L.T.T. ), Maria Cristina Negrão de Lima ( M.C.N.L. ), Maria Eloísa Costa ( M.E.C. ), Maria Inês Vandrúsculo ( M.I.V. ), Nilo Romano Corsi ( N.R.C. ). Os resumos por eles elaborados são identificáveis pelas iniciais aqui assinaladas.

## BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE TEOLOGIA

### PLANO

#### OBRAS GERAIS:

Bibliografias. Dicionários. Periódicos  
 Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios  
 Tratados. Cursos. Manuais.  
 Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

#### ESTUDOS HISTÓRICOS:

História das Religiões  
 História da Teologia  
 História Judaica  
 História da Igreja  
 História da Igreja no Brasil

#### ESTUDOS DE AUTORES:

Autores cristãos  
 Autores não-cristãos

#### EDIÇÕES DE TEXTOS:

Textos Judaicos  
 Textos Bíblicos. Edições Bíblicas  
 Textos Patrísticos  
 Textos Medievais  
 Textos Modernos  
 Textos Contemporâneos  
 Textos Brasileiros

#### DOCUMENTOS ECLESIASTICOS

Documentos Conciliares  
 Documentos Pontifícios  
 Documentos da Santa Sé  
 Documentos Episcopais  
 Documentos Regionais  
 Alocações. Comunicações. Mensagens

#### ESTUDOS BÍBLICOS:

Antropologia Bíblica  
 Arqueologia Bíblica  
 Filologia Bíblica

Geografia Bíblica  
 Hermenêutica Bíblica  
 História Bíblica  
 Teologia Bíblica

#### ESTUDOS SISTEMÁTICOS:

Antropologia Teológica  
 Catequese  
 Cristologia  
 Direito Canônico  
 Doutrina Social da Igreja  
 Eclesiologia  
 Ecumenismo  
 Espiritualidade  
 Fenomenologia da Religião  
 Hagiografia  
 História da Salvação  
 Instituições Religiosas  
 Liturgia  
 Mariologia  
 Ocultismo  
 Psicologia Religiosa  
 Problemas-Fronteira  
 Religião Comparada  
 Religiosidade Popular  
 Teologia da ação  
 Teologia Fundamental  
 Teologia da Esperança  
 Teologia da História  
 Teologia da Libertação  
 Teologia Moral  
 Teologia Pastoral  
 Teologia da Revelação  
 Vida Religiosa.

## OBRAS GERAIS

### CURSOS

33. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG, **Teologia para o Cristão de Hoje**, vol. 1 — **O Cristão no mundo atual**, São Paulo, Loyola, 1975. Trad. a cargo dos professores do Colégio M. Cristo Rei, S. Leopoldo.

É o primeiro dos 10 volumes de um curso de Teologia atual acessível e didática que, por solicitação dos bispos alemães, é elaborado pelo Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg. Este volume ocupa-se com o homem em confronto com as interrogações de sua existência e da História, em busca de uma resposta. Trata-se de uma obra especificamente didática e composta por vários autores visando à instrução religiosa e à catequese do cristão adulto. Os tradutores se esforçaram por dar, junto à versão, oportunas adaptações ao ambiente cultural brasileiro, como uma bibliografia complementar.

## ESTUDOS HISTÓRICOS

### HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL

34. CUPERTINO, Fausto, **As muitas religiões do brasileiro**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

Recolhendo certo volume de dados, de testemunhos e de entrevistas com personalidades de todo o Brasil, o autor procura caracterizar a religiosidade do povo brasileiro. Com os dados em mãos, checa o mito do Brasil como "maior país católico do mundo". Põe em foco a perda de terreno que a Igreja sofre ultimamente para as seitas protestantes e espíritas. Analisa, sobretudo em termos de números, a crise do clero brasileiro na História da Igreja no Brasil. O livro contém matéria publicada no jornal "O Estado de São Paulo" no ano de 1973.

## ESTUDOS BÍBLICOS

### ANTROPOLOGIA BÍBLICA

35. BELLINATO, Guilherme, Aspectos Escatológicos da Antropologia Neotestamentária em São Paulo, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 33 – 53.

Centro da pesquisa contemporânea, o homem é encarado como um ser projetado para o futuro. Por isso a temática da Escatologia ressurge com vigor. Nesta linha, o autor retoma a temática da Escatologia no Novo Testamento, procurando nos escritos de São Paulo um esclarecimento a respeito dos últimos acontecimentos da história humana. Fornece inicialmente explicitações de alguns TERMOS-CHAVE. Procura elucidar aparentes divergências entre os vários textos paulinos. Questiona o Apóstolo a respeito de sua concepção de Parusia.

### ARQUEOLOGIA BÍBLICA

36. CHARBEL, Antônio, Bíblia e Arqueologia: As grandes descobertas do século na Síria, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 79 – 83. **Suplemento Cultural**, 1 (27).

O artigo quer apresentar algumas descobertas arqueológicas, realizadas recentemente na Síria, que, embora projetem novas luzes diretamente sobre a história profana, faz conhecer melhor o ambiente que a Bíblia supõe. Apresenta três destas descobertas: RAS-SHAMRA ( promontório da antiga UGARIT ), a cultura de MARI ( identificada apenas em 1934 ) e EBLA ( capital de um grande império desconhecido até 1964 ).

### HERMENÊUTICA BÍBLICA

37. DATTLER, Frederico, A Autenticidade das Cartas Paulinas: Reflexões e Pontos de Vista, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 71 – 74.

O autor propõe o critério de inclusão de “dados autobiográficos” como garantia da autenticidade das cartas de São Paulo. As sete cartas que a crítica moderna aceita como autênticas, mais **2 Tim**, encerram

tal tipo de informação. Analisa **Gálatas, 2 Coríntios, Romanos e 2 Timóteo** confirmando nestas cartas aquele critério.

38. KIPPER, João Balduino, A Autenticidade e a Cronologia das Epístolas Pastorais, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 75 – 78.

Mais uma “resenha” que um artigo, o autor resume estudo recente de BO REICKE sobre a autenticidade e a cronologia das Epístolas Pastorais. Procura rejeitar o critério de “dados pessoais” e situacionais ( o autor fala a propósito da Comunicação do Pe. Dattler neste mesmo número da **Revista de Cultura Bíblica** ), como o que mais facilita a explicação das Epístolas Pastorais. Apresenta o critério de se assumir que elas foram escritas por Paulo ou elaboradas por sua incumbência. Analisa, sob este enfoque: **1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo**.

39. SKRZYPCZAK, Otto, Diante do Presépio, junto com Isaiás, **Teocomunicação**, 6 (4): 341 – 347, dez., 1976.

Devemos enfrentar uma série de dificuldades quando queremos saber quantas e quais realmente são as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Os leitores de tais profecias podem ser classificados em categorias diversas, uns mais outros menos otimistas. É diante de tais dificuldades que o autor procura situar a perícopa de **Is 9, 1 – 6** como profecia natalina. Embora, segundo ele, não haja esperança definitiva de caracterizá-la como messiânica, todos os leitores, do mais simples ao mais erudito, devem entrar, na noite de Natal, em sintonia ( de fé ) com a alegria otimista daquele profeta de Israel.

## TEOLOGIA BÍBLICA

40. TERRA, João E. Martins, Teologia Bíblica, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 1/2 ): 99 – 143, 1976.

Ciência recente, a Teologia Bíblica encontra aqui conceito e caracterização de suas categorias próprias. Enquanto tal, ela teve, no entanto, uma longa pré-história que o autor procura sintetizar, neste artigo, perfilhando as suas etapas e os métodos aplicados em cada época. São abordados ainda os problemas específicos das teologias vetero-testamentária e neotestamentária.

## ESTUDOS SISTEMÁTICOS

## ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA

41. BETTENCOURT, Estêvão, Ressurreição dos Mortos e Antropologia, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 55 – 69.

O que acontecerá após o instante da morte ? O autor reúne dois grandes tipos de respostas: a antropologia clássica, a favor da ressurreição na consumação dos tempos, e a nova concepção antropológica, que afirma a ressurreição logo após a morte. Expõe a filosofia subjacente em ambas as posições. Baseando-se na Revelação Bíblica, na Tradição e no Magistério da Igreja, propugna a ressurreição na consumação dos tempos como a mais provável, embora admita que a nova antropologia não invalide tal posição.

42. KONINGS, Johan, “**Homo Capax Dei**”. Natal e a Antropoteologia, **Teo-comunicação**, 6 (4): 348 – 359, dez., 1976.

Afirmando que a vida humana de Jesus não foi um teatro ( “divina comédia” ) e sim uma crua e aparentemente “absurda” ( no sentido de Eclesiastes e de Camus ) participação da existência humana, o autor fala da necessidade de se libertar da maneira caricatural e do docetismo popular no encarar a vida de Cristo, que o nosso Natal tem costume de manifestar. Uma antropologia que mostre o homem como “capax Dei” é que poderá esclarecer a unidade Deus-Homem em Jesus Cristo e a nossa participação nela. Inverte-se então a fórmula tradicional: agora é o homem que é capaz de abrigar a Deus. E Jesus Cristo é a revelação desta capacidade. A mensagem de Natal é então: participar de Deus no homem entendido como Deus o concebe ( no Homem-Filho ).

43. STADELMANN, Luís I.J., Aspectos Escatológicos da Antropologia Egípcia Antiga, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 3 – 31.

As realizações dos antigos egípcios no campo artístico, sobretudo dedicadas ao sepultamento dos mortos e igualadas por pouquíssimas civilizações da antigüidade, são, para o autor, a revelação de uma

fé na sobrevivência no além. No entanto há, para ele, um excessivo cuidado, provocado pelo medo dos egípcios frente à morte, nas medidas tomadas por eles para proteger o defunto contra possíveis ameaças que o aguardam na outra vida. Este excesso desvirtua a crença do povo. O artigo apresenta uma visão histórica das concepções escatológicas contidas nos monumentos e na literatura egípcia do Antigo Império. Analisa a visão do mundo espiritual segundo aquele povo e sua concepção do mundo do além. Salienta a tonalidade pessimista da crença egípcia na vida futura.

## CATEQUESE

44. BARBÉ, Domingos, **Fé e ação: catecismo para os cristãos das comunidades de base**, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

Trata-se de um resumo doutrinal com o objetivo de servir de guia para o estudo de alguns aspectos importantes da doutrina cristã. É fruto da experiência do autor com as comunidades de base e é a elas destinada como uma espécie de catecismo. Contém uma série de temas que podem servir para estudos bíblicos.

## CRISTOLOGIA

45. INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG, **Teologia para o Cristão de hoje**, vol. 2 — **Resposta de Deus em Jesus Cristo**, São Paulo, Ed. Loyola, 1975, trad. a cargo dos professores do Colégio M. Cristo Rei, S. Leopoldo.

Trata-se do segundo volume do compêndio de teologia ( por correspondência ) do Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg. O tema é a resposta que Deus oferece enviando seu Filho Jesus Cristo. Constitui uma apresentação didática a um nível acessível da cristologia atual. Segue mais uma interpretação exegética vivencial ( o que significa para o homem de hoje ? ) do que historicista e objetivante com respeito aos acontecimentos e às palavras de Jesus. Merece destaque o esforço dos tradutores em atualizar para o público brasileiro esta obra nascida fora de nosso contexto, através de algumas complementações e através do índice bibliográfico complementar.

## ESPIRITUALIDADE

46. VÁRIOS, **A vida carismática**, Coleção "O Novo Pentecostes, nº 7, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

Mais que preocupação doutrinária, os autores procuram desenvolver, em poucas páginas, temas relativos ao amor a Deus, aos carismas, aos sacramentos com a finalidade de dar um reforço espiritual à alma cristã.

47. VÁRIOS, **O dom de curar**, Coleção "O Novo Pentecostes", nº 88, São Paulo, Ed. Loyola, 1976.

A cura é o tema enfocado pelos autores como um dom do cristão amadurecido na fé. Consiste mais em "fazer o bem" do que em "se sentir bem". Implica a oração e a interioridade e pertence fundamentalmente ao povo de Deus.

## LITURGIA

48. ZILLES, Urbano, Liturgia em Rádio e Televisão, **Veritas**, 22 (85): 30 – 41.

A revolução provocada pelos Meios de Comunicação Social vem justificar a ênfase dada pela Igreja nestes meios como instrumento da evangelização. No documento "Evangelii Nuntiandi", embora Paulo VI reconheça a legitimidade deste recurso, não faz, contudo, referência a uma Liturgia Sacramental. O articulista pergunta até que ponto os Meios de Comunicação podem ser colocados a serviço da evangelização: se é possível substituir liturgicamente a assembléia dominical por uma missa televisionada. O autor procura mostrar as implicações teológicas da Liturgia pelo Rádio e TV. Mostra que os Meios de Comunicação promovem a comunidade fraterna, levando os homens a participar de uma liturgia cósmica. No entanto, não acredita que eles possam substituir plenamente a liturgia comunitária concreta.

## TEOLOGIA DA ESPERANÇA

49. LEFARGNEUR, Hubert, Esperança: a dimensão escatológica da fidelidade cristã, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 1/2 ): 67 – 81, 1976.

Analisa o autor as relações que unem Esperança e Escatologia. Propõe, como tese fundamental, que a Esperança é a vivência da dimensão

escatológica da história, o que supõe também uma dimensão de fé. Há sempre um “resto de caminho” não claramente definível. A esperança comporta uma utopia e a fidelidade à fé cristã é o seu conteúdo ético. Ela alimenta a tensão entre nossa cidadania do céu e nossa cidadania da terra.

## TEOLOGIA FUNDAMENTAL

50. GERKEN, John D., **Teologia do Laicato**, São Paulo, Ed. Herder, 1968, trad. Maria Clara Malmegrim.

Assunto tão antigo mas também tão atual, a tarefa do leigo na Igreja recebe do autor um estudo crítico. Traz à discussão as posições dos autores que tratam modernamente do assunto: Mons. Philips, Thalhammer, Congar, Rahner e outros. Analisa a encíclica “Sacra Virginitas”, para o que evoca os textos escriturísticos no estudo da virgindade, apontando-lhes o **Sitz im Leben**. No geral, a obra focaliza dois pontos: o significado religioso do laicato e a responsabilidade do leigo.

51. RAHNER, Karl ( coord. ), **O problema da infalibilidade: respostas à interpelação de Hans Küng**, São Paulo, Ed. Loyola, 1976; trad. Jesus Hortal.

Resposta ao livro de Hans Küng intitulado: “**Infalível ?**”, esta obra reúne as críticas à opinião deste autor feitas por altas figuras no campo teológico. Karl Rahner, coordenador da obra, desenvolve inicialmente o conceito de infalibilidade dentro da teologia católica, depois dá início à crítica ao polêmico teólogo Hans Küng que será seguida da crítica dos outros autores, sempre na linha de Rahner. Num apêndice o leitor encontrará as declarações de três conferências episcopais a respeito do livro de Küng.

52. SEGUNDO, Juan Luis, ( em colaboração com o Centro Pedro Fabro de Montevidéo ), **Teologia Aberta para o Leigo Adulto — 2. Graça e Condição Humana**, São Paulo, Loyola, 1977. Trad. Luiz João Gaio.

Segundo tomo da coleção, esta obra é uma reflexão sobre a existência cristã, entendida como uma dádiva ( graça ) de Deus. Este dom converte a existência humana em “graça”, isto é, confere-lhe o caráter de gratuito, gracioso, encantador. Trata-se de um chamado a uma nova exis-

tência, constituindo uma nova criação. O autor procura explorar as várias dimensões da existência como graça: como transformação concreta da própria condição humana, como dinamismo para as alturas, como participação em uma história comum, como movimento que aprofunda o caminho para a maturidade. Apresenta, em anexo, indicações pastorais, textos bíblicos e conciliares comentados e um questionário.

53. SEGUNDO, Juan Luis ( em colaboração com o Centro Pedro Fabro de Montevideú ), **Teologia Aberta para o Leigo Adulto — 3. A nossa Idéia de Deus**, São Paulo, Loyola, 1977. Trad. Luiz João Gaio.

O autor procura colocar a idéia de Deus dentro do diálogo vivo com os homens. Mostra porque as perguntas como “O que é Deus ? Como é Deus ? Como Deus Age ? ” devem ter interesse para o homem. Apresenta duas fontes da noção de Deus que se devem condicionar mutuamente: a da Revelação e a das relações inter-humanas na sociedade. Denuncia os desvios teóricos ( Voltaire, Freud, Marx ) na formulação da idéia de Deus, não como elementos nocivos, mas necessários. O ateísmo é encarado como necessário para a fé. A noção de Deus deve percorrer o caminho que vai do ateísmo à fé. Trata-se de uma aproximação crítica do Deus da sociedade industrial.

54. WILGES, Irineu, Onde ficou o meu Deus ? , **Veritas**, 22 (85): 42 — 51.

Nesta conferência proferida a um grupo de Universitários, o autor analisa o confronto da idéia de Deus, insuflada nos tempos de infância por uma catequese “sem vida” e pelas práticas religiosas impostas, e o bombardeio que esta mesma idéia recebe, depois, das situações e posições, inteiramente opostas, do ambiente moderno e das visões de mundo atéias e que conduzem a um questionamento profundo da própria fé. Analisa o que sobrou deste “bombardeio de Deus”. A partir daí procura mostrar a maneira pela qual o universitário pode encontrar Deus, sem ter a necessidade de renegar suas dúvidas e questionamentos.

## TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

55. BRATTI, Paulo, Evangelização e Libertação, **Teocomunicação**, 6 (4): 372 — 383, dez., 1976.

O autor oferece alguns pontos de reflexão sobre um tema da **Evangelii nuntiandi**: a libertação e seu relacionamento com a missão evangelizadora da Igreja. Recapitula a história da evangelização, de Cristo até hoje. Apresenta o novo contexto cultural de hoje pela consciência da solidariedade, da história, do papel dos leigos na Igreja e das mudanças ocorridas na vida do homem de hoje. Analisa o conteúdo da libertação, colocando-a como condição da própria evangelização.

56. RUBIO, Alphonso Garcia, **Teologia da Libertação: Política ou Profetismo ?**, São Paulo, Loyola, 1977.

Esta obra constitui uma análise crítica da crise da civilização ocidental que, no contexto latino-americano, eclodiu sobretudo em razão da tomada de consciência de uma situação de dominação. Aqui ela se apresenta tal como foi vivida e pensada por cristãos comprometidos com a superação do subdesenvolvimento latino-americano. A obra é apenas parte da tese defendida pelo autor na Universidade Gregoriana de Roma em 1973. Procura estudar as origens da chamada Teologia da Libertação, seus fundamentos, características, funções e metodologia. É uma reflexão sobre a práxis e os compromissos assumidos pelos cristãos que interpretam a realidade latino-americana em termos de dependência e libertação. Expõe, o autor, a problemática subjacente à teologia política latino-americana e a análise do seu conteúdo.

## TEOLOGIA PASTORAL

57. LIMA, A. de A., LIMA, P. R. de, SOUZA, L. J. de A., Festa das Festas. Folclore Natalino do Nordeste, **Teocomunicação**, 6 (4): 360 – 371, dez., 1976.

Os articulistas fazem uma análise do folclore daquela que é a festa principal para o nordestino: o Natal. Sua dimensão religiosa e social revela a índole profundamente espiritual e hospitaleira do povo. Estudando as formas de manifestação folclórica do Natal nordestino, sobretudo música e dança, nas cidades, nas vilas e nos engenhos da região, o artigo analisa as condições positivas e negativas que poderiam propiciar uma ação pastoral e catequética adequada para esta época.

58. SOUBIGOU, Luís, A escatologia na pastoral moderna, **Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 1/2 ): 82 – 99, 1976.

Por que a escatologia geral ( ressurreição dos mortos, retorno de Cristo, juízo final ) está quase ausente na pastoral ordinária ? O autor procura responder pela consciência que temos das delongas providências necessárias ou por egoísmo latente, ou ainda, excesso de individualismo. No entanto, a maior dificuldade proviria do fato de conhecermos muito mal o que se passará na escatologia. Os autores inspirados foram forçados a exprimir-se por imagens de sua época, apenas aproximativas.

### **TEOLOGIA DA REVELAÇÃO**

59. MORAN, Gabriel, **Teologia da Revelação**, São Paulo, Ed. Herder, 1969; trad. Cláudia Behmer.

A revelação não é algo estática ou objetiva. Deve ser compreendida como a contínua comunicação de Deus com o homem. Com esta visão, o autor considera alguns pontos que acredita cruciais para o desenvolvimento, tanto de uma teologia científica da revelação, quanto de uma compreensão pastoralmente relevante dela. Trata-se de uma exposição teológica da natureza da revelação, envolvendo questões fundamentais desta parte da teologia católica.

Tarcísio Moura

**REVISTA DE REVISTAS**

## REVISTA DE REVISTAS

**Atualização**, 7 (84): 915 – 960, dez., 1976.

J. B. LIBÂNIO, Teologia e Hermenêutica; COMITÊ MISTO da S. Congregação para a Educação Católica e do Conselho de Leigos, A pastoral universitária ( Documento ).

**Boletim Bibliográfico – Sesc**, (15): 1 – 78, jun., 1976.

Número dedicado ao tema Diagnóstico e Pesquisa Sociais. Apresenta Bibliografia sobre o assunto; artigo de Sebastião Henrique CHAVES, Diagnóstico e Pesquisa Social.

**Carta Mensal**, 22 (262): 1 – 60.

José Arthur RIOS, A Declaração de Vancouver e o destino das cidades; Herculano Borges da FONSECA, As origens do poder; Júlio FLEICHMAN, à procura do melhor governo.

**CEI, Centro Ecumênico de Informação**, Suplemento 16, dez., 1976, 36 págs.

TEMA: Reconciliação. Rubem A. ALVES, Três Paradigmas da Doutrina da Reconciliação; Paulo César L. BOTAS, Reconciliação: A desmistificação da Dignidade; J. B. LIBÂNIO, Reconciliação; Zwinglio M. DIAS, Reconciliação: Sanção do presente ou possibilidade de um Futuro Novo ? ; Eliseu LOPES, A Reconciliação.

**Convergência**, 9 (98): 577 – 640, dez., 1976.

Roger CAMPOUX, Novas Perspectivas da Formação Religiosa; Victor Hugo S. LAPENTA, Homem e Mulher na Vida Religiosa; José LOBINA, Nova Disciplina para a Demissão dos Religiosos.

**Convergência**, 10 (100): 65 – 128, mar/1977.

Luiz COLUSSI, Prática Evangelizadora da Igreja Hoje – Situação e Perspectivas Pastorais; Fábio PANINI, Religiosos e Leigos – Bispos e Presbíteros – O Problema da Identidade; Marcello de Carvalho AZEVEDO, Vida Religiosa, uma Vocação Apostólica – O Problema da Identidade.

**Didata**, (6): 1 – 63

M. B. LOURENÇO FILHO, Objetivos do ensino; Arlette D'ANTOLA e outros, Subsídios para o aperfeiçoamento do plano de ensino; Nélio PARRA, Instrução individualizada II – O plano Keller; Dermeval SAVIANI, Valores e objetivos na educação; Laís Esteves LOFFREDI, Tarefas do corpo docente no aconselhamento.

**Estudos CEBRAP**, (16): 1 – 68, abr./jun. 1976.

Francisco de OLIVEIRA, A produção dos homens sobre a reprodução da população sob o capital; Guido MANTEGA, A lei da taxa de lucro: a tendência da queda ou a queda da tendência; Juan Carlos TORRE, Sobre as origens do Peronismo: a CGT e o 17 de outubro de 1945; Philippe FAUCHER, Burguesia e Revolução no Peru: um estudo sobre a política do desenvolvimento em país dependente; José Reginaldo PRANDI e Elza BERQUÓ, Fecundidade em Salvador: veredas de uma análise dicotômica; Maria MORAES, A questão feminina.

**Estudos CEBRAP**, (17): 1 – 176, jul./set. 1976.

J. R. WELLS, Subconsumo, tamanho de mercado e padrões de gastos familiares no Brasil; Paul SINGER, Evolução da economia brasileira: 1955 – 1975; Elisabeth JELIN, O tempo biográfico e a mudança histórica: reflexões sobre o uso de histórias de vida a partir da experiência de Monterrey; Richard M. MORSE, A americanização da linguagem; Vinicius Caldeira BRANT, Nota sobre as interpretações burocráticas da burocracia ou as artes da tesoura; José

Arthur GIANNOTTI, Notas sobre a categoria “modo de produção” para uso e abuso dos sociólogos.

**Humana**, 1: 1 – 203, 1975.

Erich A. von BUGGENHAGEN e Maurília G. GOTTLÖB, Um doutoramento em Alemão; Irineu de MOURA, Oposições e transformações em Pintura; Gilberto L. A. BORGES e Grigor VARTANIAN, A preliminary Experiment on the Fairness of the alternative Response Items; Edna B. PROSPERI e Cleone A. C. L. A. RIBEIRO, Métodos e técnicas de pesquisa em ciências humanas; Irineu de MOURA e Maria Helena Acayaba de TOLEDO, Indução e humor; Grigor VARTANIAN, Um ponto de vista sobre a classificação de Imídeo Nerici para métodos didáticos; Maria Aparecida Robha BAUAB, A História da Educação e o Futuro; Maria Helena Acayaba de TOLEDO, Lazer de Estudantes: leitura, jornais, revistas, livros: Nilce Aparecida LODI, A História da Educação como disciplina escolar; Yvone de M. C. ALMEIDA, O problema da acuidade auditiva no escolar; Zuleika A. ATTAB, Um estudo experimental sobre os testes ABC; Hortência C. CHIEDDI, Aprendizagem de uma fórmula matemática por meio de Instrução Programada; José Misael Ferreira do VALE, Considerações ao redor da idéia de prontuário do aluno; Lafayete Ibraim SALIMON, Um estudo do aspecto político do Planejamento Educacional do Brasil.

**Presença Filosófica**, 3 (1): 1 – 68, abr./jun., 1977.

UNESCO, Mensagem à III Semana Internacional de Filosofia; Newton A. VON ZUBEN, Projeto e utopismo dialógico: uma questão de antropologia; Pedro Dalle NOGARE, Desenvolvimento e Liberdade; Eduardo Prado de MENDONÇA, Presença de Deus no desenvolvimento da ciência; Terezinha Accioly Corseuil GRANATO, Ideologia e Educação; Beneval de OLIVEIRA, O belo indefinido.

**Problemas Brasileiros**, 14 (156): 1 – 36, ago. 1976.

Cândido MOTTA FILHO, Ecologia e Civilização; Luiz Cintra do PRADO, Possibilidades das chamadas novas energias; Alfredo

Cecílio LOPES, O Bicentenário da Declaração de Independência: uma perspectiva histórica.

**Problemas Brasileiros**, 14 (157): 1 – 24, set. 1976.

José PAPA Jr., Um marco na vida do Sesc e Senac; Dorival Teixeira VIEIRA, Planejamento econômico e estatização.

**Problemas Brasileiros**, 14 (158): 1 – 24, out., 1976.

Samuel PFROMM NETTO, A tortuosa trajetória da aprendizagem humana; Miguel REALE, O modelo político da democracia social no Brasil.

**Reflexão**, 1 (3): 1 – 240, set., 1976.

Gabriel Lomba SANTIAGO, As múltiplas direções da filosofia contemporânea; João Carlos NOGUEIRA, Heidegger ou os novos caminhos da filosofia; Constança Marcondes CÉSAR, A influência de Brunschvicg em Bachelard; Hílton JAPIASSU, Por uma 'filosofia' da Psicologia; Antônio Carlos MAZZEO, O estruturalismo e a opção tecnocrática; João Francisco Regis de MORAIS, Oswald Spengler: o ocidente agônico; Rubem ALVES, Religião: patologia ou a busca da sanidade; Florindo STELA, A ansiedade existencial para Paul Tillich; José Antônio de Moraes BUSCH, Caminhos da pastoral universitária na PUC de Campinas; Crônicas, Resenhas, Bibliografias, Revistas.

**Reflexão**, 1 (4): 1 – 232, dez. 1976

Francisco de PAULA SOUZA, A doutrina aristotélico-tomista da ciência; Carlos Lopes de MATTOS, Monismo ou pluralismo; Newton Aquiles VON ZUBEN, Projeto e utopismo dialógico: uma questão antropológica; Azael Duarte MARTINS, Jhering: a Luta pelo Direito; Maria Teresa Penteadó CARTOLANO, A filosofia na formação do professor do 2º grau. Crônicas, resenhas, bibliografias, revistas. Índices de resenhas e de autores.

**Revista de Cultura Bíblica**, 13 ( 3/4 ): 1 – 87, 1976. Instituto Teológico Pio XI, Rua Pio XI, 1100; 05060 – São Paulo – SP

Luís I. J. SATADELMANN, Aspectos Escatológicos da Antropologia Egípcia Antiga; Guilherme BELLINATO, Aspectos Escatológicos da Antropologia Neotestamentária em São Paulo; Estêvão BETTENCOURT, Ressurreição dos Mortos e Antropologia; Frederico DATTLER, A Autenticidade das Cartas Paulinas: Reflexões e Pontos de Vista; João Balduino KIPPER, A Autenticidade e a Cronologia das Epístolas Pastorais; Antonio CHARBEL, Bíblia e Arqueologia: As grandes descobertas do século na Síria.

**REB, Revista Eclesiástica Brasileira**, 36 (143): 539 – 776, set. 1976.

ARTIGOS: Jaime SNOEK, Paternidade Responsável – Algumas Anotações; Antônio MOSER, Matrimônios Interconfessionais – Um desafio para o Ecumenismo; Mário BONATTI, Liturgia, Comunicação e Cultura (I); José COMBLIN, Os Conceitos Cristãos de Liberdade e Libertação (II); Oscar Beozzo, A Igreja e os Índios ( 1875 – 1889 ). COMUNICAÇÕES: Edvaldo Canêjo do AMARAL, A Liberação do Celibato, um Imperativo Urgente da Pastoral em nossos Dias; Maria do Carmo R. NEVES, Prostituição: Abolicionismo – Regulamentarismo – Proibicionismo; Néri FEITOSA, Crítica à Linguagem do Rito para Batismo; Paulo BRATTI, O Futuro da Paróquia Urbana; M. GROETELAARS, “Fanatismo Religioso” no Nordeste do Brasil e Religiosidade Popular, Antonio Alves de Melo, Notas sobre a Igreja do Brasil. DOCUMENTAÇÃO: Antonio FRAGOSO, A Verdade sobre o Caso dos Bispos no Equador.

**Veritas**, 21 (84): 309 – 408, nov., 1976.

Urbano ZILLES, Valores no mundo de hoje; Neljanir da Silva GUIMARÃES, O Projeto Rondon; Tadeu GRINGS, Visão cristã do mundo; Ely Souto dos SANTOS, Conhecimento científico e filosófico; Francisco S. MASSA, A física e os problemas energéticos; Nilza Pereira da COSTA, e Waldir Antônio JORGE, Exodontias em pacientes que receberam terapia com drogas anticoagulantes; Pedro

Genro SURREAUX, Os bovinos, a ecologia e a genética; Thomaz José LOMANDO, Fecundidade e saúde materno-infantil; Epitácio TORRES, Breve estudo sobre Dostoievsky; Ricardo Soares CONTESSA, Breve descrição do sistema social na dinâmica do meio ambiente.

**Veritas, 22 (85): 1 – 107, mar., 1977.**

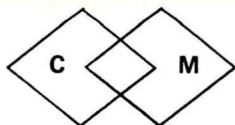
Elvo CLEMENTE, A formação do professor para o curso de turismo; Berta Weil FERREIRA, A maturidade do professor; Edson FRANCO, Falta de liderança juvenil na época atual; Urbano ZILLES, Liturgia em rádio e televisão; Irineu WILGES, Onde ficou o meu Deus ? ; Sílvio A. B. MEIRA, Os museus nacionais e as artes plásticas e o direito de reprodução comercial; Hilda Agnes Hubner FLORES, Românico em Portugal; Juan José Mouriño MOSQUERA, Desenvolvimento de criatividade e visão de um mundo na criança.

**Vozes, 71 (1): 1 – 120, jan./fev., 1977.**

Número especial dedicado ao concretismo. Documento: arte concreta e contexto sociocultural; Neide Dias de SÁ, A I Exposição nacional de arte concreta; Gilberto M. TELES, O nome poesia concreta; Reynaldo JARDIM, Depoimento de quem fez História; Mario CHAMIE, A página Invenção e Eu; Antônio Silvano SANTIAGO, Paulistas e mineiros; Anchieta FERNANDES, Grupo Dez, um ano em ação cultural; Antônio Sérgio MENDONÇA, Concretismo: a categoria de estrutura no grupo Moigrandes; Antônio RISERIO, Poesia concreta: por dentro & por fora; Álvaro de SÁ, Espaço, linguagem e tempo na poesia concreta; Entrevista com Décio Pignatari, Ferreira Gullar, José Paulo Paes e Edgard Braga.

**Vozes, 71 (2): 121 – 200, mar., 1977.**

Sebastião VELASCO e CRUZ, Ciência e democracia: notas sobre Jurgen Habermas; Rosine Jozef PERELBERG, A teoria das doenças e suas curas entre os Tenetehara; Orlando SOARES, A problemática do ensino no Brasil; Jacyntho José BRANDÃO, Velhas histórias em quadrinhos; Irineu de MOURA, Ficção científica francesa no Brasil.



**CORTEZ E MORAES LTDA.**

**EDIÇÕES CORTEZ & MORAES**

- SEVERINO, Antonio J., Metodologia do Trabalho Científico: Diretrizes para Trabalho Didático — Científico na Universidade, 1976, 2ª edição, 3ª tiragem, 112 págs.
- MACHADO, Geraldo P., A Filosofia no Brasil, 1976, 3ª edição, 121 págs.
- CHIAVEGATO, Augusto J., ( org. ) Homem Hoje, 1976, 2ª edição, 130 págs.
- MINICUCCI, Agostinho, Orientação Educacional: Sondagens de Aptidões e Iniciação Profissional, 1976, 158 págs.
- MINICUCCI, Agostinho, Análise Transacional pela Imagem, 1976, 114 págs.
- PRESTES, Naide A., Supervisão Pedagógica, 1976, 79 págs.
- JAGUARIBE, H. e outros., Dependência Político-Econômica da América Latina, A Coedição Cortez & Moraes/Loyola, 1976, 157 págs.
- MORAIS, Regis de, Queda de Areia, 1976, 82 págs.
- MORAIS, Regis de, e VENTURELLI, Isolde H. B., Vontade de Viver, 1976, 32 págs.
- MORAIS, Regis de, Ciência e Tecnologia-Introdução Metodológica e Crítica, Coedição Cortez & Moraes/PUCC — 1977, no prelo.
- BUBER, Martin., Eu e Tu, 1977, no prelo.
- LEPARGNEUR, Hubert, A Igreja e o Reconhecimento dos Direitos Humanos na História, 1977, no prelo.
- CORIAT, Lydia F., Maturação Psicomotora no 1º Ano de Vida da Criança, 1977, no prelo.

- REYMÃO, Maria E., Atribuições Profissionais do Assistente Social, Coedição Cortez & Moraes/Loyola, 1976, 174 págs.
- BAPTISTA, Myrian V., Desenvolvimento de Comunidade, 1976, 169 págs.
- CORNELY, Seno A., Serviço Social: Planejamento e Participação Comunitária, 1976, 148 págs.
- VAISBICH, Stella B., Serviço Social: Tipologia de Diagnóstico: Subsídios, 1976, 147 págs.
- KISNERMAN, Natalio, Temas de Serviço Social, 1976, 76 págs.
- BEREZOVSKY, Mina, Serviço Social na Administração Hospitalar, 1977, no prelo.
- FALCÃO, Maria do Carmo B. C. F., Serviço Social: Uma Nova Visão Teórica, 1977, no prelo.
- AMMAN, Safira B., Participação Social — 1977 no prelo.
- PERLMAN, H., O que é o Assistente Social — 1977, no prelo.

Prestige o Livreiro da sua Cidade: na impossibilidade,  
solicite pelo Reembolso Postal.

Cortez & Moraes Ltda.  
Rua Ministro Godoy, 1.002  
05015 — São Paulo — SP  
Tel. (011) 62.8987

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**GRÃO-CHANCELER**

Prof. Dr. D. Antônio Maria Alves de Siqueira

**MAGNÍFICO REITOR**

Prof. Dr. Benedito José Barreto Fonseca

**VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS**

Prof. Dr. D. Roberto Pinarello Almeida

**VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS**

Prof. Dr. Marino Emílio Falcão Lopes

**CAPELÃO-GERAL**

Monsenhor Luís Fernandes de Abreu

**PÁROCO E COORDENADOR-GERAL DA PASTORAL**

Prof. Pe. José Antonio Morais Busch

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA**

**DIRETOR**

Prof. Cônego Haroldo Niero

**VICE-DIRETOR**

Prof. Cônego Fernando de Godoy Moreira

**COORDENADOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino

**COORDENADOR DO DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA**

Prof. Côn. Haroldo Niero

**SECRETÁRIA DO INSTITUTO**

Vilma Pratalli

